



# FÁBRICA DE CONTOS DOS REINOS ENCANTADOS

MÁRCIA MARIA FONTELES VASCONCELOS (ORG.)



INSTITUTO FEDERAL  
Ceará



**FÁBRICA  
DE CONTOS  
DOS REINOS  
ENCANTADOS**



**Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

**Ministro da Educação**

Camilo Sobreira de Santana



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - IFCE**

**Reitor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará**

José Wally Mendonça Menezes

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação**

Joélia Marques de Carvalho

**Pró-Reitora de Ensino**

Cristiane Borges Braga

**Pró-Reitora de Extensão**

Ana Cláudia Uchôa Araújo

**Pró-Reitor de Administração e Planejamento**

Reuber Saraiva de Santiago

**Pró-Reitor de Gestão de Pessoas**

Marcel Ribeiro Mendonça



**EDITORA IFCE**

**Editor Executivo**

Tiago Estevam Gonçalves

**CONSELHO NATOS**

Tiago Estevam Gonçalves (Presidente)

Sara Maria Peres de Moraes

Joélia Marques de Carvalho

Ana Cláudia Uchoa Araújo

Cristiane Borges Braga

**CONSELHEIROS TITULARES**

Anna Erika Ferreira Lima (*in memoriam*)

Alisandra Cavalcante Fernandes de Almeida

Iara Rafaela Gomes (UFC)

Marieta Maria Martins Lauar

Marcílio Costa Teixeira

Ana Cristina da Silva Moraes (*in memoriam*)

Barbara Suellen Ferreira Rodrigues

Glendo de Freitas Guimarães

Francisco Régis Vieira Alves

Antônio Wendel de Oliveira Rodrigues

Auzuir Ripardo de Alexandria

Sandro César Silveira Jucá

Antônio Cavalcante de Almeida

Beatriz Helena Peixoto Brandão

Leonardo Araújo da Costa (UFC)

Cristiane Sousa da Silva

Glauber Carvalho Nobre

Rômulo Celly Lima Siqueira

Keila Cristina Nicolau Mota

Maria do Socorro de Assis Braun

Sarah Mesquita Lima

José Eranildo Teles do Nascimento

Igor de Moraes Paim

Nara Lídia Mendes Alencar

Anderson Ibsen Lopes de Souza

Marilene Barbosa Pinheiro

Wendel Alves de Medeiros

**Márcia Maria Fonteles Vasconcelos (Org.)**

# **FÁBRICA DE CONTOS DOS REINOS ENCANTADOS**

Fortaleza-CE  
2023



Fábrica de Contos dos Reinos Encantados  
Márcia Maria Fonteles Vasconcelos (Org.)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PRPI  
Editora IFCE – EDIFCE

As informações contidas no livro são de inteira responsabilidade dos seus autores.

## **EDITORA IFCE**

### **Editor Executivo**

Tiago Estevam Gonçalves

### **Editora Adjunta**

Sara Maria Peres de Morais

### **Revisão**

Marilene Barbosa Pinheiro

### **Normalização**

Sara Maria Peres de Morais

### **Supervisão de Design Editorial**

Julio Pio Monteiro

Lídia Farias

### **Capa**

Julio Pio Monteiro

Lídia Farias

### **Diagramação**

Editora SertãoCult



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará**  
**Editora IFCE - EDIFCE**

---

F126 Fábrica de contos dos reinos encantados. / Organizadora: Márcia Maria Fonteles Vasconcelos. --. Fortaleza: EDIFCE, 2023.

211 p. il.

*E-book* no formato PDF 2.049 KB

ISBN: 978-65-84792-21-0 (*e-book*)

ISBN: 978-65-84792-16-6 (impresso)

DOI: 10.21439/EDIFCE.30

1. Literatura infantojuvenil. 2. Contos. 3. Fantasia. I. Vasconcelos, Márcia Mari Fonteles (org.). II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

CDD 808.8

---

**Bibliotecária responsável: Sara Maria Peres de Morais CRB N° 3/901**



Contato

Rua Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426.

Fone: (85)34012263 / E-mail: [edifce@ifce.edu.br](mailto:edifce@ifce.edu.br) / Site: [editora.ifce.edu.br](http://editora.ifce.edu.br).

# PREFÁCIO

*Gilson Soares Cordeiro*

Permita-me iniciar esta conversa, trazendo-lhe uma ardilosa questão: se toda a roupa da Cinderela, após as doze badaladas, voltou a ser farrapo, como foi possível o sapatinho continuar de cristal?

Sai em busca dessa questão em muitas academias de homens e mulheres sisudos, bigodudos, testas franzidas, óculos grossos e escuros. Realizaram reuniões de departamentos e enquetes eletrônicas, com muitas perguntas. Fizeram até reuniões para definir as perguntas (são muito engraçados mesmo os grandes adultos). E então, um rio de palavras secou de respostas.

De lê-las todas, prefiro a resposta de minha sobrinha de 5 anos: “Ora bolas, tio, continua de cristal, porque o príncipe está apaixonado! O sapato é mágico!”

Então, devo confessar que este livro é mágico, fruto de uma paixão. Confesso, com todo rubor que possa surgir em minhas bochechas osudas, como sou gente grande que dirige escola e faz prefácios. Repito: este livrinho é muito mágico!!!

Mágico porque, após as doze badaladas do término da disciplina de Literatura Infantojuvenil, do curso de Letras Português-Inglês do IFCE campus Camocim, conduzida pela professora Márcia Fonteles, continuam os desejos dos estudantes, brilhando em cristal, como contos; saem pelo mundo experimentando os pés de leitores, nos

quais resistem ainda alguma magia de calçar estas histórias em suas memórias, seus desejos, dores, alegrias...

São dezoito cinderelos e cinderelas estudantes que fizeram das aprendizagens roupas de reis e rainhas, carruagens, gigantes, elfos e objetos mágicos. São dezoito estudantes cinderelos tocados pela professora fada. Isso mesmo, é mesmo mágica, voa de uma sala a outra, de uma cidade a outra, em sua carruagem fantástica com seu fiel escudeiro, como grande professora, mãe, mulher encantadora de gentes, resiliente, transformando a séria “prova para a nota” em uma aprendizagem fantástica.

Ontem, conversando com Porter, Dr. Estranho e Guildofe, confessaram não ser capazes de tal proeza: “Somos homens e não somos capazes de fazer tal mágica”.

Enfim, vale a pena ler estas histórias, como vale a pena sonhar uma prática avaliativa desafiadora; como vale a pena ser autor e autora de suas próprias histórias e como vale a pena criticar com doçura a dura realidade.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
<b>CONTO I</b> PRÍNCIPE DE ARAN .....	11
<i>Bruna Monteiro Cavalcante</i>	
<b>CONTO II</b> O PRÍNCIPE SAULO E AURORA.....	17
<i>Carla Samara Martins do Nascimento</i>	
<b>CONTO III</b> A BRUXA E O MISTÉRIO DA FLORESTA NEGRAL .....	25
<i>Criziane Silva da Conceição</i>	
<b>CONTO IV</b> CASA DAS TRÊS MARIAS.....	34
<i>Eliene Moraes de Oliveira Araújo</i>	
<b>CONTO V</b> A PRINCESA ULA E O REINADO EM BETHA.....	39
<i>Francisca Fernanda Passos de Sousa</i>	
<b>CONTO VI</b> A DESCOBERTA.....	47
<i>Francisca Vanessa de Sousa Felisberto</i>	
<b>CONTO VII</b> ÂMBAR: A RAINHA DOS DOIS REINOS.....	58
<i>Francisco dos Santos Moraes</i>	
<b>CONTO VIII</b> O MISTÉRIO DO POVO DA FLORESTA .....	74
<i>Francisco Emanuel Barros</i>	
<b>CONTO IX</b> ARETHA E O REINO DE GESTUS .....	110
<i>Geovany Nicolas Durval de Oliveira</i>	
<b>CONTO X</b> A MISTERIOSA CURA DO REI .....	119
<i>Inara Araújo Rodrigues</i>	

<b>CONTO XI</b> LUZIA, A PRINCESA DA LUZ .....	126
<i>John Carneiro Dias</i>	
<b>CONTO XII</b> ADÍLIA VIU O VESTIDO A CHORAR.....	134
<i>Líliá Brito da Silva</i>	
<b>CONTO XIII</b> A BAILARINA E O CISNE .....	145
<i>Líliá Ricardo de Sousa</i>	
<b>CONTO XIV</b> A MALDIÇÃO DO REI HEDRON E A FLORESTA DA FELICIDADE.....	152
<i>Maria da Paz Silva de Sousa</i>	
<b>CONTO XV</b> O PASSEIO MARAVILHOSO .....	165
<i>Maria de Fátima Ferreira Brito</i>	
<b>CONTO XVI</b> UM ANJO SEM ASAS .....	176
<i>Maria Mariana Oliveira Santos</i>	
<b>CONTO XVII</b> UM CONTO PERDIDO .....	198
<i>Maria Nayane da Silva Arruda</i>	
<b>CONTO XVIII</b> LUCENA E AS ERVAS CIDREIRAS.....	204
<i>Mônica do Nascimento Silva</i>	
A ORGANIZADORA .....	210

# INTRODUÇÃO

*Márcia Maria Fonteles Vasconcelos*

Fruto de mentes criativas e de uma representação literária ressignificada. É assim que podemos, de forma mais concisa, explicitar o que representam os contos em questão; não necessariamente envolvidos em uma ambientação comum aos príncipes e princesas, com seus castelos e bruxas, mas também não distantes destes.

O presente livro conta com um apanhado de histórias que traduz a singularidade de cada discente no que concerne à literatura infantojuvenil. Reflexos de leituras ouvidas quando crianças; de leituras autônomas na adolescência e de interpretações mistas na fase adulta.

Aqui, temos um retrato do que representou a disciplina de Literatura Infantojuvenil e de como esta passou a ser concebida pelos autores. (Pre)conceitos, estereótipos foram desmistificados e a magia do conhecer possibilitou a cada um criar paradigmas, referências de contos que não necessariamente precisam de fadas para pertencerem ao gênero.

E assim, como que tomados pela magia das terras encantadas, os jovens revelaram os segredos das florestas, os medos dos seus personagens, as maravilhas do desconhecido e o fantástico advindo dos mistérios do guarda-roupa. Para isso, cada um precisou libertar-se de suas amarras. Foi preciso reconhecer aquilo que priva, que limita as crianças e os jovens dessa literatura, ainda mais quando se mostra uma referência literária tão rica quanto as outras.

Dispa-se também das ideias que o prendem a um modelo de literatura engessado e conheça o universo fantástico idealizado em cada história, comprometido com o encantamento de levar o outro aos sonhos, à imaginação por meio da leitura.

Cada história tem sua magia, seus mistérios, e, assim, cada conto vale por si e merece o espaço do deleite. Nenhuma apresentação ou resumo será suficiente para transmitir as sensações que uma boa leitura ou que algumas histórias, em específico, são capazes de despertar. Há quem diga que os livros são como portas, que ficam à espreita, no aguardo de cada leitor que tenha a(s) chave(s) certa(s) para desvendá-los. Você já descobriu qual livro sua chave abre?

# CONTO I

## **PRÍNCIPE DE ARAN**

*Bruna Monteiro Cavalcante*

Em um reino distante, viviam em um castelo a rainha Alba, o rei Antoni e o seu único filho, Lorenzo de Aran, o simples e prestativo príncipe daquele reino. A infância do único herdeiro foi vivida naquele belo castelo de Aran, um lugar de lindas montanhas e belas florestas; sua maior habilidade era andar de cavalo, pois, desde pequeno, era o que mais costumava fazer com seu pai.

Anos depois, o príncipe Lorenzo, já um belo rapaz, passava o dia com o povo de Aran; era muito querido por todos e sempre ajudava as pessoas. Com o passar do tempo, o príncipe ficava cada dia mais belo e pronto para construir sua nova família. O rei e a rainha já estavam ansiosos para seu casamento, porém Lorenzo queria casar-se por amor e não por arranjo. Sua mãe, a rainha Alba, inconformada com sua decisão, diz ao rei que providencie um belo baile, a fim de o príncipe escolher uma princesa com quem se case.

O príncipe, insatisfeito, sai veloz em seu cavalo. Distraído pela chuva, não observa que está indo longe demais, que está ficando escuro e que logo virão fortes chuvas. Com o anoitecer, Lorenzo se viu perdido, bem distante do seu reino, com frio e cansado. Ali mesmo, perto de umas árvores, resolveu descansar.

Uma bela moça, que sempre percorria todos os dias o mesmo trajeto para fazer compras no reino de Aran, viu um rapaz que parecia precisar de ajuda. Então desceu da carroça de seu pai, tocou-o e disse-lhe:

– Olá, você está frio, parece doente...deixe-me ajudá-lo!

O príncipe, fraco devido ao frio, com a vista embaçada de cansaço, mal podia falar com aquela bela moça. A moça, com pena dele naquela situação, colocou-o dentro de sua carroça, amarrou o cavalo do belo rapaz junto ao seu e retornou para casa, abrigando o seu cavalo e o rapaz. Lia, a moça que lhe deu abrigo, era uma bonita mulher que vivia com seu pai em uma casa de campo um pouco distante do reino de Aran. Era uma moça de beleza irreparável, doce e gentil.

Ao retornar para casa, uma simples casinha de campo, seu pai se assusta com tal rapaz, e Lia só deseja aquecê-lo. Serve um chá e o deita para que ele descanse. Lia só não imaginava que aquele moço era o príncipe de Aran.

A tempestade foi intensa e choveu por toda a noite. A rainha, preocupada com a demora do filho, promete a si mesma que não irá forçá-lo a casar se o encontrarem com vida, pois já estava aflita sem notícias do filho.

Ao amanhecer, o príncipe, encantado com a gentileza da moça, não se apresenta como príncipe, pois não queria assustá-la, mas se apaixona perdidamente por ela, uma moça simples e encantadora. Após acordar e vê-la tão radiante como o sol, promete voltar e vê-la mais vezes. Durante o caminho para casa, Lorenzo não para de pensar em Lia. Lia, também fica ansiosa por seu retorno, já apaixonada por ele.

Ao chegar ao castelo, a rainha o abraça e promete não o forçar a casar, pois o filho se perdeu por causa do orgulho dela e interesses maiores. Seu pai também o abraça e pergunta:

— Por onde estavas, meu filho querido? Eu e sua mãe estávamos aflitos com seu sumiço, sabes que Aran é um lugar perigoso quando se tem fortes tempestades!

O príncipe então responde:

— Pai e mãe, perdoem-me por causar aflições, mas acabei indo longe demais e ficando em meio à tempestade, mas uma bela moça me abrigou e passei a noite aquecido, ali meu coração também aqueceu. Sei que desejam que eu me case e, até ontem, não era meu de-

sejo, acreditem, mamãe e papai, mas, depois de ontem, eu quero me casar!!

Sem ao menos completar a fala, sua mãe fica feliz e já começa a falar sobre bailes e princesas da região. Lorenzo se altera e em voz alta desabafa:

— Mãe, para! Eu não quero bailes para conhecer outra mulher, eu quero me casar com Lia!

Os pais se olham, os empregados e os soldados do rei escutam tudo e se perguntam quem seria Lia; quem seria essa moça que fez o príncipe mudar de ideia.

O príncipe só não imaginava que Felipe, o braço direito de seu pai, conhecia bem Lia e que era a moça com quem ele sempre desejou se casar. Enfurecido com Lorenzo, ele se retira do salão do castelo e diz:

— Lorenzo não vai tirar Lia de mim!

O rei, abismado com tal atitude do filho, pergunta quem é Lia e de qual reino a jovem é. Lorenzo, com decepção, responde:

— Reino? Mamãe, lembre-se da promessa, ela é a mais bela mulher que já conheci, ela será do reino de Aran, ela será minha esposa!

Felipe, enfurecido por Lorenzo se apaixonar por Lia, se vê na obrigação de fazer algo para acabar com a vida de Lorenzo. Monta em seu cavalo e vai em busca da bruxa mais temida das distantes ilhas de Aran, uma fada má que era conhecida por proferir grandes maldições e fazer feitiços. Ele só pensava em tirar Lorenzo do seu caminho, assim tomaria posse do grande reino e se tornaria rei, pois seus planos era tomar tudo! Era um homem falso e ambicioso. Então, em sua longa viagem e passagem por perigosas florestas, encontra a velha casa da temida fada má. Ao adentrar, Felipe diz:

— Quero que me ajude e prometo dar-lhe o que quiser para o resto de sua vida! Quero ser o rei de Aran, mas, para isso, preciso acabar com algumas vidas.



A fada má, que vivia longe de tudo e de todos, deu-lhe, então, um vidro e disse o seguinte:

— Cuidado com o que desejas! Porém, aqui está a dose mortal, uma vez que alguém beba, morrerá.

Então, a fada má, vendo Felipe cheio de inveja e arrogância, entrega-lhe as doses mortais. Felipe fica satisfeito e retorna para o reino de Aran. Alguns dias depois, no mercado, a Fada má, que sempre fazia viagens longas ao reino, a fim de fazer compras e abastecer-se com mantimentos, escuta, entre boatos e fofocas, que o príncipe de Aran iria se casar com uma bela moça do campo. A fada má, curiosa para saber que moça seria, e já sabendo da armação de Felipe para a família real, imagina que Felipe seria capaz de tudo.

Dias depois, o príncipe Lorenzo encontra Lia e a leva junto com o pai para o castelo. Lorenzo então se declara, promete amá-la e a pede em casamento. Lia, já apaixonada, não recusa aquele pedido de amor. Todos das regiões de Aran são convidados para a grande festa de casamento. Felipe, tomado pela inveja, pega a bebida do príncipe e põe a dose mortal.

Como ainda não havia descoberto com quem o príncipe iria casar-se, a bruxa se aproxima para ver a moça e se depara com Lia, sua filha, que, ao nascer, foi dada por ela ao pai para não a colocar em perigo, em virtude da vida suja que ela levava. Com o pai, Lia cresceu com boa educação e gentileza. A fada má, tomada por fúria com tal atitude de Felipe e pela ambição dele em destruir a vida da filha dela, joga-lhe um grande feitiço e destrói toda a gota mortal, o que fez com que Felipe virasse uma pedra. Diante de todos, conta sobre a armadilha de Felipe contra a família real, deixando-os abalados. Nessa situação, a fada má, sem ao menos dizer que era a própria mãe de Lia, vai embora e promete não retornar. A festa então segue por três dias e todo mal daquele reinado vai embora. Lia e Lorenzo vivem felizes para sempre.



# CONTO II

## **O PRÍNCIPE SAULO E AURORA**

*Carla Samara Martins do Nascimento*

Era uma vez, em um reino muito distante, um povo que vivia sob o comando de um rei tirano e perverso, cujo reinado era conduzido por sua ganância e poder. Todos do povoado tinham medo e eram totalmente submissos às vontades do rei, se existisse alguém para confrontar suas ordens era ligeiramente submetido a castigos ou até mesmo à morte. O rei Frederico, assim chamado, viveu sua vida com amargura no coração por nunca ter tido um filho homem para herdar seu trono. Ao contrário de suas vontades, teve uma filha que, para satisfazer o malvado rei, foi obrigada a casar bem jovem, a fim de lhe dar o tão sonhado primogênito.

Alguns meses depois do casamento, a filha do rei começou a sentir fortes dores para dar à luz seu primeiro filho. Todos no palácio estavam aflitos, temendo que a criança fosse uma menina ao invés de um menino, pois, se isso acontecesse, o rei ficaria extremamente furioso e decepcionado, sendo capaz de perversas atitudes.

Naquela noite, chovia muito e os gritos da princesa ecoavam por todo o reino. As criadas do palácio estavam trabalhando dobrado na tentativa de fazer a criança vir ao mundo. Depois de longas e dolorosas horas, a princesa dá à luz seu bebê que, para a infelicidade de todos, era uma linda e encantadora menina. Naquele momento, todos ao redor da filha do rei temeram pela vida da criança. Então, a criada de confiança da princesa resolveu, juntamente com ela, desaparecer com o bebê.

Não muito longe dali, existia uma mulher que cuidava das roupas das freiras em um convento, e estava também dando à luz um bebê,

naquela mesma noite e, por ventura do destino, a criança era um lindo menino. Assim como a princesa, aquela mulher também sofrera muito para dar à luz aquele bebê. Com poucas condições, a mulher acabou morrendo ao dar à luz a criança. Já no palácio, a criada, juntamente com um capataz, resolveu sumir com a menina e só depois informar ao rei que o bebê havia nascido morto. Eles vão ao convento na tentativa de preservar a vida da linda menina. Ao chegarem lá, descobrem através das freiras o ocorrido com a mulher e seu bebê, então, automaticamente a criada e o capataz resolvem fazer uma troca das crianças. Ao chegarem ao palácio, a criada e o capataz contam para a princesa o ocorrido e, logo depois, o rei é informado sobre o nascimento do seu tão sonhado primogênito. Naquela mesma noite, o capataz, a mando da princesa, tira a vida de todos que estavam presentes no nascimento da menina para assim guardar o segredo.

Depois daquela noite, os dias no palácio e no povoado se seguiam normalmente, a princesa tratou de amar e educar aquele menino como se fosse realmente dela, dando-lhe o nome de Saulo, “aquele fruto de um milagre”. Já o rei, todo orgulhoso e feliz por finalmente ter um primogênito que ele ia poder influenciar para assim continuar com seu governo tirano, cuidava de transmitir todas as suas ordens e lições para o menino. Não tão distante dali, a menina, que recebeu o nome de Aurora, estava sendo criada no convento por todas as freiras, mas também observada por olhos longínquos da criada e do capataz, a mando da princesa.

O tempo foi passando, os jovens foram crescendo. Saulo foi se tornando um rapaz de porte alto e fino, com um olhar de soberania e poder, guiado por seu avô, mas com um coração transbordante de gratidão e amor por todo o seu povo. Aurora tornou-se uma linda jovem de pele levemente transparente e sua boca parecia mais uma maçã colhida recentemente de tão rosada; ela carregava no olhar o peso de ser sozinha no mundo, porém havia um pouco de doçura e bondade que transbordava em seu sorriso tímido.

Um belo dia no reino, o príncipe sai a cavalo para seu passeio diário pelo povoado juntamente com sua tropa real. Sua beleza é aclamada

por todo o povo, principalmente pelas jovens que ficavam encantadas pela imagem do lindíssimo rapaz. Com um bom tempo de passeio, o príncipe resolve se distanciar da tropa para conhecer lugares outrora desconhecidos e se sentir liberto, longe de todos os olhares do reino.

O príncipe se aproxima de uma cachoeira com água cristalina descendo rio abaixo, cheio de flores ao seu redor. Ele fica encantado com a beleza do lugar, mas o que realmente chamou sua atenção foi uma bela donzela que estava a banhar-se no rio. Era Aurora. Ela havia ido colher flores para o convento e aproveitou para se refrescar, já que o local não era habitável. Mas ela não contava com a presença ilustre do príncipe. Ele se apaixonou pela beleza jamais vista de Aurora. Ele, com seu “ar de todo poderoso”, resolve então se aproximar da jovem, para conhecer a dona de tamanha beleza. Mas logo que se aproximou, Aurora se assustou com a presença do príncipe e correu ariscamente do local. Ele a persegue a cavalo, conseguindo alcançá-la brevemente. Ele a puxa e a toma em seus braços. A partir daquele momento, os olhares deles se encontram e inevitavelmente a paixão os envolve. No entanto, por conta da atitude atrevida do príncipe, Aurora mantém-se assustada e foge rapidamente do local, deixando o príncipe absurdamente encantado por ela. Ele então retorna ao palácio com seus pensamentos inquietos por causa da jovem. Aurora chega ao convento muito assustada com o ocorrido, embora seus pensamentos a perturbassem por causa daquele olhar que transmitia uma sensação surreal que Aurora jamais havia visto.

Os dias se passaram e o príncipe passou a visitar mais vezes o povoado, assim como a cachoeira onde ele havia visto Aurora, embora não lograsse êxito. O jovem até tentou descobrir quem era ela, mas simplesmente não sabia nada dela.

Certo dia, o reino estava em festa, pois era aniversário do príncipe. Ele, na tentativa de ver novamente a bela jovem, pede para o rei que prepare a festa para todo o povoado. Durante a festa, várias jovens se aproximavam do príncipe na tentativa de que ele as notasse, mas era visível que o príncipe estava inquieto, procurando aquele olhar terno e doce por que ele havia se apaixonado outro dia na cachoeira. Depois

de procurá-la durante toda festa, o príncipe, sentindo-se amargo por dentro, resolve ir ao jardim para ver as estrelas. Ao chegar lá, ele avista a jovem Aurora colhendo algumas flores, pois as freiras do convento haviam ficado responsáveis por ornamentar toda a festa. Rapidamente, os olhares se cruzam, Aurora ainda tenta fugir, mas o príncipe a convence a ficar, pede-lhe desculpa por sua atitude de antes e eles passam o resto da noite conversando como se só existissem eles.

A partir daquele dia, os jovens apaixonados passam a se ver todos os dias, selando entre eles um amor jamais vivido naquele reino. Entretanto, todos no palácio começam a desconfiar das saídas solitárias do príncipe, assim como também as freiras do convento desconfiavam das saídas de Aurora. O rei, pois, resolve mandar seguir o príncipe para saber o que realmente estava acontecendo e, enfim, descobre o amor do príncipe por Aurora. Logo busca informações sobre a jovem, ficando furioso com os acontecimentos, afinal o príncipe deveria casar-se com uma donzela de família nobre de outro reino, para aumentar ainda mais o poder de toda a realeza.

O rei então começa a procura por uma noiva real para o príncipe na intenção de afastá-lo de Aurora. Como todos temiam a tirania de Frederico, suas ordens foram acatadas e a busca se iniciou, para a tristeza e decepção do príncipe e de Aurora. Acontece que o amor deles era tão forte que o príncipe Saulo resolve enfrentar o rei e lhe conta que quer Aurora como sua esposa. O rei ficou ainda mais furioso com a audácia de seu neto e o proibiu de sair do palácio até seu casamento. Aurora ficou muito triste e arrasada, mas, ao mesmo tempo, tinha consciência de que suas condições não lhe permitiam sonhar com uma vida ao lado de seu amado príncipe.

A filha do rei, mãe de Saulo, descobre que o príncipe se apaixonou justamente por sua filha abandonada no convento. Naquele momento, o desespero dela se torna ainda mais evidente, afinal o segredo que lhe atormentava o juízo estava perto demais de ser revelado. Foi tanto o desespero, que a filha do rei fica adoentada e resolve contar para seu esposo o segredo que rasgava a sua alma. Ao fazer isso, ela não percebe que o rei malvado, seu pai, estava chegando e conseguiu

ouvir toda a verdade. O rei fica enlouquecido pela mentira da filha e resolve tomar providências sobre o acontecido. Ele manda buscar todos os envolvidos com a troca dos bebês naquela noite, inclusive a Aurora. Os envolvidos seriam entregues à força por terem mentido para o rei. Quanto a Aurora e sua filha, Frederico planejava em segredo acabar com a vida delas, dando-lhes um chá envenenado com ervas. Os últimos acontecimentos chocaram a todos do reino, deixando todo o povoado aterrorizado com a maldade do rei.

A mãe do príncipe Saulo fica sabendo do que o rei pretendia e também de que ele já estava ciente do ocorrido anos atrás. Então, no impulso de mãe para salvar sua filha Aurora e os que estavam envolvidos, toma a decisão, antes que o rei matasse a todos, de que ela e seu esposo iriam à procura da erva da bondade. Assim, preparariam um chá para o rei e acabariam com todo aquele massacre. Rezava a lenda que até mesmo as pessoas mais perigosas, malvadas por natureza, seriam transformadas e veriam somente bondade após beber o chá dessa erva. Embora não houvesse certeza de que conseguiriam êxito, era somente isso o que poderia ser feito.

À noite, antes de dormir, o chá foi servido a Frederico, que tomou sem nem perceber que estava caindo na sua própria armadilha, mas com a diferença de que o plano não era dominado pelo mal. Assim, minutos depois após terminar o chá, o rei foi tomado por uma sensação de alívio, uma calma que ele não conseguia justificar. Os demais olhavam-no ansiosos pela verdade, curiosos quanto ao efeito da erva e, por isso, nada falavam. O rei então encontrou sua filha e, como se um véu tivesse sido retirado de seus olhos, reconheceu também que devia pedir perdão, pois, em nome do amor que ela tinha pela filha, a abandonou por medo dele.

E, assim, após pedir perdão e reconhecer as maldades que praticara, o rei caiu em si e viu que nada mais importava do que o amor verdadeiro, a dádiva de ter a família a sua volta. Aqueles que estavam envolvidos com a troca dos bebês conseguiram finalmente viver libertos, sem que o tal segredo os perturbasse. A filha do rei e seu esposo foram parabenizados por sua ideia para salvar Aurora e os outros,



já que, para além da lenda, o que havia era a esperança de que o amor prevaleceria.

O príncipe foi liberto e a verdade foi revelada para todo o reino, inclusive para Aurora, que, por direito, deveria ir morar no palácio.

Não foi fácil para Saulo e Aurora aceitarem e entenderem seu passado e o laço em que eles estavam envolvidos, mas, com o passar dos dias, as coisas foram se acalmando e tudo foi ficando em seu devido lugar. Todo o reino agora vivia em perfeita harmonia.

O príncipe Saulo e Aurora se casaram em uma festa lindíssima e finalmente puderam viver seu amor verdadeiro. Conta-se que eles vivem felizes até os dias de hoje.



# CONTO III

## **A BRUXA E O MISTÉRIO DA FLORESTA NEGRA**

*Criziane Silva da Conceição*

Era uma vez um grupo de amigos que moravam em um pequeno povoado e cujos nomes eram João, Lisa, Ana e Theo. Eles tinham o costume de, sempre ao entardecer, reunirem-se em volta de uma fogueira e contar histórias, sendo a misteriosa floresta negra, que existia bem próximo ao povoado onde eles viviam, um dos assuntos mais comentados entre eles.

A floresta, de fato, era um tanto misteriosa, e poucos ousavam passar por ela, já que, todas as vezes que alguém adentrava aquele caminho, era consumido por algo inexplicável e, assim, ninguém jamais conseguia retornar para casa. Os mais velhos contavam que aquele local era consumido por uma forte magia. Esta, por sua vez, confirmava a existência de seres sobrenaturais e encantados, pois durante a noite era possível contemplar uma forte luz vinda de lá, que, segundo os moradores antigos, era intensamente forte e negra, e expandia-se pelas extremidades da floresta.

Até então, tais mistérios eram desconhecidos, visto que ninguém sabia o motivo desse fenômeno, o que o fez estender-se misteriosamente, por séculos. Um dia, em um dos encontros do grupo, em meio a tantas conversas, Ana, sempre a mais astuta e corajosa, lança um desafio aos amigos:

– Que tal a gente ir até essa floresta?

Imediatamente, João a repreende:

– Ana, ninguém nunca vai lá, e há boatos de que aquele lugar é muito perigoso! Ouvi dizer que nessa floresta acontecem coisas so-

brenaturais e que qualquer pessoa que ousar atravessar seu caminho, jamais retornará. É melhor desistir dessa ideia maluca.

Ana insiste:

— João você está com medinho? Isso é só boato, igual às histórias fictícias que contamos todas as noites! Queria ver de fato se isso é real, ver com os meus próprios olhos o que de tão fantástico e sobrenatural permeia nas entranhas dessa floresta encantada!

Lisa tenta acalmar a amiga que está tomada pela sede e curiosidade de desvendar todos esses mistérios:

— Ana, dizem que até bruxas existem lá!

João retruca:

— Você consegue ver, Ana? Ao chegar da noite, há uma luz forte saindo de lá!

Ana se mantém resistente aos amigos:

— Eu não quero saber! Se vocês não forem comigo tentar acabar com esse mistério, irei sozinha, eu vou descobrir os mistérios dessa floresta, com ou sem vocês!

Théo tenta convencer a amiga a desistir da ideia:

— Ana, não, você não pode ir, é perigoso! Os mais velhos dizem que há muito tempo um jovem teve essa mesma ideia e foi consumido. Lembra do seu avô, ele foi e não voltou!

Ana responde:

— Lembro sim, e esse também é um dos motivos que quero ir lá, se for verdade, irei encontrar algo. Amanhã, ao anoitecer, irei para essa floresta. Se vocês quiserem me ajudar nessa aventura, sabem onde me encontrar, e nada de comentarem com os meus pais, e nem com os pais de vocês, esse é nosso segredo!

Ana insiste na ideia, e não desiste, ela quer a todo custo desvendar o mistério da floresta. Ao anoitecer do dia seguinte, não comparece ao encontro com os amigos, e logo eles se perguntam:

— Onde estará Ana? Será que foi à floresta? Ana não tem jeito, não desiste nunca!

Ana usa essa noite a se preparar para o tão sonhado e desejado passeio pela floresta. Ela começa a guardar utensílios dentro de uma mochila: uma lanterna e uma bússola, que lhe ajudaria a retornar para casa, além de comidas, caso sentisse fome. A garota estava irredutível e não desistia dessa ideia. Então, foi dormir com o intuito de fazer seu passeio ao amanhecer. Já estava com tudo planejado. Muito apreensiva, ansiosa, colocou o alarme para seis horas, a fim de que desse tempo de organizar seus utensílios com mais calma.

Ao amanhecer, acordou antes de seus pais, pegou todas as suas coisas e, quando estava prestes a sair, lembrou-se de pegar um colar que sua falecida avó lhe dera antes de morrer. Dentro do pingente desse colar havia uma espécie de rubi que continha magia. Sua avó disse a ela que, usando aquele colar no momento exato, salvaria não só a si mesma, mas também outras pessoas. A avó dela era uma bruxa, mas morreu precocemente por não querer viver como as demais, deixando nas mãos da neta um precioso colar, pois ela se utilizou dos seus poderes e magias para viver uma vida normal. Aquele colar guardava a vida de todas as bruxas. A garota ainda não imaginava que algo inesperado iria lhe acontecer, pois nessa floresta existiam seres misteriosos que nunca passariam em sua tão limitada mente.

Ana anda, anda, anda e chega ao caminho que a leva até a floresta. Ela começa a perceber coisas estranhas, ruídos que não consegue identificar, e folhas se mexendo de modo assustador. Até que, em um determinado momento, percebe que estava sendo seguida por algo estranho, entre as árvores. Ana começa a falar:

— Oi, quem está aí? Apareça!

Ela ficou sem saber o que fazer, então, inesperadamente, apareceu-lhe um pássaro:

— Oi, você não deveria estar aqui, você vai se tornar como um de nós! A bruxa que habita nessa floresta transforma todas as pessoas

em animais falantes; ela enfeitiça cada pessoa que cruza os caminhos dessa floresta.

Ana fica impressionada, pois nunca havia visto algo parecido e logo pensa que os amigos estavam certos, que a floresta é enfeitiçada mesmo, que fantástico! “Estou vivendo as histórias que eu e meus amigos contavam todas as noites.”

— Diga-me, agora, pássaro, o que faço para sair daqui?

O pássaro responde:

— Impossível, minha jovem, impossível.

Ana fala:

— Não, nada é impossível! Eu irei derrotar essa bruxa e libertar todos vocês, principalmente uma pessoa que amo muito e que, com certeza, está preso aqui também!

O pássaro, por sua vez:

— Não fale asneiras, ela extermina qualquer pessoa que atravessar seu caminho!

Ana, imediatamente pegou o colar que sua avó lhe deu e disse:

— Nunca! Eu conseguirei, irei derrotá-la!

— Eu irei conduzir você até os aposentos da bruxa — disse o pássaro.

Os amigos de Ana ficaram muito preocupados com ela; foram a sua casa e não a encontraram; foram à escola e viram que Ana não apareceu lá, então, conversaram entre si:

— Não podemos deixar Ana sozinha nessa, vamos nos preparar, partiremos ainda hoje para essa floresta.

João ainda retruca, porém Lisa fala:

— É isso, vocês querem que Ana se perca e não volte mais? Vamos ainda hoje para a floresta; encontro vocês no lugar de sempre e não comentem com ninguém!

Chegada a manhã do dia seguinte, os amigos de Ana vão ao seu encontro e com muito medo, seguem caminho.

Ana, guiada pelo pássaro, começa a passear pela floresta. O que ninguém sabe é que esse pássaro, na verdade, é um jovem que ficou preso na floresta há anos e foi enfeitado pela bruxa.

Ao chegarem próximo à bruxa, esta sentiu a presença de algo estranho em seu território. O pássaro avisou:

— Silêncio! A bruxa sente quando tem pessoas aqui! Sugiro que tire os sapatos, ande lentamente e tire a mochila das costas.

Ana fez exatamente o que o pássaro disse e, de repente, se assusta, pois ouve pessoas falando. A garota olha para trás e ali estavam seus amigos gritando seu nome. Ela fala sussurrando:

— Ei, estou aqui, não façam barulho!

Lisa corre em direção à amiga e lhe dá um abraço.

— Amiga, a gente veio buscar você! Está tudo bem?

— Silêncio! A bruxa vai ouvir! — Alertou o pássaro.

João ficou trêmulo:

— Vamos logo sair daqui, vamos!

— Não! Temos que libertar todos que estão presos aqui, vamos derrotar essa bruxa! — Afirmou Ana.

João começa a fazer barulho:

— Eu estou com medo, muito medo, vem vamos, corram!

— Ora, temos visitas... — disse a bruxa.

Ela conseguia ver pelos olhos de uma coruja enfeitada.

— Irei fazer diferente, dessa vez! Não irei transformar esses jovens em animais, irei devorar seus corações, assim ficarei bela novamente!

— Draco, traga-os a mim! — Ordenou a malvada.



Draco é um dragão enfeitiçado por ela, avô de Ana. Quando mais jovem, saiu para caçar na floresta e foi pego pela bruxa, que se apaixonou por ele. No entanto, ele não a quis, pois era casado e amava a esposa, então, imediatamente, a bruxa o transformou e o enfeitiçou para ficar ao seu lado para sempre.

Draco sai à procura dos jovens e os encontra. Ao partir para atacar a jovem, reconhece-a, olha nos olhos dela e vê o brilho dos olhos de sua esposa. Theo, Lisa e João correm, desesperados, mas ao chegarem à saída, a bruxa fecha todas as saídas da floresta. O dragão indaga:

— Você é Ana, minha neta?

Ana assustada responde:

— Oi, você fala? Qual o seu nome?

— Sou John, seu avô. Estou preso e enfeitiçado pela bruxa, se eu sair desta floresta estarei condenado à morte. Como vai sua avó?

Ana informa:

— Infelizmente morreu, mas não temos tempo para conversar agora, fico feliz em reencontrá-lo, mas venha, nos leve até a bruxa!

Ana e seus amigos são capturados e levados até a bruxa. Ana conversa e tenta um acordo.

— Tenho algo que pode lhe interessar: esse colar que minha avó deixou para mim, em troca de nossa liberdade.

No entanto, Ana estava apenas arquitetando um plano.

— Ora, que colar mais bonito! Quem foi mesmo que deu isso a você?

— Minha avó. Ela que me deu.

Imediatamente, a bruxa se ira, pois sabe que Ana é neta da bruxa que ela odiava e começa a fazer magia. Ana e os amigos tentam lutar com a bruxa, mas infelizmente os amigos são atingidos pela magia. Lisa, Theo e João são transformados em lobos.

Ana se aterroriza ao ver os amigos transformados em animais. A bruxa também tenta lançar magia contra ela, mas não consegue atingi-la, pois Ana estava usando o colar de sua avó, que, por conter magia e ser encantado, deixa imune, quem estiver usando, a qualquer tipo de magia. Imediatamente, Ana tem uma visão com sua avó; ela aparece à jovem, falando com uma voz trêmula e ansiosa.

— Ana, Ana, você tem o coração de todas as bruxas na mão! Quebrando o rubi, você matará o restante das bruxas que ainda existem! Quebre o rubi e você e todos os que estão presos serão livres. Lentamente, aquela voz foi se afastando de Ana.

Enquanto isso, Draco, avô de Ana, luta com a bruxa para proteger a neta, mas também é atingido pela bruxa. Depois de lutar com Draco, a bruxa avança em direção à Ana. Imediatamente, a jovem aproveita o momento, arranca o colar do pescoço, pega uma pedra e quebra o rubi que está no colar. A magia se espalha, e a bruxa, naquele instante, consumida pela magia que sai do colar, se transforma em uma estátua de pedra. A magia continua se espalhando pela floresta: pessoas que estavam ali transformadas em animais voltam ao seu estado natural; a mata volta a ficar verde; e o sol volta a brilhar. Ana retorna para casa acompanhada dos amigos e de seu avô, com a sensação de dever cumprido, feliz por ter desvendado o mistério da floresta negra.



# CONTO IV

## **CASA DAS TRÊS MARIAS**

*Eliene Moraes de Oliveira Araújo*

Tudo parecia lindo e perfeito em meio ao paraíso. Numa tarde fria, a vista de um observador qualquer revelaria uma praia vazia e, sobre as ondas do mar, ao soprar do vento, os sons de assobios que saem desse lugar. Sobre o mar, boiando, havia três objetos largados: uma boia; uma canoa; e uma prancha. Esses objetos pertenciam a três meninas, que não sabiam como o destino as uniria.

Cansadas de olhar para o mar com a vontade imensa de se molhar, saltam de seus pertences e seguem a nado. De repente, esses objetos ocupados por elas desaparecem, levados para bem longe sobre as ondas do mar e, por mais que procurem, não conseguem encontrar. As três garotas, nascidas e criadas pela mãe natureza, têm sua beleza e consigo carregam um segredo; segredo este que ignoram. E, por viverem na natureza, nada têm a temer. As Marias ignoravam a existência uma das outras, porque elas sempre foram únicas na natureza até o momento em que iriam se conhecer. Uma das Marias, cansada de nadar na linda ilha, para, e seu corpo ali irá descansar. As três garotas estavam tão cansadas que nem percebiam a presença das outras duas. Alegram-se e, correndo, atiram-se ao mar, pois avistam seus objetos: a boia; a canoa; e a prancha. Uma dava gargalhadas de alegria por ter achado sua prancha perdida; a outra, alegre a cantar, por encontrar sua boia que jamais pensava achar; a outra saltitava feliz da vida porque viu sua canoa ali. No entanto, a alegria delas não termina aí. Quando dão conta de si, percebem que não estão sozinhas na ilha, e sim que há mais duas meninas. E aqui está o segredo: as três se chamam Maria e são filhas da Mãe Natureza.

De uma vez só, as três perguntam:

— Quem são vocês?

Elas sorriem e uma delas diz:

— Calma, calma, calma, melhor falarmos uma de cada vez!

— Tudo bem, deixe que me apresente. Eu sou Maria. — Fala a primeira menina.

E a outra menina diz:

— Então sou sua xará, prazer, Maria também. Agora, você?

— Eu? — A derradeira menina dá gargalhadas e continua: — Isso que se pode dizer de uma grande coincidência, pois me chamo Maria também.

Mais uma vez, o coral do trio se ouve:

— Certo, meninas, somos as três Marias, só que Maria de alguma coisa.

As fortes gargalhadas continuam, pois falam de uma vez só, em um só tom.

— Então, vou me apresentar. Sou Maria Luz e vivo neste mundo sem destino e sem rumo! — Fala Maria Luz.

— E eu me chamo Maria Luar, vivo neste paraíso sem nada a reclamar!

— Sou conhecida como Maria Lua, vivendo nesta ilha porque a vida continua! — Maria Luz se emociona.

— Está emocionada, Luz? — Pergunta Maria Lua.

— É, eu percebi o quanto emocionada Luz está! — Diz Maria Luar.

— Lua e Luar, eu sempre fui sozinha neste mundo; agora o destino nos une; já não sou mais a única andando sem rumo! — Responde Maria Luz.

— E eu sempre pensei que não existiam outras pessoas assim como eu! —Disse Maria Luar.

— Luz e Luar, agora vou lhes falar que a vida é engraçada, o destino nos pregou uma peça; uniu-nos nesta ilha deserta para numa família nos transformar. Que tal irmos agora mesmo construir uma tapera e nela para sempre morar? — Diz Lua.

E assim fizeram as Marias, alegres e satisfeitas saíram à procura de materiais para fazerem sua tapera. Luar trouxe madeiras, Luz chegou com barro e Lua veio com água. Enquanto uma enfia as madeiras, outra amassa o barro para a outra a madeira no barro jogar; dentro de cinco dias sua casa estava pronta para morar. As três dão suspiro de alívio e gritam de braços abertos para o mar: está construída nossa moradia! Esta é nossa casa, pronto! Família e casa construída, só falta agora a comida.

— Meninas, estou com fome — diz a Luz.

— Eu também — fala Luar.

— Vamos pescar algo para comermos? — Falou uma alegre Lua.

— Pode ser — responde Luar.

— Sei não, hein! — Exclama Luz.

— Por que diz isso, Luz? — Pergunta Lua.

— Ouvi dizer que no fundo do mar existe um peixe bonito, gordo e olhudo com o nome Boldo; parece gostar de donzelas, hipnotiza-as e as faz se apaixonar. Lua e Luar, arrastando Luz pelo braço, saem dizendo — Que nada! Maria Luz está com conversa para boi dormir, pois nossa pescaria irá prosseguir e, se esse peixe existir mesmo, este vamos pescar; vamos comer e nossa fome matar, e ele nunca mais vai donzelas hipnotizar.

Marias fizeram suas pescarias, pescaram um peixe muito grande e pesado, lançaram-no para fora do mar e estão a escalar, quando, de repente, o peixe transforma-se em homem. Elas, com olhar admirado, de frente para outra, nada falam.





# CONTO V

## **A PRINCESA ULA E O REINADO EM BETHA**

*Francisca Fernanda Passos de Sousa*

Há muito tempo, em um reino distante chamado de Terra Betha, vivia uma linda família real: o bondoso rei Acácio, a amorosa rainha Elora e sua encantadora filha, chamada princesa Ula. A felicidade dessa família era tão radiante, mas tão radiante, que causava inveja em Mael, o governante e braço direito do rei.

A rainha Elora amava cuidar das flores do jardim, principalmente da flor Jasmim, uma espécie encantada que tinha o poder de transformar qualquer ser em um cristal de cor turquesa. Ela sabia do grande poder de sua favorita flor e, por isso, se dedicava em não deixar que ninguém passasse pela cerca mágica, pois tinha receio de que alguém a colhesse para fazer alguma maldade.

Já o rei Acácio era responsável por resolver todos os problemas do seu reino, sempre com muita dedicação e atenção ao seu povo, ao lado de sua amada esposa. Entretanto, mesmo com tudo em ordem, o rei achava necessário que a princesa começasse a se interessar pelas tarefas do reinado, caso um dia viesse a se tornar a rainha de Betha. No entanto, Ula ainda era bastante jovem e amava se aventurar pela ilha fantástica, uma área um pouco afastada do palácio, onde viviam seus grandes amigos: a sereia Beatriz e o elfo Diego.

Em uma das cotidianas reuniões reais, novamente os pais de Ula insistiram em convencê-la a compreender a necessidade de dar início aos seus estudos sobre a organização daquele reino. Assim, interroga o rei Acácio:

— Minha querida filha, quando você vai entender que precisamos que você comece a gostar da ideia de governar a nossa amada Terra Betha?

Completa a rainha Elora:

— Isso mesmo! Você já está se tornando uma das mais lindas mulheres. Uma princesa cheia de coragem e bastante destemida; também precisa conhecer as leis que constituem esse reino, pois um dia você se tornará a rainha dele.

A princesa Ula sempre achava um jeitinho de contornar a situação e, assim, finalizou a reunião dizendo:

— Mamãe, papai! Não se preocupem comigo, vocês estão ótimos! Ainda governarão por muito e muito tempo. Por isso, ainda não estou pronta para esses assuntos. Vamos viver o hoje, meus amados pais!

Sendo assim, a princesa, com sua voz doce e suave, solicitou que todos festejassem agradecendo a vida. Alegremente, cantavam e se abraçavam como uma grandiosa família, finalizando a conferência familiar.

Mael, que tudo ouvia detrás da porta da sala, sentia ainda mais inveja, e planejava acabar de vez com a felicidade deles, arquitetando algum plano maligno que o fizesse se tornar o rei de Betha.

O governante era um homem alto, de cabelos escuros, e tinha um olhar bastante tenebroso. Vivia com sorrisos largos e sempre encorajando o rei a tratar de casar sua filha Ula, fazendo insinuações de que ele seria o candidato perfeito, sempre comentando que a princesa merecia ficar com alguém próximo a ela no reino. O rei não dava tanta importância e falava para Mael continuar com seus afazeres cotidianos, aumentando ainda mais a raiva do seu servidor.

Certo dia, a rainha precisou se ausentar do reino por dois dias para visitar sua irmã, que estava prestes a dar à luz a sua querida sobrinha. Desse modo, exigiu que Ula cuidasse do jardim, principalmente não deixando a cerca aberta, pois seu pai já estava ocupado, ouvindo os apelos de alguns moradores do reino, e não podia executar mais essa

função. E assim se fez. A princesa atendeu à solicitação da sua mãe, porém, com muita pressa em estar junto de seus amigos lá na ilha, esqueceu de fechar a cerca, deixando exposta a flor Jasmim.

Nesse espaço de tempo, o governante, que acompanhava os passos de todos os integrantes do palácio, de imediato, foi até o jardim e pegou uma pétala da linda flor encantada, já imaginando que serviria para ajudá-lo na missão de ser o grande rei. Pensou que, desse modo, alcançaria a mesma felicidade da família de seus patrões. E seguiu, com o intuito de idealizar algum plano antes que a pétala começasse a murchar.

Quando a princesa retornou ao palácio, lembrou que talvez pudesse ter deixado a cerca aberta, mas se deparou com a cerca fechada. Mael já havia passado por lá sem que a menina soubesse. Então, a jovem suspirou aliviada por ter realizado perfeitamente a atividade exigida pela mãe.

O governante, vendo o tempo passar e ainda não tinha conseguido articular um plano, saiu em busca de inspirações e chegou até uma lagoa da ilha fantástica na qual habitava a sereia Beatriz. A jovem sereia estava bem quietinha do lado escuro da lagoa, penteando seus lindos cabelos, quando escutou aquele homem aspirando em voz alta suas estratégias. Todo empolgado, nem atentou que estava sendo observado e exclamou:

– Ahhh, que maravilha! Foi só chegar nesse lugar que agora tenho uma belíssima ideia. Vou propor ao rei a ideia de encontrarmos o tutor de princesas, mas, no caminho da floresta, lançarei o feitiço da flor Jasmim e ele se tornará apenas um velho cristal. Como estaremos afastados do reino, ninguém desconfiará que fui eu mesmo que articulei tudo.

A sereia Beatriz percebeu que o homem a sua frente era o governante que vivia junto ao palácio da família de sua amiga Ula. Ficou abismada, querendo gritar, mas preferiu permanecer quieta para escutar todo aquele maligno plano. E assim, continuou Mael:

— Que homem sábio eu sou! REI MAEL! REI MAEL! Assim será, pois a rainha ficará desamparada sem seu protetor; então, permitirá que eu me case com a sua filhinha, visando minha ajuda para governar esse seu reino inútil, mas que bem rápido se tornará meu, somente meu.

O governante, cheio de ira, retornou ao reino para executar seu plano. Enquanto isso, a sereia, que ouvira tudo, logo tratou de encontrar seu amigo Diego, que é muito gentil e tem uma paixão platônica por Ula. Ao ouvir tudo que a amiga relatara, o jovem quase não acreditou no que acabara de saber, mas, como era sua própria amiga que havia lhe dito, não pensou duas vezes e começou a refletir acerca de como salvaria o pai da princesa dessa enorme enrascada.

O asqueroso Mael já havia colocado em prática toda a sua articulosa ideia. Ao lançar o feitiço contra o rei e transformá-lo em um cristal, colocou-o como um pingente da coroa, e saiu. Contudo, tão entusiasmado, acabou esquecendo a coroa lá na floresta, deixando vestígios do seu crime. Para dar início às articulações sobre o plano de se casar com a princesa, foi buscar a rainha que, até então, ainda não havia retornado ao reino. Informou, de forma bem mentirosa, que alguns ogros insatisfeitos com o rei, haviam tirado a vida do seu digníssimo marido. Nesse período, o elfo Diego conseguiu achar a coroa e a guardou, imaginando como iria chegar a tempo de entregar para a sua amada amiga Ula.

A amorosa rainha Elora ficou sem chão, inconformada com a notícia que recebera. Entretanto, sem hesitar, teve que seguir firme e avisar a sua querida filha o que havia ocorrido. Foi um dia bastante triste para todo o reino da Terra de Betha. O governante, vendo a rainha sem nenhuma força para tratar dos assuntos do reino, correu para pedir a mão da sua filha em casamento. Elora se assustou com o pedido, mas sabia que era uma sábia atitude a se tomar. E, dessa forma, foi conversar com sua filha, que, com o coração quebrado de tanto chorar, aceitou sem reclamar.

O sábio Mael queria que tudo acontecesse o mais rápido possível; então não hesitou em preparar os papéis e as burocracias do casamento, enquanto a princesa Ula se arrumava para a infeliz cerimônia. E assim se seguiu.

A terrível cerimônia já estava sendo quase finalizada, quando chegou Diego, com a coroa do rei Acácio na mão. Em um passo estarrecedor, gritou fervorosamente:

— Ó, querida princesa Ula, sei que a você entreguei apenas minha amizade, mas por toda vida carregou um amor aqui dentro do meu peito. Sou grato por todas as aventuras vividas ao seu lado. Não faça acontecer o tão terrível ato de aceitar se casar com esse monstro, pois dele vem toda a maldade, e uma delas foi enfeitiçar seu pai.

Todos ficaram extremamente espantados com a afirmação vinda do elfo, principalmente a princesa, que ficou bastante tonta com toda situação.

A rainha, abismada, perguntou:

— O que estás a dizer, caro rapaz? E por que estás com essa coroa?

Mael logo a interrompeu dizendo:

— É tudo mentira! Não acreditem nesse elfo, que nada sabe. Acredito que esteja com planos de se infiltrar no reino. Não percebem que veio até aqui jurando amores à princesa?

Nesse momento, o elfo começou a contar como ficou sabendo acerca do plano desenvolvido por Mael:

— É tudo verdade! A minha amiga Beatriz ouviu toda a articulação do plano desse homem e me contou. Ao chegar ao local para interromper o feitiço causado por uma de suas flores, tudo já havia acontecido, mas, como por um grande milagre, encontrei a coroa do rei caída na floresta.

A princesa, lembrando do dia em que poderia ter deixado a cerca aberta, correu ao encontro do seu amigo e começou a chorar, chorar,

chorar. Até que, por um milagre, a sua lágrima cai no cristal e o feitiço se quebra, fazendo com o que o rei volte a sua forma humana.

Ula dá um grande abraço em seu pai, e sua mãe corre para junto deles, bastante feliz. O governante Mael ficou perplexo que nada ocorreu como combinado e, quando tentou escapar, o elfo Diego o segurou e o entregou aos guardiões que se encontravam presentes. Todo o reino ficou imensamente contente com a astúcia do bravo Elfo, inclusive a princesa Ula, que o abraçou e lhe deu um beijo no rosto, como forma de agradecimento, começando com ele um lindo romance.

Algum tempo depois, quando tudo já havia voltado ao normal, e a felicidade retornara ao reino, a princesa Ula e o elfo Diego se casaram na Ilha fantástica, pois a sua querida amiga sereia Beatriz realizou a cerimônia com a bênção do rei e da rainha. Ula se tornou uma belíssima rainha ao lado do seu marido Diego, comandando a Terra Betha, para a enorme felicidade de seus pais, vivendo felizes para sempre.





# CONTO VI

## **A DESCOBERTA**

*Francisca Vanessa de Sousa Felisberto*

No céu, existe um reino chamado Luminar. É lá que mora uma garota muito inteligente. Seu passatempo favorito é desenhar. Maior sonho? Um dia pisar no reino central. Vive imaginando como seria o mundo abaixo das nuvens, por isso a maioria de seus desenhos são fruto da sua imaginação, de como poderiam ser os lugares na Terra. Seu nome é Celeste, em homenagem à Deusa da Lua. A gentil menina mora com sua mãe e avó materna, e não vê seu pai desde os dois anos de idade. Sua mãe, chamada Sofia, lhe contou (quando fez dez anos) que seu pai Ethan, um guerreiro que trabalhava para a rainha, foi à terra cumprir uma missão dada por ela, mas não lhe contou detalhes. Infelizmente, ele não retornou. Já faz treze anos e nenhuma pista; atualmente, ela tem exatamente quinze anos de idade.

Celeste cresceu e se tornou uma moça adorável, no entanto é teimosa, e sua mãe tem receio do que possa acontecer, por isso muitas vezes é severa. Curiosa como é, mais do que nunca quer descer até a Terra e encontrar algo que faça sua vida ter sentido.

Luminar, onde elas moram, é um lugar tranquilo, muito tranquilo; tranquilo até demais. As árvores frutificam as mais saborosas frutas; castelos e casinhas são feitas de nuvens; os animais são falantes e de diferentes espécies jamais vistas na Terra; gatos com chifres de unicórnio, com asas...; e, assim como os animais, as pessoas que moram em Luminar também possuem asas.

Além de desenhar, o que Celeste mais gosta é de treinar arco e flecha com seus amigos Evna e Agnes; seus companheiros desde sem-

pre são ótimos arqueiros e sonham em virar guerreiros. Celeste quer muito viver aventuras na Terra, como seu pai fez.

Os arqueiros de Luminar não maltratam os animais, até porque é proibido machucar qualquer um; animais e humanos se tratam com igualdade, com amor.

Os três, assim como os demais, costumam treinar em nuvens grossas que parecem madeira. O treinamento é liberado, pois muitos desejam se tornar guerreiros da princesa Diana, para proteger a cidade contra possíveis ataques vindos de outras ilhas nuvensais.

Sempre que a garota chega da escola, encontra sua mãe costurando lindos vestidos de encomenda, um mais belo que o outro. Sofia é responsável também por fazer os vestidos da rainha. Desde que seu marido foi embora, é ela que sustenta a casa, fazendo vestido para as majestades; Sofia tem acesso ao castelo e Celeste também.

Certo dia, a mãe da garota ficou doente e, estando mal, não podia fazer as entregas. Então, pediu para que Celeste fosse até o castelo e fizesse a entrega do vestido da princesa.

A garota obediente, fez o que sua mãe pediu. Entrando no castelo, ficou encantada como em todas as vezes. Tudo era maravilhoso! Como ainda tinha tempo para voltar para casa, sua curiosidade falou mais alto e decide então fazer um passeio pelo castelo encantado. Em um certo percurso, encontra uma escada de cristal, que a leva diretamente ao porão; por sorte, ninguém a vê entrando. Chegando embaixo, escuta um barulho estranho, mas olha melhor a sua volta e vê que é um lobo mexendo nas coisas. Ela fica com medo. O ser se vira e dá de cara com Celeste.

— Olá, mocinha, qual seu nome? E como veio parar aqui embaixo?

— Oi, me chamo Celeste, vim parar aqui por acaso. E como é o seu nome?

— Desculpe por não me apresentar primeiro, me chamo Moly e trabalho aqui organizando o porão desde sempre.

— Preciso encontrar Pietro, o mordomo, para entregar esse vestido.

— Ele deve estar no jardim.

— Vou procurar.

— Prazer em conhecê-la, Celeste, até.

— Até! — Celeste gostou do lobinho por ser tão simpático, no entanto, sentiu um pressentimento, como se algo ruim fosse acontecer.

Celeste sobe novamente a escada e vai procurar Pietro. Ela se sente perdida; só havia ido lá duas vezes com sua mãe, não se recordava muito bem onde ficava. Após um tempo, encontra o jardim e lá estava Pietro, o esquilo, colhendo flores para colocar na mesa.

— Olá, vim fazer a entrega da minha mãe.

— Olá, querida, como está sua mãe? Ah, o vestido! Muito obrigado!

— Mamãe está doente.

Pietro colhe uma folha de uma planta milagrosa e diz para ela fazer um chá e dar para Sofia.

Celeste volta para casa, faz o chá e dá para sua mãe que, ao tomar, instantaneamente acontece uma magia e ela começa a sorrir, pois se sente bem melhor. Celeste dá um beijo em seu amuleto e agradece por sua mãe ter melhorado.

Quando a garota era apenas um bebê, antes de partir, seu pai colocou um cordão com uma pedra de diamante verde, herança de seu tataravô, como presente para sua linda menina. Logo partiu com lágrimas nos olhos, visto que não saberia quando iria voltar.

Em uma tarde de primavera, Celeste, ao limpar a casa, encontra uma maleta trancada. Ela procura a chave pelo quarto, mas não encontra. Vai em direção a sua mãe e pergunta se ela sabe onde está a chave da tal maleta azul. Sofia responde que nunca conseguiu abri-la, pois não sabia onde estava a chave, e que pertencia ao seu marido, talvez a tivesse levado. Sofia, sabendo que era de seu pai, ficou ainda mais curiosa para abrir. Procura mais uma vez embaixo da cama,

em cima dos armários e então tem a ideia de olhar dentro dos livros. Chega à estante onde havia diversos deles: novos; pequenos; médios; extensos; e antigos. No alto da estante, havia um livro que reluzia; Celeste pega um banco e sobe; com muito esforço, consegue pegar.

O título era “A descoberta”. Celeste foi ficando cada vez mais curiosa. Dentro do livro havia cartas e um envelope, contendo uma chave e uma carta onde estava escrito “Para minha menina”. A garota abriu a carta e leu:

*Minha princesa, tenho muito a lhe contar, nesta carta vou resumir para você o que está acontecendo. Sofia é meu único amor verdadeiro, me deu a honra de realizar esse sonho de ser pai, você é meu bem mais precioso.*

*Agora vou lhe contar um pouco do que nos espera. Ontem fui encarregado de cumprir uma missão para a rainha, é algo muito arriscado. A terra é um lugar diferente, lindo, mas muito perigoso.*

*Tem uma organização do mal, que planeja atacar Luminar e eu fui encarregado de interromper esse ataque, estou indo atrás de informações, entrarei no campo do inimigo e descobrirei tudo.*

*Não sei quando voltarei, quero que saiba que amo muito você e sua mãe. Cuidem-se!*

A garota pegou a chave e foi tentar abrir a maleta:

—Tenho certeza de que vou conseguir!

Ela girou a chave e... abriu! O que havia dentro? Um velho mapa! Nele existia uma localização muito importante, um percurso que levava à Terra. Dentro da maleta havia também fotos. No mapa, estava traçado um caminho que levava diretamente para o castelo, até o porão, e lá existia uma passagem secreta com destino para a Terra.

Com o mapa em mãos, ela correu para contar aos seus amigos, pois sabia que, se contasse para sua mãe, ela não iria gostar. O mapa era o que lhe faltava para conseguir chegar lá.

À procura de seus amigos, acaba reencontrando Moly, o lobinho:

— Celeste??

- Oi.
- Para onde vai com tanta pressa?
- Preciso encontrar meus amigos.
- Está indo para o castelo?
- Não, por quê?
- Tenho um segredo para lhe contar.
- Segredo?
- Vamos para o castelo, aqui alguém pode ouvir.

Os dois vão para o castelo e, chegando lá, ele explicou para Celeste que conhecia muito bem o seu pai; que eles tinham uma bela amizade e que podia confiar nele.

— Conheço cada canto desse castelo e passagens secretas — disse Molly.

- Passagem secreta???
- Sim, pouquíssimas pessoas têm acesso.
- E para onde ela vai???
- Você tem que me prometer segredo.
- Sim, eu juro que não vou contar para ninguém.

— Então acredito em você. A passagem secreta vai diretamente para a... Terra! — Falou ele entusiasmado.

— AHHHHHH! É meu maior sonho! Eu quero muito conhecer, viver aventuras e reencontrar meu pai lá! Podemos ir lá? Eu achei uma carta que papai escreveu para mim e também havia um mapa que me trazia até aqui no porão. Não contaria com tanta sorte!

Molly então pegou seu livro de feitiços, disse algumas palavras mágicas e logo abriu um portal diante de seus olhos. Celeste ficou perplexa com toda aquela magia, seu coração ficou acelerado. Dessa manei-

ra, os dois partiram para a Terra. Celeste levava uma bolsa e seu arco e flecha, para se proteger.

Eles haviam se teletransportado para uma cidade metropolitana.

Chegando em terra distinta que nunca havia pisado antes, Celeste se assusta:

– Mas que lugar é esse? O ar tem cheiro ruim, meus olhos estão coçando e minha garganta também — disse Celeste, tossindo em seguida.

– Você está em “outro mundo”, aqui existe muita poluição, por isso está sentindo esses sintomas.

– Aqui é muito barulhento, vamos para outro lugar.

Então os dois vão para uma pracinha, longe de todo aquele trânsito do centro. Celeste se decepciona, pois não era como sonhava e imaginava. Agora se pergunta:

– Como vou encontrar meu pai nesse caos?

– Tenha paciência, as coisas darão certo, mas no seu tempo!

Foi quando Molly lembrou do mapa que Ethan havia entregado por cautela se algo acontecesse. O mapa era mágico, quando apontava para o sol mostrava uma seta indicando a localização do dono. Então eles seguiram a caminhar.

Após um longo percurso caminhando, ficaram cansados e com fome, mas não tinham dinheiro em real para comprar comida. Foi então que começaram a pedir ajuda das pessoas na rua; no entanto, a correria da cidade grande deixava as pessoas cegas, simplesmente ignoravam.

O que poderiam fazer agora? Estavam com fome, sem saber o que fazer.

Foi então que a garota lembrou dos biscoitos em sua bolsa e dividiu-os com o lobo. Eles comeram e seguiram a caminhar...

Enquanto isso, em Luminar, sua mãe estava extremamente preocupada, pois sua filha saíra e estava demorando muito para voltar. Seus amigos Evna e Agnes também estavam preocupados, então procuraram por alguma pista no quarto dela e encontram um bilhete sobre a cama: era um recado que ela havia escrito avisando para onde ia e qual era seu propósito. Logo, ficaram ainda mais preocupados. Celeste era uma garota inteligente, corajosa e sábia para se defender, porém era inocente e imprudente. Pediram ajuda aos guerreiros do castelo que tinham ligação com a Terra, para que encontrassem a garota. Atendendo ao pedido de resgate desesperado da mãe da garota, os guerreiros partiram junto com os jovens arqueiros Evna e Agnes.

— Não se preocupe, tia Sofia, vamos encontrar Celeste e trazê-la sã e salva, prometo! — Disse Evna, com determinação.

Os guerreiros conseguiram ter contato com outros espões que haviam ido junto de Ether. Conseguiram conversar com o pai da garota através de Miguel, um jovem guerreiro de ótimo caráter, amigo dele. Miguel comunicou sobre os riscos que estavam correndo: descobriram que estão armazenando armas de gás perigosíssimas e preparando um exército contra Luminar.

Dessa forma, Miguel pede resgate ao Pitter, o líder dos guerreiros de Luminar. Além de aumentarem a segurança do reino contra ataques vindos da Terra, pede que construam um muro ao redor e usem máscaras.

O guerreiro Pitter faz o que foi pedido. O exército é encaminhado para o resgate de Miguel e Ether. Ambos foram descobertos por Amena, uma espã, que tinha a missão de descobrir possíveis espionagens sobre os planos de ataque.

Agora estão em perigo, esperando pelo resgate. Todas as suas armas foram recolhidas e os dois não conseguiram lutar contra tantos outros armados. Tudo que resta é esperar pelos guerreiros de Luminar.

Voltando à Terra, Celeste e Molly chegam ao lugar indicado no mapa. Tratava-se de uma casa baixa no formato de cogumelo, loca-



lizada em uma floresta afastada da cidade. A porta estava trancada e, por incrível que pareça, Molly estava com a chave. Celeste estranhou, afinal, por que ele teria a chave? Quando entraram, tratava-se de um lugar completamente estranho e abandonado, havia jaulas enormes.

Celeste foi sequestrada por Molly. Quem parecia ser seu amigo, na verdade, era um traidor. A garota ficou muito decepcionada e brava, visto que precisava dar um jeito de fugir daquela situação.

Em meio à raiva, escuta uns barulhos vindos de trás. Ela corre e baixa as cortinas que cobriam as jaulas. Quem estava preso era seu pai e, junto com ele, havia outro rapaz, Miguel, o jovem guerreiro de ótimo caráter e amigo de Ethan. O pai da garota assim que olha para o cordão no pescoço de Celeste, reconhece, pelo amuleto, que se tratava de sua filha e começa a chorar emocionado:

– Minha princesa, há quanto tempo eu sonhava em lhe encontrar, minha filha!

– Papai? Papai, eu vou tirar vocês, vamos voltar para casa! – Diz emocionada.

Ela tenta entrar em um acordo com Molly para que ninguém saia ferido, mas Molly faz parte da organização criminosa e não aceita acordo nenhum.

Molly pega sua arma, vai em direção à garota, e diz:

– Você não é páreo para mim, não passa de uma garotinha inocente que caiu no meu papinho, muito fácil de ser enganada! – Gargalha enquanto olha a menina.

Inesperadamente, Molly acerta um tiro na perna da garota. O tiro pega de raspão, a perna começa a sangrar, ela fica desesperada! Respira profundamente, procurando se acalmar e pensar em uma solução. O pai fica desesperado e Miguel também; não podem fazer nada, pois estão presos. Eles ameaçam Molly e tentam acalmar Celeste:

— Se eu fosse você, não ficaria tão confiante! Passei a localização desse lugar para os guerreiros de Luminar; logo, logo, você estará ferido Molly! — Disse Miguel.

— Calma meu anjo, não faça nada precipitado que possa acabar lhe machucando ainda mais! — Disse Ether, muito preocupado e aflito com a filha naquela situação.

O diamante no cordão de Celeste começa a brilhar e, sem ninguém perceber, o ferimento da perna dela começa a cicatrizar. Ela percebe que não sente mais dor e que seu arco começa a brilhar. Celeste não sabia desse poder que tinha no amuleto, muito menos que era mágico.

Enquanto Molly está discutindo com Ethan e Miguel, Celeste aproveita a situação e pega seu arco. Sem que ele perceba, o tiro pega em cheio; no entanto, não o mata. O amuleto transforma a flecha em uma corda, que envolve Molly, fazendo com que fique preso. Desse modo, ela consegue pegar as chaves de seu bolso e soltar os prisioneiros.

No entanto, os dois ainda estão bastante machucados. A garota pega de sua bolsa a planta milagrosa que salvou sua mãe. Ela passa a planta por cima dos ferimentos, fecha os olhos e seu cordão brilha muito forte; a magia começa a acontecer e os dois ficam curados.

Por fim, os guerreiros chegam ao cativeiro, graças a Miguel, que usa um relógio tecnológico capaz de transmitir a localização. Ao chegarem, encontram Miguel, Ethan e Celeste. Molly está no chão, desmaiado. Todos fogem, sem confronto com os guerreiros da Terra, visto que demoraram muito a chegar. Os terráqueos ficam desapontados pelo atraso, pois os prisioneiros foram resgatados.

Dessa maneira, retornam para a ilha do céu, Luminar. Ethan está de volta em casa, graças a sua filha corajosa. A família volta a ficar reunida e fica forte novamente. Celeste cria uma forte amizade com Miguel com o passar do tempo. A descoberta foi feita e tudo termina com paz e felicidade.



# CONTO VII

## **ÂMBAR: A RAINHA DOS DOIS REINOS**

*Francisco dos Santos Moraes*

Em um reino muito distante, em um cenário acolhedor, há a mais simples e encantadora cidade camponesa, chamada Vidalgo. A alegria do povo que ali habita é de uma singularidade gigantesca, mas, como em toda história, há sempre os dois lados da moeda. Há duas famílias, Bennet e Stevens, que trazem em seus sobrenomes a disputa pela liderança daquele povo, um conflito que ofusca toda a beleza daquele lugar.

Certo dia, Cristóvão, o líder da família Bennet, homem bastante ambicioso, em um dos seus banquetes luxuosos, levantou-se e mandou que todos ficassem atentos ao que ele ordenaria, então determinou o papel de cada membro da família, pois a velhice chegaria mais breve e era necessário manter a ordem do seu império. Úrsula, sua esposa, era uma mulher bondosa, mas não intervia de modo algum nos interesses do rei; ela ficou responsável apenas por comandar as empregadas domésticas. Leny, o príncipe, filho mais velho do casal, que era de uma personalidade autoritária e pouco prestativo, ficou com o controle da guarda do seu castelo. Charlote, a filha do meio, era uma moça muito boa; por outro lado, era leiga quanto à realidade da vida e para ela tudo parecia estar sempre bem. Ficou com o trabalho de criar todas as peças de roupas da família Bennet, afinal, o seu dom era o da costura. Por fim, Âmbar, a princesa mais nova, era uma menina de muitos sonhos e de um coração valente, seus cabelos eram como fios de ouro ao brilharem ao sol. Era sempre muito relutante para falar das suas vontades, talvez pela pouca idade, mas seu pai já

a havia destinado ao casamento, a fim de continuar a hierarquia da família imperial.

Âmbar sempre se sentiu sozinha, mesmo porque só tinha a companhia de Charlotte, esta que pouco entendia o seu papel ou questionava os movimentos que eram feitos no reino. Assim, a princesa Âmbar passava boa parte do tempo sobre a janela do seu quarto e sempre ouvia de lá as brigas que os seus pais travavam todos os dias para que ela se casasse. No entanto, Úrsula, sua mãe, sempre preferiu que a menina tivesse suas próprias escolhas e que nada pudesse tirar o sossego dela, afinal, ela ainda era jovem demais para pensar em casamento, apesar de faltar pouco tempo para completar seus 18 anos. Mesmo assim, Cristóvão queria que ela casasse a qualquer custo com Jimmy, um rapaz que pouco era visto; ele o preferia por interesses próprios, por ser filho de um dos seus companheiros antigos de batalha e por ser dono de um enorme castelo no alto da colina.

Por outro lado, a família Stevens era bastante respeitada por todos que habitavam naquelas redondezas de Vidalgo e, embora partisse de uma simplicidade, possuía uma das maiores riquezas herdadas pelas batalhas antigas. A família morava no lado das terras onde havia a árvore da força. Essa árvore dava frutos que podiam curar qualquer enfermidade e dor emocional; poderia até prolongar os dias na terra, se consumida a tempo, e isso era motivo de ira por parte do reino Bennet, seu maior rival.

Bart Stevens, conhecido apenas por Stevens, era um pai solteiro que comandava uma tropa de trabalhadores camponeses. Ele teve dois filhos, porém só sobreviveu um, o Ben, o filho mais velho. Eles eram uma família muito generosa com o seu povo, sempre estavam dispostos a ajudar os mais necessitados, contribuindo com os trabalhos braçais dos seus homens nas construções de vilarejos. Ben era um filho único, suas características muito se assemelhavam às de seu pai; o único diferencial eram as experiências. Mesmo assim, em seu peito, a juventude e a força da vida eram exalantes; era sempre valente e muito disciplinado. Os seus hobbies eram as caças ao entardecer

nas encostas dos vilarejos construídos naquela pequena cidade, no Sul de Vidalgo.

Certo dia, em um final de tarde, quando no céu formavam-se vibrantes cores contornando um lindo entardecer, Ben sai em uma de suas caçadas como era de costume. De repente, avista de longe um homem com a aparência já velha, mas um tanto rude, falando com um dos homens de seu pai que ali passava. Era Cristóvão, então, o jovem sem entender, aproximou-se e questionou:

— O que passa aqui senhores, podemos conversar e resolver?

— Ora, ora, se não é o filho de Stevens, mais um senhorzinho de sangue ruim! — Retrucou o velho ofegante.

— Sim, sou eu mesmo e vejo que o senhor ainda não aprendeu nada em termos de respeito, então devo me igualar. Eu prefiro ter o sangue ruim como o senhor diz, do que ter o sangue de porco nas veias, achando que é sangue azul!

— Que moleque petulante! Suma da minha frente antes que eu o faça desaparecer! E leve o recado ao seu pai: se eu pegar um de seus homens andando pelos meus campos, nunca mais ele o verá!

Naquele momento, Ben e o trabalhador de seu pai desaparecem em meio aos morros dos campos a galopar em seus cavalos.

Chegando em seus aposentos, o filho fala ao seu pai o acontecido. Stevens, sem demonstrar espanto, pois sabia exatamente do que Cristóvão era capaz, visto o passado dos dois, resolveu reunir todos os seus trabalhadores e pediu que eles jamais pisassem nas terras do rei, e, principalmente, o Ben. Ele pediu que o filho mudasse suas rotas de caçadas ao entardecer. Temia o que poderia acontecer com o primogênito. Insatisfeito, o filho dispensa os conselhos do pai e diz que o rei precisava aprender, sobretudo, a ter humildade, pois não era uma coroa que o tornava um ser intocável.

No dia seguinte, com a teimosia que lhe era inata, o filho desafia as ordens do rei e o pedido de seu pai, e sai em seu cavalo em direção ao castelo de Cristóvão. Quando estava se aproximando das grandes pe-

dras que apoiavam o gigante castelo, o seu coração bateu mais forte, parecia sentir que alguma coisa estava por vir, mas a sua determinação não o fez voltar. Chegando ao portão, de longe Cristóvão o avistou. Duvidando de que alguém pudesse confrontar a sua ordem, furioso e com planos maléficos, ele ordena que o filho mais velho desça e abra para que o jovem entre. Neste mesmo instante, do quarto de Âmbar, a princesa direciona o olhar para a frente do reino, a sua vista fica turva, pois jamais havia visto alguém tão belo e altivo, a valentia daquele rapaz brilhava em sintonia com o olhar da moça, mas também ela sabia que algo de bom não seria, afinal ele estava com um olhar expressivo e impaciente e era exatamente o que acontecia, bravamente ele estava disposto a conversar com seu pai e impor suas verdades.

Leny, o príncipe, desce as escadas e, em um tom de arrogância e ironia, se dirige até Ben e indaga:

— O que faz aqui, você é um dos servos do meu pai? Deveria estar em trabalho, não?

— Não sou servo do seu pai. Eu jamais serviria alguém como ele! Peço que, por gentileza, o chame, preciso resolver algumas pendências com ele — retrucou o rapaz.

— Meu pai pediu que subisse, mas deixe suas armas aqui embaixo, não permitimos entrada de estranhos no nosso reino, principalmente armados!

Assim, ele acompanha inocentemente Leny. Jamais imaginaria o que lhe aguardava. De dentro do castelo, Cristóvão resmungava: “— Esse inconsequente jamais ousará me desafiar! A lição que eu lhe ensinarei servirá de exemplo para todos que pensarem em me desafiar um dia”.

No mesmo instante, Ben é dirigido à sala do rei e entra furioso. Cristóvão pede que o filho saia e o deixe a sós com o visitante.

Ben tenta dar início à conversa e é interrompido em palavras fortemente expressadas:



— O que entendeste quando ordenei que não andasses por minhas terras? Eu não deixei claro do que eu seria capaz? O rapaz, que estava de frente para o rei, estremeceu; apesar da sua coragem, ele temia a tamanha ira que o confrontava.

Âmbar ouviu os gritos que vinham da sala vizinha ao seu quarto; eram os dois que estavam a discutir. No quarto de Âmbar, havia uma porta que dava acesso a essa sala e ela tentava de todas as maneiras olhar pelas brechas, mas não tinha sucesso, as paredes eram bem revestidas e impossibilitava qualquer visão.

As horas pareciam não passar naquele castelo, e tudo ficou mais tenso depois que Ben ousou entrar lá. Os sentimentos de Âmbar eram de medo e muita aflição por achar que não conseguiria mais ver aquele que fez o seu coração bater mais forte. E, por saber que o seu pai era um homem muito carrasco, sentia que a ação do pai poderia acabar de uma vez por toda a vida daquele moço. Teve, pois, a ideia de pedir a sua irmã Charlotte para levar um chá ao seu pai e ver o que se passava dentro daquela sala. Pediu que Charlotte fosse até o seu quarto. Depois de poucos minutos, ela bate à porta de Âmbar e entra.

— Peço, minha irmã, que tu não olhes nos olhos do nosso pai, mas que ofereças de bom grado o chá e tenta acalmar o coração dele, tu que tens o dom de acalmar! Suplicou a princesa Âmbar. Temo que ele possa fazer desaparecer aquele moço!

A moça sabia que a única pessoa com quem o rei Cristóvão não seria rude era sua irmã Charlotte, pois seu pai, toda vida, a teve como filha preferida, concedia a ela, desde pequena, tudo que lhe fosse pedido, inclusive com suas primeiras peças de costura; o rei fazia todos os gostos da filha do meio.

Naquele instante, Charlotte atendeu o pedido da irmã e foi.

Chegando à sala, abriu a porta vagarosamente. Sua mão deslizou mansamente na maçaneta, entrou e deixou sobre a mesa o chá. O rei calou por alguns segundos, mas logo ordenou à moça:

— Charlotte, minha filha, diga ao seu irmão que abra o porão! Hoje teremos um novo morador!

Charlotte, confusa e atordoada, jamais presenciou ou viu seu pai tão furioso; talvez ela nunca tenha percebido, pois ele sempre foi assim. Mesmo assim, ela sai correndo para fazer o que o pai ordenou; entra no quarto às pressas e diz:

— Leny, nosso pai está furioso! Ele disse para você abrir o porão, pois hoje terá um novo morador.

O príncipe parecia estar feliz com a ordem do pai; seu gênio era de alguém que não se importava com os sentimentos alheios. Ele vai em direção ao subsolo para abrir o porão, então Charlotte retorna para o quarto desesperada para avisar o ocorrido à Âmbar.

Âmbar estava aflita e, com as lágrimas escorrendo em seu rosto, esperava ansiosamente por notícias que Charlotte traria, quando de repente a irmã chega com a voz trêmula:

— Âmbar, trago péssimas notícias! Nosso pai está muito bravo, perdeu ao Leny que abrisse o porão para o rapaz que estava na sala dele morar lá. Temo o que nosso pai possa fazer com ele!

Âmbar desmanchou-se em lágrimas, parecia conhecer o rapaz de longos anos, alguém que ela na verdade só viu uma única vez. Ben havia despertado nela um dos sentimentos mais puros, o amor à primeira vista.

Naquele mesmo dia, Stevens sentiu falta do primogênito, pois desde cedo não o via em lugar algum, nem mesmo nas encostas dos vilarejos. Assim, começou a inquietação e, diante disso, passou a alertar a todos sobre o sumiço repentino do filho. Os seus homens começaram a se alvoroçar querendo ir até o reino de Bennet, pois acreditavam que o menino pudesse ter sido pego pelo rei, mas, logo em seguida às especulações feitas, foram acalmados por Stevens. Ele disse com muita firmeza que logo ele voltaria, pois sempre foi um menino muito independente; precisava apenas esperar até o fim do dia que ele retornaria para casa.

Aquele dia parecia acontecer em câmara lenta lá no reino de Bennet. Passou-se a tarde e a noite; foi um dia muito longo, e Âmbar, pensando no que poderia fazer, virava-se o tempo todo de um lado para o outro em sua cama. A moça não conseguia pregar os olhos e não era por desconforto do seu leito, pois essa era toda revestida em plumas das aves, mas pela confusão que estava em sua mente, visto o clima desesperador do reino.

Depois de longas horas, finalmente ela teve uma ideia, sabendo que o moço poderia ter rancor dela, caso ele a visse e soubesse que era filha do rei. Entendeu que a única forma de ir até o porão seria vestindo-se com roupas de empregada. Contou, portanto, com a habilidade de costura da irmã para ajudá-la, criando, a partir dos modelos de roupa das empregadas, uma que desse em seu corpo. Charlotte disse que seria possível e que iria ajudá-la. Prometeu que antes do amanhecer estaria pronta. Pegou, pois, os seus materiais e começou a costurar a peça, as moças não dormiram o restante daquela madrugada.

Como prometido, antes do raiar do dia, Charlotte entregou a roupa à Âmbar. No mesmo instante, ela vestiu e foi ao porão, com muito cuidado e atenta para que não fosse pega por ninguém, contou apenas com o segredo da irmã. Então, desceu as escadas empoeiradas que davam acesso ao subsolo; seu coração batia acelerado à medida que dava cada passo. Ela respirava fundo, pois já conseguia sentir a presença do rapaz a poucos metros de distância. Chegando às grades de ferros e dentro daquele quarto escuro, só conseguia enxergar o rapaz, pois os fechos da luz do dia que vinham surgindo, clareavam parte daquele quarto escuro. Ben estava cabisbaixo, mostrava-se infeliz e com muitas marcas de sofrimento deixadas em seu corpo. Observando admirada e com o coração cheio de dor por vê-lo naquela situação, ela sussurra com olhar de compaixão:

—Moço... moço, eu vim te ajudar!

Ben, ouvindo aquela voz doce que vinha do portão, sentiu, por um breve momento, um alívio, pois diante de tudo que ele havia sofrido

na noite anterior, saber que alguém poderia ajudá-lo era quase impossível. Levantou-se, foi até as grades e suplicou:

— Peço que me ajude! Sou Ben e a minha família não sabe onde estou! Moro no Sul de Vidalgo, no povoado da família Stevens. Acredito que eles estejam preocupados; como não conseguirei sair daqui, imploro a você que me ajude a avisar a meu pai onde estou, mas diga que não se preocupe, que vou ficar bem!

— Pode deixar, eu prometo dar o recado! Por mais difícil que seja, tentarei mantê-los avisados! — Respondeu Âmbar.

— Serei eternamente grato ao que está fazendo por mim! Vá, por favor, e diga que não entrem em guerra, apenas mandem, por você, os frutos da árvore do poder, pois sinto muita sede e muitas dores em meu corpo!

Âmbar, sentindo repulsa pela atitude do pai, não pensou naquele momento na rivalidade que existia entre as duas famílias, pois isso seria um problema a mais para pensar; ela estava disposta apenas a fazer de tudo para salvá-lo.

Assim ela continuou:

— Em algumas horas, retornarei aqui com o que pediu, peço apenas um pouco de paciência; agora eu tenho que ir, não posso ser vista por ninguém ou tudo pode ir por água abaixo.

Saindo às pressas, ela sobe as escadas, tira a roupa de empregada que estava por cima, joga dentro do seu quarto e vai direto para a cozinha. Âmbar sempre foi muito esperta. Chegando até a mãe, pediu para ela ordenar que uma de suas empregadas fosse andar de cavalo com ela pelos campos, pois precisava pegar um pouco de ar. Sua mãe, feliz com o pedido, até mesmo porque sua filha passava o dia enfurnada dentro do quarto, não pensou duas vezes, de imediato chamou a melhor criada para acompanhar a moça nas galopadas pelos campos, pedindo apenas que tivessem cuidado.

Assim, os cavalos já estavam à espera das moças, elas partiram para o Sul de Vidalgo. A empregada, sem entender a direção que seguiam, foi interrompida antes de fazer qualquer questionamento.

— Apenas me siga! Seja boazinha! Nada do que vir hoje poderá ser dito para minha mãe!

Depois de muito galoparem, chegaram à cidade do Sul, e logo perguntou onde morava o Sr. Stevens. A menina já o conhecia pela boca de seu pai que, em muitas ocasiões, já o havia insultado em suas conversas.

Quando chegou à casa do líder, chamou:

— Senhor Stevens, trago notícias do seu filho!

Bart sai correndo de casa afora e espanta-se ao ver aquela linda jovem, com os cabelos ao vento, sem acreditar, pois sabia que aquela era a filha mais nova do seu maior rival.

— O que faz aqui, cadê meu filho? O que vocês fizeram com ele?

— Calma, venho em paz! Meu pai prendeu o seu filho no porão, me sinto envergonhada por isso, não sou como ele, eu venho a pedido de Ben, estou aqui para ajudar!

A mansidão da menina e a sinceridade nas palavras fizeram com que o líder Stevens ficasse um pouco mais desarmado.

— Seu filho pediu que não entrassem em guerra com o meu pai, pois poderiam dificultar as coisas, e que, se o amam, ficassem quietos, pois logo ele estaria aqui novamente com vocês.

— Meu Deus, como ele está? Ele está ferido, maltrataram o meu filho? —Perguntou.

— Senhor, ele apenas pediu que eu desse o recado a você, e que mandasse por mim alguns frutos da árvore da força, para que ele suporte o que pode vir a acontecer.

Assim, o pai do rapaz pegou alguns frutos e deu à moça, reforçando o pedido para que ela não deixasse nada de mal acontecer com ele.

Âmbar segurou as duas mãos de Stevens e lhe jurou que nada de ruim aconteceria com ele, pois ela daria a vida dela se assim fosse preciso. Então, ela subiu em seu cavalo e, junto com a sua empregada, voltou para o castelo.

Ao chegar, foi direto para seu quarto. Mesmo cansada, ela vestiu a roupa de empregada, analisou todo os movimentos do império e, quando percebeu que nada a impedia, foi até Ben.

Chegando lá, chamou com a voz baixinha:

— Ei moço, voltei! Tenho que ser breve...

O rapaz levantou-se e foi até ela. Âmbar estirou os braços entre as grades e entregou os frutos que ele havia pedido ao seu pai.

Em seguida, ele questiona:

— Por que está me ajudando? Não tem medo de que seu rei a demita por minha causa?

Rapidamente Âmbar respondeu:

— Ele não precisa saber, a menos que você conte...

— Você é muito corajosa moça, quero ser igual a você um dia. Uma moça tão linda, arriscando-se por um desconhecido!

Envergonhada e com as bochechas coradas, conseguiu dizer em poucas palavras que ele já era muito corajoso em ter enfrentado o rei Bennet, um dos homens mais poderosos daquele lugar.

E saiu correndo para seu quarto, subiu as escadas e trancou-se dentro do seu quarto, escorando-se na porta e com as duas mãos em seu peito. Ela ria com os olhos cheios de ternura; sabia que seu coração pertencia àquele rapaz.

Assim, todos os dias, Âmbar repetia os mesmos processos para ir ver como estava o amado e, à medida em que os dias foram passando, Ben também se apaixonou perdidamente por aquela linda empregada que cuidava tão bem dele! O que ele não sabia é que ela era a filha do rei.

Depois de alguns dias, o rei Cristóvão, muito cedo, resolveu acordar todos do castelo, reunindo os servos e toda a família, pois tinha um comunicado importante a fazer. Com a chegada dos 18 anos de Âmbar, ele preparava uma festa imensa para todos da alta corte e finalmente seria o dia também de oferecer a mão da filha mais nova ao pretendente Jimmy. Desse modo, convidou todos para esse grande feito, porém, a menina Âmbar entristeceu automaticamente, chorou copiosamente naquele dia da anúnciação em seu aniversário. Aquele dia, que seria motivo de muita alegria, tornou-se triste.

Assim, Cristóvão manda o convite ao pai de Jimmy e família. Entusiasmado, ele finalmente veria sua filha casar-se o mais breve com o herdeiro de muitas terras; pouco estava preocupado com a infelicidade da filha, só se importava com os benefícios materiais daquele matrimônio.

A partir disso, Âmbar não tinha nem forças para ir até Ben, então ele ficou esquecido por quase uma semana. Mas, com o auxílio dos frutos, ele conseguiu sobreviver muito bem.

Passando-se os dias, chegou a data de sua festa. Ela acordou muito cedo e ouviu do seu quarto o seu pai pedir a um dos seus servos que colocasse gasolina no porão, pois queria comemorar três grandes feitos naquela noite: o aniversário e o noivado da filha, e a morte de quem, um dia, o confrontou. Aqueles dias que já estavam sendo difíceis para Âmbar, foram intensificados; ela chorava um choro mudo, mas dilacerador; as palavras do pai soavam como uma faca atravessando em seu peito; ela estava totalmente infeliz, não via mais razões para existir.

Então, ela lembrou que as chaves velhas do porão ficavam penduradas dentro da sala do rei. Assim, chamou Charlotte e novamente pediu a ajuda da irmã para distrair o seu pai, e tirá-lo da sala onde estavam as chaves.

— Charlotte, nosso pai pode cometer uma grande barbárie, precisamos fazer alguma coisa, chame-o até o seu quarto e desvie a atenção

dele por algumas horas! Preciso pegar as chaves que estão na sala dele e libertar aquele pobre prisioneiro, ou ele morrerá queimado!

— Âmbar, isso é muito arriscado, não sei se conseguirei despistá-lo por muito tempo! Nosso pai é muito inquieto, faça tudo no menor tempo possível, e lembre-se, a sua festa começa em poucas horas!

Da sala, Cristóvão gargalhava e tudo parecia estar bem; não tinha nada que pudesse acabar com tamanha felicidade. Charlotte chega até ele e pede que o pai venha ver o vestido que ela fez para usar na festa que aconteceria em instantes.

Cristóvão não colocou dificuldades e foi com a filha e, ao passar pela porta da sua sala, Charlotte diz que ele pode ir na frente que ela fecha, porém ela apenas encosta para facilitar o acesso de Âmbar. Assim, para que o rei não desconfiasse de nada, ela o acompanha e entrega a chave da porta a ele.

A princesa Âmbar, mesmo com o coração em pedaços, fazia o mais lindo penteado, colocava o tão desejado vestido, aquele que era passado de gerações para gerações, todo revestido de pedras de diamantes. Qualquer moça naquela idade gostaria de estar no lugar da princesa! Portanto, Âmbar ganhava não só o protagonismo de ser a aniversariante do dia, mas por ser a mais linda da festa.

Ao finalizar a sua produção e enquanto Charlotte enrolava o pai, a menina se olha no espelho e diz as seguintes palavras:

— O ser humano que não é digno de ser feliz não tem razão para existir!

Ao finalizar a frase e conformada com o que o destino lhe reservara, vai até a sala do rei, aproveitando que a porta estava apenas encostada, entra e avista acima da poltrona um molho de chaves.

Naquele mesmo momento, o servo de Cristóvão já estava no porão jogando gasolina por toda a cela; o piso, por ser coberto de feno, bastava apenas uma faísca de fogo para incendiar, assim, no mesmo instante em que Âmbar pega as chaves e vai ao porão salvar o Ben, o



homem acende o fósforo e sai. Logo as chamas vão consumindo aos poucos todo o subsolo.

O cheiro de fumaça alcança o olfato da moça antes mesmo de ela descer as escadas. Ela se desespera e sai correndo para a cela onde estava o pobre rapaz. Muito ágil, ela abre o portão e encara as chamas altas, resgatando em meio ao fogo, o amado, que estava há alguns segundos gritando por socorro e que, por pouco, o fogo não o atingiu. Devido às nuvens de fumaça naquele local, ele só conseguia enxergar o claro que vinha das escadas. Aos gritos, a moça diz:

— Vá depressa! Preparei tudo para que consiga fugir...vá pelos fundos do castelo, deixei a porta de acesso aberta! Lá fora tem um cavalo a sua espera, fuja o mais rápido que puder e não olhe para trás!

Ben sai correndo.

Charlotte começa a se preocupar com Âmbar que demorava a voltar para dizer alguma coisa. Começou, a partir disso, a pensar no pior cenário, e passou a ter uma crise de ansiedade; olhou para o seu pai e disse:

— Pai, Âmbar está no porão libertando o rapaz, tenho medo de que o pior tenha acontecido, por conta do fogo que o senhor mandou atear.

Cristóvão se desespera e, aos gritos, chama Úrsula e Leny, pois sabia que, por aquelas horas, o seu servo já havia incendiado tudo, então ele corre para salvar a filha...

Ben, que também corria no sentido contrário do castelo para se salvar, chegando ao fim do corredor, olhou para trás e viu que a moça não havia subido as escadas ainda. Então, ele voltou, e quando chegou lá, o rei estava aos gritos pedindo socorro, pois sua filha estava morta, ele só a queria de volta! Como a fumaça ainda estava incontornável, não dava para ver ninguém. Ben se norteava apenas pela voz do rei; assim, ele pegou a moça, colocou em seus braços e subiu, indo para onde estava toda a família Bennet reunida aos prantos.

Ao chegar lá em cima, olhou para a moça e percebeu que, na verdade, a empregada era a mais linda princesa daquele reino, e, quanto ao rei que tentou matá-lo, Ben esqueceu toda mágoa, meteu a mão nos bolsos e deu à princesa a última fruta da árvore da força que ainda havia, apertando para que o sumo pudesse recuperar a força dela. Cristóvão só chorava e clamava aos deuses.

Aos poucos, a moça foi mexendo um dos seus dedos mindinhos, então Ben gritou:

— Ela está viva!

O rei pulava e agradecia com um riso e Âmbargado do choro, mas o momento era de alegria, Âmbar finalmente saía do sono profundo, meio atordoada ainda e com a cabeça no colo de Ben, os olhos da moça foram em direção aos dele. O rapaz ergueu-se e beijou aquela linda jovem. O seu beijo era de amor, mas também de muita gratidão, pois entendeu que tudo vale a pena quando se ama; os riscos que ela correu durante toda a sua estadia no porão foram os mesmos que ele correu quando decidiu voltar para ajudá-la.

Cristóvão, que era um homem muito amargurado, ficou fascinado com a atitude de bem; seu coração imediatamente foi ficando amolecido, rendendo-se aos sentimentos bons. Então, de imediato, ele anunciou para todo o castelo que a festa estava cancelada, que todos os convidados deveriam ser dispensados.

Ben não saiu um instante do lado da princesa e finalmente quando ela estava em condições de raciocinar e de caminhar sozinha, o rei foi até o seu encontro, ajoelhou-se diante da menina e pediu desculpas:

— Filha, me perdoa, eu falhei em tudo até aqui, mas estou aqui para te pedir perdão! A partir de agora, deixo-te livre para fazer as vontades do teu coração.

Âmbar ajoelhou-se para igualar-se ao seu pai e o abraçou.

Assim, o rei compreendeu o sentido da vida, permitiu-se entender que a verdadeira felicidade não é algo imposto, está na sutilidade da vida,

como no primeiro olhar apaixonado, no primeiro beijo depois de uma tempestade...está na calmaria arriscada de servir a quem tanto ama.

Ben finalmente conquistou a todos do reino para a sua liberdade, até mesmo Leny, que era difícil de ser compreendido. Cristóvão, naquele mesmo dia, fez questão de montar uma cavalaria e acompanhar a volta do ex-prisioneiro para casa. De longe, os moradores do Sul de Vidalgo avistaram a multidão. Bart dava gritos de alegria, pois seu filho finalmente estava de volta, e Cristóvão, que acompanhava os jovens, desceu do seu cavalo, foi em direção ao líder do Sul e o abraçou, selando a paz.

Os campos, que estavam sem vida, começaram a florescer no mesmo instante; houve assim uma chuva coronal capaz de restaurar toda a beleza daquele lugar, e Ben, em meio a todo aquele alvoroço, finalmente pediu a mão de Âmbar em casamento. Ela se tornou a primeira mulher com autonomia nos dois reinos e ficou conhecida pela sua força e coragem. A partir disso, as duas famílias decidiram organizar a mais linda festa com todo aquele povo para comemorar, e assim viveram felizes para sempre.

# CONTO VIII

## **O MISTÉRIO DO POVO DA FLORESTA**

*Francisco Emanuel Barros*



Era uma vez uma linda e encantadora floresta, onde pessoas cultivavam frutas e diversas outras delícias que matariam a fome de muitos povos. Ali vivia também um garoto, que adorava ler histórias escondido de sua família, fugindo de seus afazeres. Seu nome era Aires, um garoto curioso, que, de fato, tinha seus momentos de aventura e vivia colocando seus amigos, Fóbio e Athena, em problemas.

Os três eram melhores amigos e não saíam de perto um do outro por nada; quando se juntavam, não havia tempo ruim. Aires sempre achava uma maneira de trazer seus amigos para fora dos olhares dos pais e juntos se divertiam explorando cada vez mais as belezas pertencentes à natureza. Aires tinha uma maneira diferente de ver as coisas e isso era o que chamava a atenção dos seus outros dois amigos.

A floresta, com altas árvores, deixava entrar entre seus galhos os mais belos raios de sol, mostrando toda sua beleza conhecida somente pelo povo que vivia lá. Mas Aires era diferente, ele queria ver o mundo, ver o que tinha lá fora, por isso jamais entendera por que não podia sair da floresta.

O povo da floresta tinha regras rígidas quanto a sair da região: “É estritamente proibido sair da floresta!” Essas eram as palavras de seu líder, um homem rigoroso, íntegro e que já sabia da fama dos três jovens, que sempre tentavam sair da floresta de diversas maneiras. A questão é que essa não era a primeira, nem a segunda

vez que eles aprontavam, mas sem sucesso; o que todos não esperavam era que dessa vez suas vidas mudariam para sempre.

Aires era um garoto destemido, tinha um forte senso de liderança, era focado em seus objetivos quando tinha um, não descansava até conseguir cumprir. Tinha muitos dons, mas também muitos defeitos. Como todo garoto curioso, às vezes, ele levava a pior por tentar buscar algo que nunca teria o controle, levando muitas vezes seus amigos para o caos; entretanto tinha um bom coração, por isso era admirado por seus fiéis amigos. Fóbio, por sua vez, era um garoto frágil e tinha bastante dificuldade em conseguir lidar com os problemas que seu amigo trazia para eles; tinha medo de quase tudo e de todos e demonstrava sua coragem somente em momentos raros de extrema precisão; era um garoto de coração puro que, apesar do medo todo, jamais abandonaria seus amigos. Já a corajosa Athena era diferente, enquanto era a cabeça para assuntos considerados adultos, ela demonstrava pontos de vista que muitos adultos não teriam, e era capaz de notar os detalhes e se sair bem em diversas situações. Por sinal, isso foi o que manteve seus amigos vivos esse tempo todo com tantas loucuras já vividas.

Numa manhã como qualquer outra, estava o trio andando pelas fronteiras da floresta, buscando aventuras, pois era o que mais faziam quando estavam entediados, quando Aires falou:

— Não acredito que não achamos nada hoje! Nesses dias, vimos o maior javali que já vimos na vida, e hoje nada!?! — Exclamou o garoto. — Estou desapontado!

— O que você queria ver? Um leopardo? — Perguntou Athena atenta aos arredores.

— Se fosse o caso, já estaríamos mortos! — Falou Fóbio, assustando-se com o mexer dos arbustos.

— Não acho que seria o caso, somos aventureiros experientes. — Falou Aires enquanto juntava umas pedras do chão e analisava sua curvatura.

— Acho melhor voltarmos. Não acho que hoje vai render alguma aventura mirabolante, como você sempre imagina, Aires. O que acha de voltar agora? — Sugeriu Fóbio, que começava a suar conforme ia escurecendo.

— Não seja tão precipitado, meu caro Fóbio, com certeza há de acontecer algo bem “daora”. — Athena arqueava a sobrancelha, enquanto Aires falava entusiasmado colocando as pedras em sua bolsa tática.

— O que é aquilo? — Perguntou a garota apontando para uma caverna mais à frente.

— Vocês sabem o que é. — falava Aires com um tom quase diabólico. — É uma aventura, eu disse que apareceria.

— Não acho uma boa ideia, nunca vimos essa caverna antes — afirmava Fóbio. — Além do mais, já está bem escuro.

— Vamos entrar, o dia só acaba quando termina. — E foi na frente todo dançante, como se estivesse indo pegar um prêmio.

— E lá vamos nós mais uma vez — falou Athena, dando de ombros e seguindo o jovem.

— Vocês ainda vão me matar! — Falou Fóbio, indo logo atrás.

Os três adentraram a caverna um atrás do outro, indo em busca de algo que não faziam ideia do que encontrariam; logo os sons dos passos foram ecoando, os sons das gotas d’água caíam e faziam sons de belos a estridentes, e o misto de emoções foi inevitável.

— Tomem cuidado com os pés e mantenham os olhos bem abertos! A partir daqui, é um território perigoso, não se descuidem nem por um momento! — Disse Aires tomando a dianteira.

— Não estou vendo seu rosto, mas aposto que, se não tomar cuidado, seu nariz vai bater no teto da caverna — falou Athena, enquanto andava com bastante cuidado.



— Não tem como evitar, Athena, não achamos uma aventura assim há muito tempo, embora eu não esteja gostando nada! A voz trêmula de Fóbio encontrava um conflito agora com uma leve empolgação, algo raro para os outros dois.

— Aqui, tomem, vamos precisar! — Falou Aires enquanto puxava galhos secos e enrolava uns panos com seiva de árvore, e acendia as tochas.

— Que tamanho tem essa sua bolsa? Indagou Athena, pegando a tocha.

— Acham que nossos pais já notaram nossa ausência? — Perguntava Fóbio um tanto aflito.

— Claro que não! — Bufou Aires.

— Claro que sim! — Exclamou Athena.

— Vocês não me deixaram nada à vontade para continuar essa aventura maluca! — Fóbio levantava a tocha, olhando ao redor como se fosse ser atacado a qualquer momento.

— Fóbio, você está sempre preocupado, devia apreciar as coisas um pouco mais. — Falou Aires em tom de deboche.

— Estamos indo para um lugar sem nem ao menos saber onde estamos pisando — falou Fóbio, enquanto olhava para Aires como se fosse um bicho crescendo embaixo da pia.

— De fato, meu caro, entretanto, ficaremos para a história! — Respondeu Aires.

— Vamos mesmo, vamos virar estatística. — Falou Athena em tom de zoeira.

— Ai, meu Deus Sol, vamos morrer! — Quis se desesperar o coitado do Fóbio.

— Relaxa, eu sei como voltar! O tom de confiança de Aires deixou todos em silêncio por, pelo menos, uns cinco segundos.

— Você, por acaso, não teve a brilhante ideia de deixar pedras no caminho para conseguirmos voltar, né? — Perguntou a Athena.

E dessa vez o silêncio foi do próprio Aires.

— É, vamos morrer! — Exclamou Fóbio mais uma vez sem esperança, sentindo o suor escorrer pela espinha.

Os passos continuavam ecoando com base no avanço dos três para o local que se mostrava cada vez mais estranho. Era uma caverna que, ao menos para os jovens, parecia que seria bastante comum, fria e úmida, mas as gotas caíam de cima e os locais onde pisavam não eram nada confortáveis. O cuidado tinha que ser maior, tinham que andar com atenção redobrada, enquanto iam avançando e, do nada, sem os jovens perceberem, a caverna foi ficando menor, o teto era como se estivesse diminuindo, o ar ficava cada vez mais frio e denso, o cansaço já era aparente nos jovens, quando Athena foi a primeira a perceber.

— É impressão minha ou nessa caverna está cada vez mais difícil respirar? — Indagou a jovem, que sentia a dificuldade de seus pulmões a cada tentativa de inspirar.

— O ar parece meio rarefeito aqui, não sei se deveria ser assim — falou Fóbio.

— Eu li em algum lugar que depende muito da profundidade ou da altura, explicou Aires.

— Estou surpreso de você saber dessa informação — falou Fóbio.

— Estou surpreso de você ter lido alguma coisa — disse Athena de forma ríspida.

— Já vi que hoje vou ser bastante esculachado!!

O diálogo entre os três cessou por um momento, depois que ouviram tremores dentro da caverna; parecia que todos os lados, de dentro para fora e de cima para baixo ia, a qualquer momento, despençar; os sons de rochas partindo mostravam o perigo iminente, e os jovens temeram por suas vidas. “Uma curiosidade poderia le-

var a vida de todos ali”, era o que Aires pensava naquele momento, assim como tentava evitar o sentimento de culpa; mas, antes que qualquer coisa mais grave acontecesse, como em um passe de mágica, tudo parou; o ranger das rochas cessou, e os jovens recuperavam o fôlego, e ali, mais à frente, fez-se luz, um feixe pequeno que foi surgindo sem que os jovens notassem.

— Isso é uma saída? — Perguntou Aires, indo na frente.

— Não acho que já deveria ter uma saída ou mesmo um outro lado; faz pouco tempo que entramos — disse Fóbio, aproximando-se do amigo.

Athena somente ficava atenta aquilo à frente. Simplesmente, não fazia sentido, era claro demais para ser um raio de luz e estranho demais para ser algo que tivesse sentido, mas guardou para si o pensamento.

— Vamos ver o que vai dar, né?! — Falou Aires.

Aires ia para a direção do feixe de luz na esperança de que assim que chegasse perto tivesse a resposta para suas perguntas, mas, ao chegar perto, o que houve foi algo totalmente diferente. Como se tivesse passado por uma cortina, sentiu a luz forte como se penetrasse sua pele, mas não doía, a sensação parecia interminável, mas sabia que tudo não passava de instantes; em um segundo estava dentro da caverna e em outro havia sido puxado para outro lugar. Seus amigos viram a cena, mas não conseguiam acreditar, pois ali na sua frente ele havia sido transportado para algum lugar. Em um movimento de desespero, Fóbio foi para aquela direção e, da mesma forma que seu amigo, ele desapareceu bem diante dos olhos de Athena, que via a cena sem conseguir fazer nada.

O feixe permanecia ali, mas seus amigos haviam sumido. Ela notou rápido do que se tratava, um portal, e, apesar de ter lido sobre isso somente em livros, sabia que eles tinham sido levados para algum lugar, mas para onde? Para perto? Para longe? Para fora da floresta? Queria ir lá, pois sabia que aquilo não era natural! Eles corriam perigo, não durariam nada em um ambiente hostil e

havia mil e uma possibilidades de que, se ela entrasse, acabaria bem longe!

Calculando rapidamente as chances de sucesso, que ela sabia serem mínimas, respirou fundo. Pensou positivamente, enquanto entrava no total desconhecido e, de repente, tudo estava mais claro, mais brilhante. Ela abriu e fechou os olhos tentando focar seus pensamentos, quando sentiu uma mão em seu ombro.

— O que você está fazendo? — Perguntou Aires. — Está com dor de barriga?

De repente, estava no mundo real de novo, os raios de sol batiam em sua pele. Abriu os olhos com um pouco de dificuldade e, aos poucos, foi se acostumando com a claridade; não estava mais na caverna, mas em um campo aberto, juntamente com seus dois amigos. Toda sua preocupação veio e voltou como um lapso, seguido de um abraço dramático com os amigos.

— Calma aí! O que houve com você? — Perguntou Aires, olhando-a confuso.

— Seus idiotas, achei que tinha perdido vocês! O tom de voz de Athena era cheio de preocupação.

— Não se preocupe, Athena, também tive o mesmo pensamento — falava Fóbio, enquanto era sufocado pelo abraço forte de Athena.

— Espera um pouco, achei que todos vocês tinham sido puxados juntos comigo!

Aires parecia surpreso, já que tinha a sensação de que seus amigos estariam logo atrás. Os três agora olhavam ao redor, vendo campos verdejantes para todos os lados, sem árvores, sem pessoas vigiando as saídas das florestas; somente campos e umas casas enormes ao longe, como grandes construções que só viam em livros com histórias de criaturas grotescas.

— Mas onde a gente veio parar? — Perguntava Aires, soltando sua tocha que já estava apagada. Os outros seguiram o exemplo,

pois já não tinha mais serventia e, de alguma maneira, quando passaram, o fogo apagou sem que percebessem.

– Parece que estamos fora da floresta – disse Fóbio, que analisava as coisas ao redor. Saiu um pouco de perto de Athena, que não percebeu estar ainda abraçada com Fóbio; mas, Fóbio estava consciente o tempo todo e podia notar Athena um pouco envergonhada agora.

– Onde quer que isso seja, não acho que podemos ficar somente parados, precisamos achar abrigo e ver se estamos em um local seguro; não podemos ficar aqui até o anoitecer. Por alguma razão, fomos transportados para cá, então, até acharmos o caminho de casa, precisamos nos manter vivos.

As ordens de Aires pareciam vir de um general, eram precisas e os demais sabiam que era uma decisão certa; sabiam que haviam sido transportados como em um conto de fadas, mas ficar se perguntando não ia ajudar em nada.

Os três começaram a andar de forma cautelosa pelos campos. Os matos iam até à altura da canela e não parecia diferente em nada do mato de onde moravam, então tinham certeza de que a vegetação era a mesma, o que, de certa forma, era positivo, ao menos tinham certeza de que não haviam ido para outro continente, pois poderiam ter ido parar em qualquer lugar do mundo.

Em seguida, eles chegaram perto da casa mais próxima, que parecia um grande e belo castelo, mas era grande demais para ser considerado algo chique, e os jovens não conheciam tantas coisas de luxo, afinal tudo que tinham eram referências em livros, que, por sinal, eram bastante restritivos.

A casa com uma grande porta para pessoas comuns era a que estava mais próxima e, na verdade, bem parecida com uma porta normal, tirando o fato de ser bem grande. Estava fechada e parecia que não havia ninguém. Os jovens estavam bem cautelosos justamente por conta de não saberem do que se tratava, já que estavam do lado de fora da floresta. Eles olharam ao redor, antes de entrar

por uma fresta e, quando entraram, viram coisas extremamente grandes, como cadeiras e tudo o que parecia ser de uma cozinha; os utensílios eram bem grandes. Os três se entreolharam e chegaram rapidamente a uma conclusão.

— Acho que nisso iremos concordar bem rápido: estamos em uma casa de gigantes! Engolindo em seco com suas palavras, Aires olhava ao redor perplexo, pois pensava agora que o perigo era real; mas, ao mesmo tempo, estava surpreso, porque existia um mundo todo fora da floresta. Agora se perguntava o porquê do seu líder negar qualquer informação que tivesse do lado de fora, e se perguntou se eles ao menos sabiam.

— De fato, encontramos-nos em uma situação nada convencional — afirmou Athena.

— O que a gente faz agora? — Perguntou Fóbio.

— A primeira coisa é manter a calma...

Antes que Aires terminasse de dar as instruções, passos pesados foram ouvidos da outra entrada. Provavelmente vinham do outro lado da enorme casa; ainda estavam no começo e não tinham nem ao menos começado a explorar.

Da origem dos passos, pôde-se ouvir uma voz incessante que falava bastante alto, de forma que não tinha muitas intenções de arranjar amizade. Os três garotos tentaram se esconder, mas não havia muitas opções ao redor, a única mais rápida era voltar por onde tinham vindo. Os três, em passos cuidadosos para não estragarem tudo, correram para fora, quando foram surpreendidos com uma figura enorme, que olhava um tanto espantado. Era um garoto, um garoto enorme com muitos mais metros do que um garoto a que os jovens estavam acostumados.

— Vocês não são daqui — dizia o garoto — enquanto os olhava como se estivesse curioso com alguma coisa.

Os jovens ainda o olhavam com bastante medo e desconfiança.

— Olha, só queremos voltar para casa, não queremos fazer mal a ninguém — disse Aires — indo para a frente dos seus amigos, como se tentasse protegê-los.

— Eu não vou machucá-los, mas tenho que dizer que aqui não é um bom lugar para ficarem! Se alguém, além de mim, vir vocês, acho que não estarão seguros.

— Do que você está falando? — Perguntou Athena, em tom de preocupação, mas antes que ela pudesse responder, em um passo muito rápido, os três foram surpreendidos com um levantar rápido de mãos do jovem gigante que os capturou. Os garotos ficaram atônitos demais até para gritar e, num piscar de olhos, estavam na mão, imobilizados.

— Mas que barulheira é essa? Você está falando com alguém aí? — Perguntou uma mulher enorme, que saiu de repente da mesma porta por onde os três jovens entraram.

— Não é nada mãe, estou apenas treinando versos para a comunidade.

O garoto respondia de forma leve como se nunca tivesse mentindo na vida.

— Entendi, mas de toda forma, entre logo, já estou terminando de preparar o almoço!

— Pode deixar, só vou na casa do meu amigo e volto já.

O jovem garoto, com os outros três, em uma cena cômica, saiu de costas e sua mãe entrou, olhando-o de forma suspeita.

— Socorro! Alguém?! — Soltou Aires.

— Não façam isso, vocês não fazem ideia de onde estão! — Disse o garoto, agora falando com os três, enquanto os jovens pareciam pequenos gravetos em sua mão enorme.

— Pode nos soltar agora? — Perguntou Aires, tentando parecer corajoso, mas no fundo escondia um desespero em suas palavras.

— Agora não, não é seguro! — Respondeu de forma rápida. Primeiro, vou levá-los a um lugar seguro. Afinal, acho que vocês têm perguntas, e eu também!

Os três se entreolharam, estavam começando a se sentir sufocados com o aperto, mas tinham receio de pedir qualquer coisa para o garoto estranho e, antes que percebessem, foram surpreendidos com movimentos rápidos do garoto, que corria vários metros por segundo sem muito esforço. “Ser enorme tem suas vantagens”, pensou Aires, enquanto Fóbio ficava em silêncio e suava frio com toda a situação. Já Athena queria pensar em maneiras de fugir com seus amigos, mas com um oponente daquele tamanho sabia que não tinham muita chance, e o garoto gigante tinha, aparentemente, a mesma idade dos três, logo era possível que ele conseguisse prever suas formas de fuga.

Chegaram mais ao longe, em uma árvore, perto das redondezas. Para os três jovens, era a maior árvore que já haviam visto. Nunca viram nada comparado àquilo e, no topo, havia uma enorme casa.

— É uma casa na árvore gigante — falou finalmente Fóbio, que admirava muito arquitetura; viu o quão perfeito estava e esqueceu um pouco a situação atual. Aires e Athena se entreolharam um pouco surpresos e deram um sorriso de alívio, afinal, naquela situação, seu amigo tinha se acalmado mesmo que por um segundo.

— Vamos entrar aqui e conversar — disse o garoto gigante, quebrando um pouco o momento de transe entre eles.

O garoto subia com graciosidade, somente com uma mão e os pés, surpreendendo os jovens, e logo estavam na porta da casa. Era grande, como de se esperar, porém menor, logicamente, em comparação com a primeira, já que se tratava de uma casa na árvore. Todos entraram e o garoto se sentou na parte interna e os colocou no chão com cuidado, pois se mostravam pequenos e indefesos, olhando-o atentamente. De todo modo, logo os jovens perceberam que o garoto gigante não tinha más intenções, senão ele já teria feito alguma coisa.



— Vamos logo para as apresentações. Eu me chamo Ethan e, como podem ver, sou um pouco maior que vocês, mas vamos ser amigos — disse o garoto — tentando ser simpático; por algum motivo, os garotos sentiram que ele era confiável, entretanto, Aires ficou bastante relutante, porque sabia que deveria proteger seus amigos.

— Eu me chamo Aires. Essa aqui do meu lado se chama Athena e esse se chama Fóbio. Viemos de dentro da floresta e não pretendo falar mais nada do que isso, a não ser que você me explique por que vocês são tão grandes, por que nos escondeu e por que está tão cauteloso desde que chegamos — disse Aires — de maneira imposta, tomando a frente dos amigos. Os outros dois olharam-no meio surpresos, afinal não era muito comum ver Aires tão tenso assim.

— Perfeito, então, vocês são o povo da floresta, não é? — Perguntou Ethan sem rodeios.

— Como você sabe disso? A existência do nosso povo para o resto do mundo deveria ser secreta, já que vivemos escondidos há milênios! — Quis saber Athena desconfiada.

— O fato é que vocês, para o nosso povo, não são segredo nenhum, muito pelo contrário, o seu povo e o nosso possuem um longo histórico. Nossos povos são inimigos há séculos e nunca se deram bem; viviam em guerra e nunca conseguiram fazer as pazes, isso nos é ensinado na escola e em todo lugar.

— Então vocês têm escola por aqui? — Fóbio perguntou, demonstrando bastante interesse.

— Não temos tempo para isso, nos fale agora, por que nossos povos guerreavam? — Aires perguntou ansioso.

— Basicamente, o que nos contam é que vocês eram um povo muito pequeno, bastante engenhoso com tecnologia e que era muito perigoso. A parte do perigoso é bem lembrada para a gente, mas isso tudo já tem pelo menos uns cinco anos desde...Ethan interrompeu a fala, depois que pareceu pensar em algo, e viu os

três atônitos com essa gama de informações que ainda estavam absorvendo. Pensou em como poderia estar sendo difícil para eles o tanto de informação que estavam recebendo, e falar a parte mais difícil parecia cruel demais, mas ele sabia que iriam insistir de qualquer maneira.

— Já sei, você tem uma informação que vai nos abalar, mas, por favor, fale de uma vez! — Athena parecia bastante preocupada agora.

— Bom, o que nos é ensinado é que se tratava de uma briga por território; nosso povo e o seu sempre brigou por isso e havia uma parte desse lugar imenso em que estamos hoje que tanto nosso povo quanto o seu queria: a floresta na qual vocês moravam.

Os ombros dos três ficaram tensos.

— Como assim “moravam”? — Indagou Fóbio.

— Então...há mais ou menos uns cinco anos, sabíamos que seu povo residia lá e que ninguém do nosso povo tinha permissão de se aproximar da floresta, nem se atreveria. Apesar do nosso tamanho, em comparação com o de vocês, a história nos ensina que não foi muito vantajoso para o nosso lado, já que poucas famílias vivem por essas redondezas.

— Notei isso também, mas não consigo imaginar uma maneira como poderíamos ganhar de vocês, mas, por favor, prossiga — comentou Aires.

— Vocês, povo da floresta, eram peritos em armas de grande escala; nenhuma raça jamais chegou ao nível de tecnologia a que vocês chegaram e isso foi fatal para todos nós. Esse bairro mesmo foi um campo de batalha há muito tempo, entretanto, o que não se sabe é como vocês se autodestruíram.

— Como assim? — Perguntou Athena.

— Há cerca de cinco anos, guardas das fronteiras relataram ter visto uma fumaça vindo da floresta e se reuniram com um pelotão

para ver, temendo ser uma invasão. O tempo e a batalha ensinaram-lhes que nunca deveriam subestimar sua raça, mas, quando chegaram lá, viram árvores enormes mortas, plantas venenosas de repente por todos os lados e nem sinal de nenhum de vocês. Um grupo mais bem equipado foi até lá, mas ninguém foi visto, todos haviam desaparecido sem deixar rastros. Encontraram casas e ambientes de trabalho destruídos, restando apenas vestígios. O mais estranho era que não havia corpos, não tinha sangue ou mesmo fio de cabelo ou coisa parecida, nada! Desde então, o mistério pairou no ar e, durante esse tempo todo, nunca ninguém jamais soube o que houve. Mas existe uma teoria na qual muitos acreditam e que, inclusive, é a mais famosa: vocês se autodestruíram, enlouqueceram e criaram uma tecnologia mortal; fizeram mal a vocês mesmos.

Os garotos estavam agora olhando para baixo. Durante toda a conversa, ficaram calados, evitando, por algum motivo, não olhar em seus rostos.

— Isso não faz sentido... porque acabamos de sair de lá! — Aires quebrou o gelo.

O rosto de Ethan se contorceu um pouco em dúvida.

— Eu acredito que seja difícil para vocês ouvirem isso, mas está me dizendo então que vocês viajaram no tempo? — Perguntou Ethan.

— Estamos tão surpresos quanto você! Isso tudo é demais para absorvermos, quer dizer, todos que conhecemos morreram, né? — Perguntou Athena sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

— Não vamos nos precipitar, ainda não sabemos como viemos parar aqui! — Tentou amenizar Fóbio.

— Sabemos sim, foi pela caverna, aquela luz estranha nos trouxe para cá, isso não resta dúvidas e, se o que diz é verdade, queremos ver com nossos próprios olhos — disse Aires, olhando agora nos olhos de Ethan.

— Então precisaremos nos preparar, pode ainda ser tóxico e pode afetar vocês. Estou curioso sobre este fato, vocês terem viajado no tempo, mas vou ajudar vocês sim, podem confiar em mim!

— Sabemos o motivo de nos ajudar e sabemos também que você é um entusiasta da nossa raça. Obrigado por não nos encher de perguntas estranhas nesse momento — falou Fóbio.

— Não se preocupem, não sou tão insensível assim! Descansem, vou trazer algo para vocês e, ao anoitecer, vamos lá saber o que houve! — Ethan se levantou de maneira rápida, fazendo uma brisa surgir no ar; os garotos quase esqueceram o tamanho do garoto e não param de pensar se, na verdade, o seu povo é que era pequeno demais.

A noite veio e com ela voltou Ethan trazendo algumas coisas. Agora, os jovens estavam mais descansados, haviam tido tempo suficiente para conversar sobre o que estavam vivendo e, de alguma forma, pareciam ter aceitado mais a situação.

— Se voltamos, viajamos para o futuro a partir do momento em que saímos de lá. Significa que podemos voltar e inverter a situação, não é verdade? — Perguntou Aires.

— Em teoria sim, mas primeiro precisamos descobrir uma maneira de voltar. Nós sabemos que, com certeza, viemos pela caverna, mas, quando saímos, já estávamos no meio do nada, isso significa que, de alguma maneira, o portal só se conecta por dentro da caverna e não conseguiríamos achar o local por onde saímos — explicou Athena.

— E também não sabemos se, quando entrarmos na floresta não será nocivo o suficiente para a gente ter o mesmo fim das pessoas que conhecíamos, afinal não sabemos também o que aconteceu.

— É por isso que eu trouxe uma tecnologia perdida que pertencia ao povo de vocês, mas que agora está em posse da minha família há gerações — disse Ethan — mostrando umas pedras de cor azulada, bem pequenas, nas mãos dele, mas, quando deu para os

três garotos, pareciam pedras que cabiam perfeitamente em suas mãos.

— Onde você encontrou isso? Para o nosso povo isso é relíquia!  
— Exclamou Fóbio, parecendo bastante surpreso.

— São coisas que meus avós guardaram há muito tempo; diziam que isso poderia proteger o povo da floresta de males jamais vistos, mas que infelizmente não servia para nós. Mas, como as nossas histórias sempre me intrigaram, eu decidi guardar, acho que finalmente elas servirão para algo! — Ethan parecia bastante satisfeito, dando para os três as pedras, que soltaram um leve brilho nas mãos dos três jovens.

— Fóbio, o que você sabe sobre essas pedras? — Quis saber Aires, levantando a pedra e colocando contra a luz, como quem olha a veracidade de uma cédula.

— Trata-se de uma pedra que nossos ancestrais fizeram com ajuda de magia e tecnologia antiga, mas até onde eu sabia só se tratava de lenda — falou o garoto.

— Nem sabemos se vai funcionar! — Athena falava preocupada, olhando a dela.

— Tem que funcionar! Não temos outra maneira de voltarmos para casa sem entrar novamente na floresta! Me deem aqui as suas, vou fazer um cordão! — Os outros dois viram quando Aires pegou um pedaço longo de fio e amarrou as pedras em forma de cordão e depois as devolveu.

— Melhor agora — disse Athena. — Só espero que funcione mesmo.

— Certo, vou levá-los para lá. Descobri, nesse meio tempo, o período de troca de guardas e fica pelo menos dois minutos sem ninguém pelas redondezas — disse Ethan para os demais.

— Por que eles são tão despreocupados com a segurança? — Quis saber Athena.

— Bom, não somos invadidos há séculos e, desculpa falar, o povo de vocês não aparecia há cinco anos, então as coisas estão bem na paz ultimamente. — Explicou Ethan já se levantando para descerem. Ele esperou os outros se prepararem e estendeu a mão para os jovens.

— Nunca pensei que conseguiria uma carona tão versátil, — brincou Aires.

— Estou me sentindo um pouco empolgado, mas espero que vocês consigam reverter essa situação! Nenhum povo merece um final tão terrível, principalmente um povo tão promissor! — Disse Ethan, parecendo meio chateado.

— Assim espero, afinal não acho que teremos muitas chances de reverter essa situação caso falhemos! Aires sabia disso mais do que ninguém: ter viajado para o futuro não iria acontecer de novo; com certeza, era uma chance em um milhão!

Os garotos subiram na palma da mão de Ethan e desceram com cuidado. Quando chegaram lá embaixo, perceberam que à noite era bem diferente do que estavam acostumados na floresta. Athena olhou para o céu e viu uma das coisas mais lindas que já presenciou: um céu estrelado com várias constelações e brilhos diferentes entre tom azul e branco cintilantes. Fóbio também estava fascinado, olhando para as estrelas e pensando como um mundo tão grande estava escondido esse tempo todo, ou melhor, eles mesmo estavam escondidos esse tempo todo e pensou também em como tudo seria diferente se não tivesse existido essa separação de povos! Com o tamanho dos gigantes e a habilidade de construir coisas do povo da Floresta, com toda a certeza as coisas seriam bem melhores!

Mas Aires era diferente. No caminho todo, enquanto era carregado junto com seus amigos, ele não pôde deixar de pensar no quão frágeis eram. Pensou na possibilidade horrível de serem derrotados facilmente por uma dessas pessoas grandes, e a ideia o estremeceu por dentro; queria pensar no que seus antepassados

passaram e, por um instante, entendeu o porquê de eles ficarem isolados, pois só eles mesmos poderiam dizer os horrores que viveram durante tantos séculos de batalha. No entanto, sabia que, de alguma maneira, eles deveriam descobrir o motivo de terem se autodestruído. Infelizmente ou não, o futuro deles todos estava em suas mãos agora.

Os caminhos eram um pouco diferentes do que estavam acostumados; havia pedras no chão, que marcavam onde deveriam pisar, como se fossem pequenos caminhos aos quais estavam acostumados na floresta. Ao lado, havia grandes campos verdejantes e, mais ao longe, algumas casas enormes com luzes acesas. Com certeza, havia outras famílias vivendo por lá e, antes que percebessem, eles já estavam chegando perto da entrada da Floresta. O jovem gigante deu a volta em alguns metros, para evitar o mesmo caminho que os guardas percorriam, e logo estava em frente de grandes árvores curvadas que evitavam a entrada de outras pessoas. Era o que os jovens pensavam, mas, vendo as árvores agora com seus próprios olhos, sabiam que eram bem mais velhas do que estavam acostumados a ver; agora era visível, pela casca, que estavam se desprendendo de seus troncos, o que deixou um sentimento de tristeza nos três garotos.

– Vamos logo! – Disse Aires, pulando da palma da mão de Ethan.

Os três pularam logo atrás e prepararam os colares em seus pescoços.

– Que o Deus Sol nos proteja! – Disse Fóbio, beijando o colar.

– Vai dar certo! – Falou Athena, apertando o seu de maneira positiva.

– Se nossos ancestrais fizeram isso, talvez eles tenham tido alguma intenção no fim das contas – falava Aires – apertando o seu também.

Depois, os três afirmaram que daria certo. Os colares cintilavam azul de maneira forte e eles sentiram o colar pulsando como

um coração que voltou à vida; o colar estava quente, mas era um quente aconchegante e confortável. Os quatro se entreolharam fascinados.

— Acho que está aí a sua resposta — disse Ethan — olhando mais de perto para eles. — Bom, acho que é aqui que nos despedimos. Não poderia entrar aí, a não ser que quebrems essas árvores nessa entrada e, se vocês forem reverter essa situação, não acho que vão querer que eu arruíne isso, não é verdade?

— Obrigado por tudo, sem você não poderíamos fazer nada! Obrigado por toda ajuda! — Disse Aires, tomando a dianteira.

— Obrigada! Foi bom saber que tem alguém fora dessas densas florestas! Mas, agora precisamos salvar todos eles! — Disse Athena, olhando o garoto que os olhava com um sorriso de ternura.

— Vamos nos ver de novo um dia, eu espero! — Disse Fóbio assentindo.

— Vamos sim, espero que vocês um dia consigam melhorar essa situação toda de tensão de guerra entre nossos povos!

Os três se despediram e adentraram a floresta sem hesitar, e as pedras produziram um brilho forte e depois se estabilizaram. Os garotos tiraram-nas do pescoço e a pedra de cada um, de repente, funcionou como uma lanterna, brilhando até bem mais forte, com base na vontade dos garotos. Agora lá dentro, não viam mais o garoto gigante e simpático que os tinha ajudado.

— Bom, vamos seguir. De alguma maneira, essas pedras parecem sentir nossas vontades, o que deixa tudo ainda mais interessante.

Os outros notaram a empolgação pela primeira vez desde que tinham chegado; eles viram Aires ficando animado de novo e parecia que ele sabia que conseguiriam resolver o mistério daquela catástrofe.

— Não vamos nos precipitar, você sabe que precisamos ter calma e focar na missão — disse Athena.



– “Focar na missão...” você nunca fala isso! É claro que está ficando mais empolgada do que eu – retrucou Aires.

– Olha, vou ter que concordar dessa vez com Aires! Há poucas horas estávamos na nossa floresta e, do nada, entramos em uma caverna! De repente, estamos na nossa floresta de novo, mas cinco anos no futuro! Se não fosse pelas consequências, eu estaria bem animado também – disse Fóbio – surpreendendo os outros dois.

– Agora nós é que não estamos reconhecendo você – disse Athena. Os três falavam sem se tocar de onde pisavam e sem se preocupar muito, pois, com as pedras, os jovens se sentiam mais seguros, mas não viram quando uma planta enorme, com alguns tentáculos, arrumou-se de maneira sorrateira por trás e pegou o pé de Fóbio.

– Fóbio! – Gritaram Aires e Athena em coro.

– Ajudem-me! – Falou desesperado, enquanto ficava suspenso pela perna com os tentáculos de cipó.

– Mas o que pegou ele? – Perguntou Aires, apontando para os lados a pedra que iluminava mais forte ainda, mostrando mais coisas ao redor.

– Aires, olha! – Falou Athena, apontando para algo que saía por trás dos arbustos. Uma coisa verde, que parecia uma planta com dentes afiados, se mostrou, movendo-se de maneira rastejante em direção ao Fóbio. O tentáculo pertencia a ela.

– É algum tipo de planta carnívora, mas é grande demais! – Disse Athena.

– Gente! Fóbio se desesperava enquanto a planta ia mais para perto. A criatura se movia lentamente, mas seus chicotes ficavam se jogando de um lado para o outro, impedindo de chegarem perto.

– Precisamos matá-la! – Gritou Aires, tentando chegar perto, mas sem sucesso.

— Como? Não conseguimos nem chegar nele! — Falou Athena assustada.

De repente, a planta já estava perto de Fóbio. Ele estava sendo cada vez mais elevado para cima e, para o horror dos demais, ela começou a abrir a enorme boca! Estava claro que ela tentaria comer o Fóbio.

— Aires! — Gritou Athena, para que tentassem fazer algo.

Em um movimento rápido, Aires correu para perto dos tentáculos e começou a se desviar deles, indo em direção à planta.

— Athena, prepara para pegar ele! — Gritou as instruções, indo em direção à planta, desviando de forma rápida e meio desajeitado.

Athena começou a rodear, a certa distância dos tentáculos das plantas, analisando até onde cada um ia, tomando cuidado para não ser pego por eles. Ela sabia da intenção de Aires ou, ao menos, torcia para que seus pensamentos estivessem em sintonia, afinal era tudo muito rápido, não tinham tempo a perder. Fóbio se sacudia com medo, olhando a enorme boca que lhe esperava embaixo. Gritava com pavor, pois não tinha muito o que fazer.

Aires finalmente chegou até a parte de baixo da planta e tomou com toda a força seu colar na mão; sabia exatamente o que fazer, mas não sabia se ia dar certo.

— Agora! — Gritou apertando a base da planta, fazendo a pedra tocar sua pele áspera. De repente, ela começou a soltar um grunhido, e seus tentáculos voltaram-se todos contra Aires, soltando o Fóbio lá do alto. Mas Athena estava na expectativa e o pegou, reduzindo os danos da queda e impedindo-o de cair de cabeça.

Os tentáculos tentaram encostar em Aires, mas o garoto, com uma força voraz, agarrava a planta, fazendo mais força ainda na pedra, e esta aumentou sua luminosidade, enquanto a planta começava a queimar. O fogo se alastrava como algo inflamável rapidamente e, aos poucos, consumiu a planta. Os tentáculos tentaram afastar o garoto, mas quando tocaram nele, queimaram também.

A planta caiu e Aires a soltou, deixando o fogo fazer o resto do trabalho; estava acabada. Os jovens tinham sobrevivido com muitos arranhões, mas Aires tinha bem mais.

— Aires! — Gritaram os dois na expectativa de estar tudo bem com o amigo.

— Eu estou bem. — Concluiu enquanto olhava fixamente os restos da planta. — Com base nisso, parece que teremos uma longa noite pela frente. Agora ele olhava para os amigos com um sorriso vitorioso; já os amigos lhe retribuíram com um de alívio.

Depois do ocorrido, os olhares estavam bem mais afiados, os cuidados redobrados, e uma formação foi estabelecida onde nenhum ponto cego havia dos demais, sendo Aires na frente, Athena no meio e Fóbio na retaguarda. Os jovens, com toda certeza, não queriam ser surpreendidos de novo e, quando encontravam algo, faziam de tudo para não entrar em combate; não sabiam até quando iam aguentar, já que muito tempo havia passado, e tudo que encontravam floresta adentro eram vestígios de que um povo já havia morado por lá.

Chegaram a uma parte da floresta que eles conheciam muito bem: o gabinete do chefe da floresta. Por todos os lados, destroços eram vistos e quando os jovens aventureiros viram os lugares onde costumavam brincar, uma melancolia os atingiu, e o sentimento foi alimentado por gotas grossas de chuva que caíam sobre suas cabeças e rolavam pelos ombros. A lama substituiu a poeira e a chuva lavou-os com calma e tristeza. Se havia uma maneira de retroceder daquela situação, precisava ser naquela hora. Os garotos pareciam nem se incomodar com a chuva; ficaram parados um tempo olhando para os lados e para as coisas jogadas, mas algo diferente chamou a atenção: mais à frente, havia pilhas de livros jogados fora do que agora era a biblioteca central. Athena correu e foi em busca de tirar o máximo de livros da chuva, enquanto Fóbio procurava coisas para servir como um pequeno abrigo; já Aires olhava as coisas

com tristeza, tirando alguns escombros como se fosse encontrar algo, mas, no fundo, sabia que não encontraria.

– Pessoal, aqui! – Athena chamou a atenção dos outros para algo que lia em um livro.

– O que foi? – Perguntou Aires, chegando junto com Fóbio que estava mais perto.

– É um diário! Do nosso chefe! Mais especificamente do ano em que viajamos até cinco anos no futuro! O que o Ethan disse era verdade!!

– O quê? Como assim? – Perguntou Fóbio.

Segundo o que o chefe diz aqui, a tecnologia e a magia são fontes vindas da mesma coisa, e nunca foi deixada de ser criada, apenas que as pessoas comuns não podiam saber, e acho que são pessoas como nós.

– Mas do que se tratava essas tecnologias? – Perguntou Aires.

– Não deixa muito claro, mas tem a ver com guerra, com dominação, e invasão, mas aqui não fala o que eles querem invadir.

– Acho que nem precisa! Depois do que o Ethan nos falou, está claro que o que eles querem é fazer uma guerra de novo – disse Fóbio.

– Em que tipo de tecnologia eles estavam trabalhando? Não diz aí? – Aires demonstrava impaciência.

– Aqui fala de um projeto de plantas venenosas, que reagem a líquidos em grandes quantidades – explicava Athena – olhando as páginas e tentando se colocar melhor no pequeno abrigo que Fóbio tinha feito.

– Isso explica as plantas carnívoras...

– Mas não é só isso! – Interrompeu Athena. – Aqui também tem projetos com experiências de plantas venenosas.

— Saquei! Então no fim das contas, somos os vilões! — Disse Aires de forma triste.

— Espera um pouco, plantas venenosas? Grandes quantidades de água... gente, acho que as peças estão finalmente se encaixando!

— É, parece mais que eles se destruíram mesmo; a ganância e a vontade de dominar foram mais fortes no fim das contas.

— Mas isso é muito estranho, sempre nos é ensinado que não devemos colocar nossas ambições acima de qualquer coisa, que devemos priorizar o próximo... aposto que ensinaram isso a vocês também! — Falou Fóbio.

— Acontece que não parece ter outra explicação a não ser essa — respondeu Aires. — Athena tem alguma coisa falando sobre as guerras antigas?

— Não são exatamente registros, estava nas páginas finais. Essa parte está meio estranha de se ler, mas diz o seguinte:

*Estou hoje há mais de dois dias sem comer nem beber; o veneno corrompeu a tudo e a todos. Desde que meus meninos sumiram de forma misteriosa, venho procurando formas de encontrá-los, mas se eles estiverem fora dessas florestas, com certeza, foram comidos por aqueles monstros lá fora. Está difícil respirar e estou delirando, sei que eles nunca vão encontrar isso, mas queria que soubessem o que aconteceu. Fomos nós, nós que causamos isso, descobrimos que nas cavernas da floresta ainda existiam pessoas que testavam coisas, como magias proibidas e tecnologias danosas. Depois que foram apreendidos, soltaram todas as substâncias que mataram metade do nosso povo! Ainda estamos tentando achar uma maneira de salvar as pessoas, mas creio que se trata de um tipo de magia negra, coisa com que nosso povo nunca lidou; não lidamos com magias comuns há séculos, que dirá magias desse nível! Sem falar que a magia para todos da cidade deveria ser proibida; até mencionar para os nossos filhos! Não acho que vou sobreviver por muito tempo, nem podemos confiar nas criaturas do outro lado da floresta, mas espero que vocês estejam bem e que nunca voltem para essa floresta! Aqui sempre foi uma prisão, para pagarmos por nossos pecados, e essas pessoas da resistência e outras raças*

*são o reflexo de nossos atos. Espero, do fundo do coração, que estejam bem onde quer que se encontrem! Amo vocês, Aires, Athena e Fóbio! Não se passa um dia em que não penso em vocês, meus garotos”*

A carta termina com a palavra “garotos” quase ilegível, como se em seus momentos finais essa última palavra tivesse manifestado seu último suspiro e todos sabiam disso. O gelo foi quebrado por Aires, que tentava engolir o choro preso na garganta.

– Bom, já sabemos o motivo de termos sido mandados para o momento de agora. Vamos acabar com esses loucos quando voltarmos!

– Não tem nada falando sobre a caverna dos “envenantes”? – Perguntou Fóbio.

– Envene-o-quê? – Perguntou Aires, olhando Fóbio com singela dúvida.

– Ué, eles não possuem nome, então achei que poderia dar um para eles! – Respondeu Fóbio.

– Garotos, não é hora para isso, e não, não tem, se vamos mesmo tentar voltar e impedir que eles espalhem esse veneno mágico, então precisamos pensar em um plano perfeito para pegá-los.

– Espera um pouco, por que nós ainda não fomos atingidos por esse veneno?

– Justamente por conta dessas pedras – disse Athena – passando a mão em sua superfície; ela ainda brilhava forte e cintilante.

– Tem razão! Então, de fato, essas pedras parecem ter características antimágicas – respondeu Fóbio. – Mas será que vamos conseguir impedir?

– Temos que conseguir, tudo depende do nosso sucesso de voltarmos vivos. – Aires falou de forma determinada. – Certo, já sei, vamos fazer o seguinte: levaremos esse livro e mostraremos para o chefe; mostrando este diário, ele deve acreditar na gente.

— Parece ser uma boa ideia, mas para onde vamos agora? O perigo de plantas carnívoras ainda não acabou, você viu no livro, isso deve ter comido todo mundo, enquanto eles lutavam pela sobrevivência — falou Fóbio bastante apreensivo.

— De fato, meu caro! Acontece que eu tenho um plano — disse Aires.

— Nem vem, não vou fazer isso de novo! — Falou Athena.

— Do que vocês estão falando? — Perguntou Fóbio.

— Ele quer que fiquemos como iscas, e ele pega as plantas de surpresa — disse Athena de maneira decepcionada.

— De jeito nenhum, você não está nem louco! — Quis surtar Fóbio, lembrando do que passou mais cedo.

— Não acredito que aquilo já te traumatizou! — Disse Aires de maneira sarcástica.

— Coloca a cabeça na boca de uma planta carnívora gigante primeiro e depois você vem falar comigo! Até lá, fale com a minha mão! — Rebateu Fóbio.

— Gente, por favor, estou ficando exausta só de ouvir vocês, vamos logo com isso!

— Não com o plano dele! — Retrucou de novo Fóbio.

— Respira Fóbio, vai dar certo! — Falou Aires com um sorrisinho malicioso antes de ir para a chuva aberta de novo.

— Não sei se você notou, mas depois que ele entrou em contato com essa pedra e a usou para queimar a planta, acho que ele mudou um pouco; geralmente ele não é tão despreocupado assim, e esse plano não é nada inteligente! — Disse Fóbio para Athena sem que Aires escutasse.

Athena não respondeu e começou a refletir sobre as palavras de Fóbio. De fato, parecia fazer sentido, ele não se atiraria assim para o perigo como estava tentando fazer agora; parecia que ele estava

pensando que, de alguma maneira, estava invencível, como se... a pedra estivesse afetando-o de alguma maneira. Com base nessa pequena observação, resolveu ficar de olho, afinal ela sabia mais que ninguém que todo o plano de conseguir chegar até a caverna poderia não dar certo.

Os três seguiram com a mesma formação, tomando de conta das retaguardas uns dos outros e, de alguma forma, Aires parecia mais empolgado. Athena já notara isso com algumas horas de caminhada. Ele conversava menos e parecia que, a qualquer momento, iria destruir tudo que aparecesse na sua frente.

– Aires, espera um pouco! – Disse Athena. Ela foi até o amigo, quebrando a formação e puxou-lhe o braço. Fóbio olhou para a mão e para o rosto do amigo que não demonstrava emoção. A pedra estava brilhando de maneira mais fraca e, ao redor do local onde segurava a pedra, surgiram veias escuras em sua mão.

– Você foi envenenado e não nos falou nada! – Disse Athena com uma expressão bem raivosa.

– Não tinha por que falar, e a pedra estava me curando, eu podia sentir, mas agora parece outra coisa.

– Outra coisa o quê? – Perguntou Fóbio.

– Não sei explicar muito bem, mas parece que ela está de alguma maneira me corrompendo. O que é estranho, porque ela deveria nos proteger, não é? – Perguntou Aires.

– Elas não foram feitas para nos proteger somente, elas foram feitas visando ser armas contra outras espécies. Isso tem um custo. Mas não é só isso, o veneno não vem da pedra, foi a planta! Você ainda está com leves ferimentos; nós nos curamos bem, mas você não!

– Então a pedra foi corrompida pelo veneno? Não faz sentido, ela tem propriedade de antimagia! – Disse Fóbio, puxando a mão do amigo.



Aires olhava para seus rostos falando sobre seu problema e sabia que estavam preocupados, mas ele também sabia que, se não conseguisse levá-los de volta para casa, jamais se perdoaria por tê-los levado para lá. Para ele, não importava que ele não conseguisse voltar, ele só queria se redimir e, se isso tirasse sua culpa ao menos por aquele período até ele conseguir levar seus amigos para casa, então ele viveria com aquilo para sempre, o que quer que lhe tornasse. Essa era sua decisão e, com o passar do tempo, da queda da chuva e toda a discussão, ele sentia as mudanças em seu corpo, sentia-se ficando cada vez mais forte, mas também cada vez menos emocional. Ele tinha que cumprir sua missão ou então, em breve, salvá-los não faria mais sentido.

— Preste atenção! Não vou tolerar nenhum sacrifício! Você não é assim...

Antes que pudesse terminar sua frase, foram surpreendidos por mais uma daquelas plantas, que se aproximava de maneira bem mais veloz que a primeira; também era bem maior e seu tentáculo foi exatamente em direção ao pescoço de Athena. Mas, antes que pudesse pegá-la, Aires se precipitou e, em um movimento sobre-humano, pegou o tentáculo de cipó e o queimou instantaneamente.

“A pedra está dando poderes para ele novamente...”, pensou Fóbio.

Aires percebeu que a vontade de lutar estava tomando conta dele, mas sabia que seus amigos nunca conseguiriam acompanhá-lo.

— Corram! — Disse enquanto recuava.

Athena notou sua leve mudança e ficou aliviada por um instante ao notar que ainda era seu amigo. Os três dispararam na maior velocidade, sentindo aos poucos que as pedras também os fortaleciam.

— Por aqui, eu lembro do caminho — informou Aires, olhando em velocidade extrema as árvores ao redor que, apesar de destruídas, ainda eram familiares.

Os sentimentos de adrenalina enquanto tudo acontecia de forma rápida deu aos jovens mais forças nas pernas de forma momentânea apesar de toda a chuva e lama que tinham pela frente. Aires agora olhava tanto para frente como para todos os lados possíveis. Chegar à caverna significava missão cumprida e, quanto mais deixava as suas habilidades crescerem, mais sentia um desconforto na mão, como se suas veias estivessem dilatando.

— Mais um pouco e chegaremos lá — tentou amenizar o perigo para os amigos e, ao olhar, notou o cansaço mais evidente agora, e o medo em seus rostos. “É tudo culpa minha!”, ele pensou, e apressou o passo.

— Chegamos! Temos pouco tempo. Athena e Fóbio, agora, tirem todas as vigas dessa pedra, a entrada é aqui! — Aires apontou para uma pedra que não lembrava nem um pouco a caverna em que haviam entrado. Os dois ficaram olhando por um segundo.

— Confie em mim! — Reforçou Aires. Os dois obedeceram, enquanto Aires olhava atentamente para todos os lados, preparado para a surpresa da nova planta carnívora, que era, pelo menos, três vezes maior; se ela os pegasse, era o fim!

— Terminamos, vamos entrar Aires! — Falou Fóbio, chamando Aires. E mais ao longe já deu para ver a planta enorme que se movia mais rápido que um animal com pernas.

— Não se atreva Aires ou não entraremos, você sabe disso! — Disse Athena.

— Vocês sabem que ela vai nos alcançar, sabem que ela vai acabar com todos nós! — Disse Aires sem esperança.

— Não vamos deixar você aqui! — Disse Fóbio determinado.

Aires sabia que aquilo era verdade, mas também sabia que poderia lutar com a planta, sentia o poder lhe dizendo isso, mas sabia que, se lutasse com seus amigos do seu lado, eles não conseguiriam, e lembrou-se da frase “Focar na missão”, afinal eram um

time. Ele deu um sorriso e teve uma ideia, que tinha noventa e nove por cento de chance de não dar certo.

— Então vamos fazer assim: estão vendo essa árvore? — Perguntou Aires.

— Sim, o que tem ela? — Perguntou Fóbio.

— Vamos derrubá-la. Agora! — Disse enquanto Athena e Fóbio se olhavam, mas não negaram.

Era impossível para os garotos derrubar essa árvore grande e grossa, mas, depois da sugestão de Aires, sentiram que não era mais impossível. Os três correram para a árvore e, usando todas as suas forças, começaram a empurrar e empurrar, enquanto a planta carnívora chegava mais perto.

— Vocês precisam acreditar! Usem seus poderes que essas pedras nos deram, deixem a força tomar conta dos seus corpos, se imaginem arrancando essa árvore pela raiz, só assim conseguiremos sobreviver! Confiem em mim, somos um time, não somos? — Perguntou Aires, olhando seus amigos que o olhavam fixamente; ele estava sorrindo.

— A gente consegue! — Disse Fóbio.

— Vamos conseguir! — Disse Athena.

Os três usaram de todas as forças, empurrando a árvore, e as pedras em suas mãos começaram a brilhar mais forte do que nunca, e a árvore começou a ceder; as raízes, saindo da terra, faziam um som de algo se partindo, e a árvore já não estava mais fixa no chão, agora ela estava caindo.

— Segurem-na! — Gritou Aires.

Os dois foram para o lado do amigo e seguraram-na antes que caísse no chão.

— Agora, girem! — Gritou Aires, colocando mais força do que jamais colocou, e os três, um ao lado do outro, giravam a árvore como se fosse um gigante taco de beisebol e acertavam precisamente a

planta carnívora que já estava ao alcance dos três. A árvore girada pelos três garotos acertou precisamente a enorme planta, que voou por alguns metros. Os garotos soltaram a árvore no chão, já cansados, e viram que não duraria muito, e a planta se levantaria. Aires pegou a árvore pela raiz e tentou puxar de novo.

— Não vai dar tempo de novo! — Disse Athena. — Temos que ir.

— Eu sei — Disse Aires sorrindo. — Ajudem, vamos puxar para a caverna, enquanto ainda temos essa força muito show — Disse Aires sorrindo.

— Você me dá medo às vezes, disse Fóbio, juntando-se ao amigo, e logo Athena também pegou; os três puxavam para a entrada a árvore enorme, enquanto a planta já se recuperava e estava se levantando.

— Força! — Disse Aires.

E os três encaixaram a árvore na entrada como se fosse uma porta temporária. O som da criatura de forma frustrada dessa vez parecia abafada e o cessar do som de chuva passou. Por enquanto, estavam seguros. E Aires olhou para seus amigos já exaustos e caindo no chão.

— Vamos, não temos muito tempo! — Disse Aires olhando sua mão.

— Vamos! — Disseram Athena e Fóbio.

Os três seguiram caverna adentro como na primeira vez que entraram, e as lembranças dos momentos iniciais da aventura os invadiu, parecendo que havia passado anos para eles. Ficaram refletindo em tudo que haviam vivido horas atrás e não paravam de pensar que tudo aquilo era incrível demais para contar aos outros. As pedras iluminavam bem mais do que a tocha que trouxeram, mas, por algum motivo, não estavam achando o feixe de luz, mesmo depois de andar tanto.

— Mas que estranho... onde está aquela luz?

E, antes que percebessem, uma fresta mais ao fundo apareceu, iluminando os três como se sentisse sua necessidade de voltar para casa. Os três chegaram perto um do outro, pegaram nas mãos, e foram em direção à luz.

— Todo mundo volta para casa — disse Aires, olhando seus amigos; segurando suas mãos.

A luz invadiu toda a caverna, mostrando uma cena que, na primeira vez, não haviam notado. Ao lado, como em um filme, viram seus momentos que haviam passado em um piscar de olhos: momentos de sua infância; momentos de suas aventuras; momentos depois que viajaram no tempo e, agora, voltando para casa, voltando para seus amigos a quem pertenciam.

O movimento de retorno foi como uma lavagem geral de corpo e alma; foram molhados e voltaram secos, e, como em um passe de mágica, o cheiro de plantas e o sol batendo forte era familiar; o som de pássaros e de outros animais também era familiar, até mesmo ao redor, tudo coberto de árvores gigantes era, de certa maneira, aconchegante, estavam de volta.

— Acho que estamos de volta — disse Athena.

E, logo em seguida, todos foram olhar as mãos do seu amigo. Estavam limpas.

— Caramba, bem que eu gostei daqueles poderes! — Disse Aires.

— Nem brinca com isso, ficamos preocupados de você de repente virar um tipo de supervilão!

— Seria legal também — brincou.

— Pessoal, nossas pedras! Não sinto mais a minha! — Disse Athena, olhando a pedra dela.

— Realmente, também não a sinto mais! — Afirmavam Fóbio e Aires.

— Bom, hora da verdade — disse Aires de maneira um tanto tensa.

Os outros dois seguiram atrás.

– Athena, como o livro está? – Perguntou Aires.

– Está na mão, por algum motivo não está mais molhado – disse Athena.

– Ótimo, o próximo passo é mostrar isso para o chefe.

– Estou surpreso que conseguimos trazer essas coisas de lá, mesmo sendo de outro tempo – disse Fóbio.

– Bom, deixamos as tochas lá, né! – Disse Athena.

– É verdade!

Os três iam conversando, mas quando chegaram na parte interna da floresta, viram o fluxo de pessoas e todas as casas que tinham sido destruídas estavam lá de novo. O sentimento de alívio foi inevitável! Não havia nenhuma planta carnívora gigante.

Com o sentimento de missão cumprida, foram em direção ao chefe, levando seu próprio livro de cinco anos no futuro para que ele acreditasse em sua história. Naquele dia, a conversa foi bastante longa, cheia de perguntas e desconfianças, mas os garotos estavam determinados a não deixar que seu povo se destruísse mais por conta de pensamentos egoístas, de poder e de dominação.



# CONTO IX

## **ARETHA E O REINO DE GESTUS**

*Geovany Nicolas Durval de Oliveira*



Há muito tempo, existia um reino chamado Cinan, que era governado por Domênico e pela rainha Vivência, um casal muito bondoso e adorado por seu povo. Sempre foram muito felizes, davam as melhores festas e os melhores banquetes da região, mas algo a mais faltava para a felicidade ser completa: um herdeiro para o trono. Caso não houvesse, o reino estaria destinado ao fracasso, à mercê de mãos desconhecidas. Mas, mesmo depois de muitas tentativas, a rainha não conseguia engravidar e isso a atormentava todos os dias.

Em uma manhã chuvosa de agosto, Domênico recebeu a visita inesperada em seu palácio de seu primo Gaspar, um homem frio, de feições sérias, cabelos negros, à altura dos ombros, com uma capa marrom que esvoaçava no vento quando caminhava. Gaspar era conhecido no reino todo como um dos maiores feiticeiros já existentes e, usando tais poderes, ele prometeu ajudar seus parentes com a felicidade que eles tanto almejavam; em troca, ele só queria uma coisa: abrigo no palácio para ele e seu filho Jheyne, que ainda iria completar um ano de idade. O rei e a rainha, eufóricos com a chance de ter um herdeiro, aceitaram sem pensar duas vezes, afinal, era o destino de Cinan e a oportunidade de dar continuidade à linhagem do rei, e assim o pacto foi feito.

No mesmo dia, Gaspar lançou um feitiço sobre a barriga de Vivência e disse: “Está feito! Esta noite, meu rei terá um sucessor”.

Logo depois, com a urgência de ter um filho, o casal foi ao aposento real e fizeram amor como nunca, mas algo de errado estava

acontecendo. Domênico começou a sentir suas carnes tremendo e seu corpo rasgando, uma dor imensurável tomava conta de seu ser. A forma do rei se expandiu para um grande vulto horrendo e ele agora não era mais uma figura humana, e sim uma criatura coberta de pelos pretos com mãos e pés enormes. A rainha só sabia gritar, com medo daquele monstro que não era mais o seu marido. Naquele momento, Gaspar entrou porta adentro e tentou matá-lo, mas o animal conseguiu ser mais rápido, pulou pela janela e correu apressadamente até desaparecer no meio da floresta densa que havia em volta do reino.

Com isso, o trono ficou vago. A rainha devia assumi-lo o mais depressa possível, porém, suas forças e a vontade de viver sumiam a cada dia; ficava sempre presa no mesmo quarto esperando o marido voltar. Dias se passaram e a situação continuava a mesma, com um detalhe diferente: ela estava grávida. Finalmente, Cinan teria um sucessor ao trono, mas isso já não era mais felicidade para Vivência, que agora estava adoentada, sem sair da cama.

Com todos os problemas ocorridos, o reino não poderia ficar sem rei por muito tempo, então, com o desaparecimento de Domênico e o quadro doentio de Vivência, assumiria o trono o parente mais próximo do antigo rei. Sem nenhum irmão que pudesse substituí-lo, o parente mais próximo era seu primo Gaspar. Portanto, o feiticeiro subiu ao trono de Cinan e ficou encarregado de proteger a rainha e o filho que ela carregava no ventre.

O feiticeiro mudou logo de início todo o ambiente do castelo, o que era colorido, com flores de cores e espécies diversas, deu lugar a um azul forte e a uma única planta trepadeira que tomava conta de toda a parede da parte externa do castelo, trazendo um ambiente sombrio como sua personalidade. Seu reinado estava sendo o pior de todos que já teve. Os impostos eram além do que os camponeses podiam pagar, os trabalhadores do castelo eram torturados com tapas e grosserias do rei. E assim foi durante os nove meses de gestação da rainha.

Em uma tarde, quando as chuvas começavam a ser mais escas-  
sas e o sol de maio surgia, Vivência continuava acamada, quan-  
do começou a sentir fortes dores. As servas correram em busca  
da parteira que já estava à espera de algum sinal que antecedesse  
ao parto. No momento em que a acharam, foram correndo para o  
quarto, trazendo bacias e panos limpos. O feitiçeiro estava aflito do  
outro lado da porta até que os gritos da rainha cessaram, e o choro  
da criança preencheu o lugar. Gaspar foi rapidamente em busca  
de notícias de Vivência, mas, ao entrar no quarto, deparou-se com  
muito sangue na cama e com a rainha estendida, já sem força algu-  
ma para se mexer.

— Minha rainha, não me deixes aqui, tudo que fiz foi por nós! —  
Gaspar falou com a voz embargada, beijando a mão da rainha.

— Você... vo..cê... desgra... çou... minha... vida. — Disse a rainha,  
deixando o rosto cair para o lado, enquanto lágrimas escorriam de  
seus olhos, dando seu último suspiro.

— Nãooooooooo...!! Maldita seja essa criança! — Gaspar voltou-se  
para o bebê e lançou um feitiço sobre ele, mas o próprio feitiçeiro  
levou a pancada, sendo jogado contra a parede.

— Não é possível! Tranque esse monstro em um quarto! Enquan-  
to eu viver, ele não sairá de lá!

Desde então, a principal serva da rainha passou a cuidar do  
bebê, que, por sinal, era uma linda menina de pele parda e olhos  
escuros, com um brilho que se assemelhava a estrelas reluzentes  
no céu. Ela foi chamada de Aretha, nome de sua avó materna. Con-  
forme a menina ia crescendo, a serva percebia que ela não respon-  
dia a seus comandos, como se nada escutasse. No entanto, a garota  
era muito esperta e curiosa, gostava sempre de explorar tudo que  
havia no quarto e, quando queria algo, apontava para o objeto e fa-  
zia sinal, como se estivesse pegando-o e trazendo-o para si com a  
mão, e assim foi estabelecida a compreensão entre elas.

Quando nenhum guarda estava na porta do quarto de Aretha,  
Jheyne entrava para brincar com a garota; eles haviam criado uma

forte amizade nos últimos anos, afinal, ambos se sentiam solitários no castelo. Claro que seu pai não podia ficar sabendo, caso contrário, arrancaria o coração do menino fora.

Certo dia, com o fim do inverno e a primavera estendendo-se por todo o reino, Jhyme quis apresentar à Aretha as belas árvores e os animais existentes naquele lugar, então, ele puxou a menina pelo braço, e os dois saíram do castelo, sempre se esquivando dos guardas em cada ambiente e portão, até chegar à floresta. Aretha estava deslumbrada pela imensidão de coisas e variedade de cores que ela nunca pensou sequer existir. Os dois passaram horas brincando e correndo pelas árvores até chegar a um lugar em que nem mesmo Jhyme havia ido antes; eles paralisaram quando viram um mostro enorme bebendo água de uma cachoeira cristalina.

O menino olhou para Aretha e fez sinal para que ela ficasse calma e não se mexesse; ela entendia muito bem os gestos de Jhyme, o menino passou todos esses anos criando e ensinando-os para se comunicarem melhor. Eles foram voltando mansamente por onde vieram, mas já era tarde demais, o monstro já os havia visto. O garoto gritou e saiu correndo, enquanto a menina ficou paralisada, olhando admirada para aquela figura e, quanto mais ele se aproximava, mais ela ficava encantada. Quando chegou bem perto da menina, o monstro urrou bem alto; ela fez sinal de calma para ele e levou suas pequenas mãos ao braço esquerdo do monstro; ali estava uma flecha enfiada, a qual ela puxou para dar mais alívio a ele.

Enquanto isso, no castelo, Jhyme chega desesperado pedindo ajuda dos guardas para que fossem socorrer Aretha, mas ninguém o obedecia, então recorreu à única pessoa que poderia fazer algo a respeito: seu pai. E assim, ele correu para a sala do trono e desabafou tudo com o rei Gaspar.

— Garoto estúpido, eu falei para ficar longe daquele quarto e daquela aberração!

— Papai, não é momento de brigar, Aretha está em perigo! Ajude-me! Eu lhe suplico!

— Claro que irei te ajudar...! — O feiticeiro falou, virando-se para o capitão dos guardas que estava a sua direita.

— Vá, prepare seus melhores homens e me encontrem no portão do castelo! Capturem a menina viva, quero-a inteira, e quanto a ele, só quero a cabeça.

Neste instante, um tremendo sentimento de tensão reinou sobre todo o castelo e a cavalaria do feiticeiro partiu rumo à floresta densa. A essa altura da história, Aretha já não tinha mais nenhum medo do monstro, via-o como um amigo enquanto brincavam na água e montava em suas costas para correrem entre as árvores. Foi uma sensação nunca sentida antes pela menina, uma felicidade nunca experimentada durante toda sua estadia no castelo de Cinan.

Mas essa alegria repentina durou apenas horas até ser encerrada por um tiro que atingiu as patas do animal tão estimado por ela, fazendo-os rolar no chão, enquanto ele soltava um barulho de dor. Ela chorava vendo o sofrimento dele e procurava entre as folhas o dono da espingarda que ferira seu amigo, mas não viu ninguém. Até que Jheyne saiu atrás dela e perguntou em gestos se ela estava bem. A garota negou com a cabeça, empurrou o menino e correu para ajudar o amigo ferido no chão. Naquele momento, a guarda do feiticeiro cercou todo o lugar.

— Veja só, pensei que não nos veríamos nunca mais, meu caro primo! — Disse Gaspar, descendo de seu cavalo.

Todos ficaram pasmos por ver o rei falar com uma criatura e ainda chamá-lo de primo. Aretha ficava cada vez mais próxima do monstro para que Gaspar não fizesse nada com ele.

— Sai da minha frente sua garota indigna! Tão atrevida quanto o monstro que tenta proteger, só pode ser pai e filha!

— Não fala assim com ela, papai, ela é uma garota incrível — falou Jheyne tentando proteger sua amiga.

— Pessoas boas só se prejudicam na vida, meu filho, olhe para ela, nem falar consegue!

— Não é preciso falar para ser compreendida, meu pai! A fala não limita a grandiosidade de uma pessoa, e ela é gigante para mim.

— Não fale besteiras, garoto, você será o meu sucessor, não deve dar vez para sentimentos que o fragilizam! — Falou o feiticeiro já com ódio na fala e em seu semblante. — Agora, saia da minha frente, garota petulante, vou terminar o serviço inacabado anos atrás!

Aretha olhou para Jheyme e expressou que gostava muito do animal, que ele se expressava como ela, por gestos e olhares. Jheyme, sensibilizado, sugeriu que Aretha chamasse o animal de Gestus, o que ela aceitou, já que se entendiam muito bem, numa conexão que Aretha não sabia explicar, apenas sentia que ele não era uma criatura ruim, não merecia tamanha maldade e suplicou que não deixasse seu pai matá-lo. Mas já era tarde demais, um clarão preencheu os olhos de todos, um feitiço havia sido lançado e um grito soou no lugar.

— Nãoooo...!!!

Quando a luz diminuiu, via-se a menina por cima do animal e Jheyme caindo de joelhos no chão na frente de Aretha; ele sangrava pela barriga e pela boca. Quando Gaspar viu o que havia feito, as palavras sumiram de sua boca e apenas lágrimas escorriam por seu rosto; ele levantou e girou a mão, proferindo outro feitiço contra o animal que ainda estava no chão, mas Aretha se jogou na frente e impediu que chegasse até Gestus, sendo ela atingida. Mas a pessoa que caiu ao chão não foi ela; Gaspar ficou tão fraco que não conseguiu mais sustentar o próprio corpo e caiu; ele se despedaçou inteiro e virou uma cinza que esvoaçou no ar.

Aretha correu para o animal ferido e o abraçou, chorando muito. Ela havia perdido seu melhor amigo e não queria perder outro; suas lágrimas caíram sobre o rosto dele e, no mesmo momento, uma força sobrenatural o levantou no ar. Em sua volta se formaram vários círculos azuis e o que antes era uma figura animal deu lugar

a uma figura humana, o Rei Domênico retornou. Ao chegar ao chão novamente, ele correu, abraçou a garota e explicou resumidamente o que aconteceu antes de seu nascimento; depois agradeceu o dom de entender gestos, sem ele, ninguém seria capaz de entendê-lo e ajudar a quebrar o encanto.

— Minha filha, o mal nunca seria capaz de te atingir! O amor que eu e sua mãe tínhamos a tornava intocável para a maldade! — Disse Domênico, abraçando a filha.

O rei ia ser coroado novamente e uma grande festa foi preparada para esse evento. Aretha estava deslumbrante com um vestido azul. Os dois subiram para a varanda em frente ao público que ficava lá embaixo.

— Reino de Cinan, vocês não imaginam tamanha é minha felicidade de estar aqui novamente depois de 15 anos fora! Mas esse posto de estar à frente do reinado não deve ser meu, tem alguém com uma alma bem mais pura e digna de assumir esse lugar, minha filha Aretha, então, faço dela a Rainha de Cinan!

Após sua fala, ele pegou a coroa e colocou na cabeça da filha, que se tornou a rainha mais jovem que existiu naquele reino.

Ela fala em gestos e o rei traduz para o povo:

“— Darei o meu melhor para ser uma boa rainha nesse reino, um reino tão amado por meu pai que quero homenageá-lo, dando o nome do Reino de Gestus.”

E foi assim que o reinado da rainha Aretha se transformou no melhor de toda a história de Cinan, conhecido como Aretha e o Reino de Gestus. Ela conseguiu mostrar que todos temos um dom, um propósito nesta vida, e que conexões vão muito além da fala, de palavras. É nos pequenos gestos que sentimos e percebemos o melhor do outro e de nós mesmos.





# CONTO X

## **A MISTERIOSA CURA DO REI**

*Inara Araújo Rodrigues*

Era uma vez um reino distante cujos rei e rainha tinham muitas riquezas e poder, mas governavam com amor. Como de costume, o rei Eduard passeava pelo jardim com sua amada, em um dia ensolarado que deixava o ambiente muito agradável. Estavam contemplando a beleza do jardim e observavam um casal de pombos que sempre voava juntos. De repente, chegam os guardas informando que capturaram uma ladra roubando as plantações. Quando o rei chega e entende o ocorrido, ordena que seja imediatamente presa.

— Deixe-me ir, sou uma pobre camponesa — disse a mulher.

Mas o rei não costuma voltar atrás. A mulher disse, então:

— Não és um rei bondoso! Não mereces esse reino e agora eu condenarei você à solidão: sua esposa morrerá em poucos dias! A mulher era, na verdade, uma terrível bruxa.

Eduard desejava ser o rei mais justo que seu povo conheceria, e que seu reino fosse o mais gracioso de todos. Havia distintos bailes para a corte e festas para alegrar a população; a fama desse reino espalhou-se entre os demais.

Eduard enfurecido, ao ouvir tamanha ofensa da mulher, ordena que ela tenha a condenação maior. No entanto, a bruxa é rápida e consegue fugir; experiente, vira um corvo e, assim, passa pela segurança do reino e, entre as plantações, desaparece.

Em poucos dias, a rainha adoece misteriosamente e o rei ordena que tragam médicos; porém, não havia remédio que fizesse

a rainha melhorar. Trouxeram também os padres e as benzedeiras da cidade, no entanto, não foi suficiente; a jovem rainha acaba morrendo e o rei fica tão triste com a notícia que não tem forças para sair do seu quarto. A tristeza espalhou-se pelo reino.

Desde então, o rei recusava visitas e acabou por ficar doente. Foram chamados todos os médicos do reino e de reinos vizinhos; não havia alguém que soubesse explicar a causa da doença e qual seria o possível remédio para o rei. Foi anunciado que aquele que conseguisse a cura do rei seria recompensado com ouro, terras e outros bens. Vieram médicos de todos os lugares. No entanto, não havia quem conseguisse ao menos fazer o rei levantar-se da cama.

Um dia, Ana, que era cozinheira do rei, estava à margem do rio e, enquanto lavava algumas roupas, ouviu um casal de pombos conversando:

— Se o rei soubesse que nossos corações são a cura para sua doença...

— Calado, meu querido! Se alguém ouve, será nosso fim!

— Ora! Mas quem ouvirá? Não vê que estamos sozinhos?!

— Paredes têm ouvidos, meu querido, ainda mais que todos os dias estamos aqui para nos refrescar.

Então, a moça ouve atentamente os pombos que, após se refrescarem, batem asas e vão embora.

No outro dia, ela espera os pombos, coloca cola na pedra e, quando os pombos pousam, ficam presos.

— Agora salvarei meu rei! — Disse a moça.

Assim, pega os pombos e leva em direção à gaiola que havia feito para prendê-los. Os pombos imploram.

— Por favor, não nos mate!

— Por que farei tamanha tolice, se vocês mesmos confessaram que são a cura do meu rei?

— Podemos fazer um acordo! Tudo que o rei precisa é se apaixonar novamente. Ele está doente de tristeza e temos o remédio: você terá que conquistar o coração do rei.

— Não estou à altura do rei, sou apenas cozinheira.

— Não se preocupe com isso, apenas faça o que iremos dizer. Ouça com atenção: ao preparar a sopa do rei, colocará um pouco dessa poção do amor na sopa, assim você verá sua melhora.

— Agora, deixe-nos livres! — Disseram os pombos.

Ana, muito esperta, queria ter certeza de que eles estavam falando a verdade.

— Manterei vocês presos, até que o rei fique curado! — Disse a moça.

Todos os dias, a moça fazia a sopa e colocava um pouco da poção como os pombos lhe disseram. O rei melhorou tão rápido, que seus servos se questionavam a respeito da cura do rei. Ele saiu do quarto e decidiu que precisava casar-se novamente. Ordenou que providenciassem um baile, pois desejava encontrar a nova rainha.

A jovem contou para os pombos sobre o baile que o rei pretendia fazer e sonhava em poder ir, porém, imaginava não ser possível, já que não tinha roupas para a ocasião.

— Você irá a esse baile e será a mais bela! — Disseram os pombos. No dia do baile, os pombos lhe deram uma pena mágica que lhe concedeu um vestido, sapatos e não havia quem duvidasse de que ela era uma princesa. Era, sem dúvidas, a jovem mais linda do baile, porém a magia duraria algumas horas; antes de o sol nascer, precisaria ir embora e voltaria como antes, vestida com seus velhos vestido e sapatos. Eles também providenciaram carruagens deslumbrantes. Chegando ao baile, ela atraiu os olhares de todos, sua beleza era encantadora e o seu vestido todo de plumagem brancas logo chamou a atenção de Eduard. Ele dançou com a jovem, encantado com sua delicada beleza que muito parecia com sua falecida esposa.

A jovem estava chamando a atenção de todos os rapazes, porém ninguém ousava pedir aquela dança, pois o rei estava encantado e sempre voltava a dançar com ela. No entanto, Ana percebe que já está quase na hora de ir embora, então, em um momento de distração de todos quando um dos servos deixa uma bandeja cair no meio do salão, chamando a atenção dos convidados, ela aproveita para sair. Quando Eduard dá conta do sumiço da jovem, questiona sobre a moça, mas ninguém havia visto quando ela saiu. Nesse momento, ele vê uma pena no chão que se desprende do vestido da jovem quando dançavam, ele reconhece e guarda.

No outro dia, ele mandou que procurassem a jovem. O rei estava encantado e a queria como sua futura esposa, porém ninguém achava informação sobre a misteriosa jovem. No mesmo dia, a moça levou a sopa do rei como de costume, no entanto, ele não a reconheceu. E assim fez por vários dias.

A jovem relata para seus amigos pombos.

— Todos os dias eu faço como vocês mandaram, mas o rei ainda não está apaixonado por mim, tampouco me reconheceu.

— Você pegará essa pena e deixará presa ao seu cabelo quando for deixar a sopa do rei como de costume; ele verá, e então reconhecerá você! — Disseram os pombos.

A jovem leva a sopa para Eduard, que, ao ver a pena presa ao seu cabelo, rapidamente compara com a pena que estava guardada. Ele se aproxima da jovem e, ao olhar para seu rosto, a reconhece e percebe que a jovem estava ali o tempo todo.

— Enfim, findou minha angústia! És tu a jovem que tirou minha paz ao roubar meu coração quando me concedeu aquela dança? — Perguntou o rei.

Ana, envergonhada, responde:

— Sim, meu rei!

— Por que me deixastes ficar amargurado a tua procura por tantos dias?

— Sou apenas uma cozinheira, meu rei!

— Agora será a rainha desse reino!

O rei mandou que providenciassem um casamento mais gracioso do que o primeiro. Foram convidados todos os reinos vizinhos para celebrar aquele momento que durou vários dias de festas e que jamais o povo esqueceria. Ana, agora rainha, devolveu a liberdade dos pombos. E todos foram felizes para sempre.



# CONTO XI

## **LUZIA, A PRINCESA DA LUZ**

*John Carneiro Dias*



Era uma vez, em um reino distante, escondido entre colinas de chocolate e rodeado de nuvens de algodão doce, uma jovem rainha chamada Jasmim, que sonhava em ser mãe. A vida de Jasmim era um verdadeiro conto de fadas. Seu marido, o rei Eric, era um homem bom, justo e muito corajoso, assim como a rainha. Eles haviam se casado há três anos, depois de ele ter vencido uma guerra contra um exército sombrio que havia invadido o reino.

O rei e a rainha lutaram lado a lado com a ajuda de seu povo e conseguiram derrotar o exército maligno, recuperar o reino e trazer a paz para todos. Desde então, o reino era feliz, próspero e seguro. As pessoas amavam seu rei e sua rainha, que também amavam seu povo. Tudo parecia perfeito, mas, para a rainha, a felicidade estava incompleta. Ela sonhava em ser mãe e havia tentado engravidar diversas vezes, mas seu ventre era infértil. O rei chamou todos os magos e curadores do reino, mas nenhum conseguiu resolver o problema da rainha. Todo o povo sentia a sua dor, pois ela era muito querida e todos sabiam que o reino precisaria de um herdeiro para o trono.

Jasmim costumava passear a cavalo pelo vale sempre que estava triste ou pensativa. Ela dizia que sentir o vento no rosto, o cheiro das flores e a brisa do rio fazia com que seu coração se acalmasse e sempre fazia esse percurso na companhia de seus inseparáveis amigos, Leo e Theodoro, dois cachorros que ela criava como seus filhos. Eles conversavam sobre tudo e eram amigos leais da rainha, acompanhando-a em todos os lugares. Já o cavalo Bastião era um

grande medroso e sempre que sentia medo de algo corria para o castelo e deixava a rainha e os cachorros caindo na gargalhada.

Em uma bela tarde de primavera, o reino recebeu uma visita um tanto assustadora. Os guardas informaram ao rei que um feiticeiro estava do outro lado da ponte do castelo, insistindo em falar com o rei e dizendo que tinha um feitiço para resolver o problema da rainha. A rainha ouviu a conversa e saiu correndo em direção ao trono, aos pulos de alegria, e pediu para que o rei deixasse o feiticeiro entrar. O rei ficou bastante desconfiado, mas atendeu ao pedido da rainha e resolveu ouvir o tal feiticeiro.

Ao entrar na sala do rei, o feiticeiro se apresentou como um servo do rei Osmund, que o havia enviado em forma de presente para ajudar o reino vizinho. Ele contou que conhecia um feitiço capaz de curar Jasmim e fazê-la engravidar, mas tinha um preço a ser pago ou não iria funcionar. O rei ofereceu ouro e joias, mas o feiticeiro recusou e disse que o preço a ser pago era a vida da rainha pela vida do futuro herdeiro. Imediatamente, o rei se exaltou, disse que jamais aceitaria a oferta e expulsou o feiticeiro.

Antes de sair, o feiticeiro falou que existia outro jeito de conseguir o feitiço. Segundo ele, existia um labirinto mágico que intensificava os feitiços feitos em seu centro, assim a rainha não precisaria pagar com a vida, mas ficaria presa no labirinto. Ele disse que podia levar a rainha para o centro com um portal e poderia fazer o feitiço lá, mas o rei precisaria resgatá-la, pois era impossível sair de lá utilizando magia. Além disso, o feiticeiro disse que o labirinto era cheio de perigos assustadores e recomendou que o rei levasse consigo o seu exército.

A rainha estava animada e esperançosa, confiante de que agora eles iriam conseguir. O rei, por outro lado, disse que aquilo seria arriscado demais para a vida de Jasmim e que não deixaria o reino desprotegido, logo era uma péssima ideia. O feiticeiro foi embora e a rainha ficou triste e cabisbaixa. A noite chegou e todo o reino se recolheu para dormir, mas a rainha só conseguia pensar na

proposta do feiticeiro. Foi então que ela teve a ideia de procurar o feiticeiro e fazer tudo sozinha, afinal ela era uma guerreira e não precisava ser salva; sairia sozinha do labirinto, assim o reino não ficaria indefeso e ela realizaria seu sonho.

Jasmim esperou o rei dormir e saiu de fininho para realizar seu sonho. Quando ela saiu do quarto, foi vista por Leo e por Theodoro. Eles acompanharam a rainha mesmo achando que aquilo era uma loucura. Ela montou Bastião, que também não queria ir, mas foi acompanhá-la mesmo assim. Logo que ela ultrapassou as fronteiras do reino, deu de cara com o feiticeiro que já estava esperando por ela. Ele a recebeu com um sorriso maligno e, com um feitiço, abriu o portal que os levou para o centro do labirinto.

A rainha estava muito feliz, mas, ao chegar lá, o feiticeiro deu uma gargalhada; disse que ela havia caído em seu truque e que não existia feitiço nenhum. Ela, muito confusa, questionou o feiticeiro e entendeu que ele havia se aproveitado do seu sonho para tomar o reino, já que com a rainha presa o rei sairia a sua procura e o reino estaria pronto para ser tomado pelo rei Osmund.

Num passe de mágica, o feiticeiro sumiu, deixando apenas a sua risada ecoando por todo o labirinto. Jasmim ficou muito triste e percebeu que a sua teimosia e a sua mentira tinham colocado a vida de todo o reino em risco. Ela estava completamente perdida e com medo. Tudo estava escuro e tenebroso, mas ela não podia desistir agora, pois tinha que voltar para o reino, antes que o rei desse por sua falta e o plano de Osmund funcionasse.

Para a desventura da rainha, o rei Eric acordou no meio da noite e notou a falta de Jasmim. De imediato, ele entendeu o que havia acontecido e mandou que os guardas preparassem algumas tropas para ir em busca da rainha, e o restante dos soldados ficaria fazendo a segurança do reino. Já estava amanhecendo quando a caravana do rei partiu em direção à floresta. Pontes, portões e entradas subterrâneas foram fechados; o reino estava em alerta e o rei apreensivo.

Enquanto isso, Jasmim, Leo, Theodoro e Bastião caminhavam incansavelmente entre os corredores do labirinto, ansiosos para chegar em casa.

Eis que o primeiro desafio apareceu para a rainha: uma cobra enorme saiu de uma das paredes e ameaçava devorar a todos. Jasmim sacou sua espada e lutou bravamente até derrotá-la, mas esse era apenas o primeiro perigo que ela iria enfrentar. Depois disso, ela enfrentou leões, fantasmas, múmias e crocodilos até chegar a uma sala estranha com uma escada. Ela pensou que a escada seria útil para sair do labirinto, mas assim que eles entraram, a sala se fechou e eles ficaram presos. A sala começou a se encher de água e Jasmim começou a se desesperar, achando que ali seria o fim de tudo.

Ao mesmo tempo, o rei e os seus soldados já haviam encontrado o labirinto, lutado com dragões e com gigantes, mas estavam completamente perdidos e não sabiam como encontrar a rainha. Enquanto isso, Osmund, seu exército e o feiticeiro chegavam ao reino e começavam uma luta completamente desigual e desleal. Embora os soldados, o povo e os magos do reino tenham se unido contra o ataque, o exército de Osmund era poderoso demais e ele conseguiu tomar o reino.

Na sala do labirinto, a água subia cada vez mais rápido, e a rainha tentava ferozmente abrir um buraco em um ponto frágil do teto. Quando finalmente conseguiu, a água já estava em seu pescoço. O buraco era pequeno e não havia tempo suficiente para aumentá-lo, mas Léo e Theodoro conseguiriam passar e correr para pedir ajuda ao rei, pois Jasmim tinha certeza de que ele já estava a sua procura. Leo e Theodoro começaram a correr e a farejar à procura do rei até que finalmente o encontraram em um dos infinitos corredores. Eles contaram o que tinha acontecido e estavam voltando rapidamente para salvar Jasmim e Bastião.

No entanto, a água já havia subido demais e não tinha mais como respirar. Jasmim pediu para que Bastião colocasse o focinho

no buraco, pois assim ele se manteria vivo até que o rei chegasse. Ela prometeu para ele que aguentaria e que eles trocariam de lugar sempre que ela precisasse de ar. Infelizmente, a rainha estava exausta demais e acabou desmaiando.

Bastião tentou ajudar colocando seu rosto na abertura do buraco, mas já parecia ser tarde demais. Finalmente, o rei chegou até a sala inundada. Ele e seus soldados começaram a quebrar as paredes até que elas desabaram e derramaram toda a água que estava presa. O rei pegou Jasmim no colo, desacordada e ficou desesperado! Estava inconformado com tudo aquilo e só sabia chorar. Todos ficaram muito tristes pela rainha e também começaram a chorar. Foi aí que Eric beijou Jasmim e aquele beijo, que parecia de despedida, foi um sopro de vida para a rainha. Ela começou a acordar e todos comemoraram. O beijo do amor verdadeiro havia salvado a sua vida.

Do nada, uma luz forte e brilhante apareceu no céu e foi ficando cada vez mais próxima. Duas fadas haviam visto de longe, de um reino desconhecido no céu, tudo que tinha acontecido com Jasmim. Ficaram muito comovidas e resolveram descer para ajudar. As fadas concederam à Jasmim a benção da gravidez e alertaram o rei sobre o que havia acontecido no seu reino. Deram ao rei uma arma mágica que o ajudaria a retomar o reino e a salvar o seu povo que estava aprisionado. Por fim, as fadas abriram um portal que levaria a todos para o reino num passe de mágica.

Ao chegar ao reino, eles viram todo o caos e a destruição causada por Osmund. Jasmim ficou triste e envergonhada por ter causado tudo aquilo ao seu povo, mas estava decidida a ajudá-los. O rei Eric e a rainha Jasmim conseguiram recuperar o reino mais uma vez, derrotando Osmund e o feiticeiro mentiroso.

Depois que tudo havia ficado bem, Jasmim pediu desculpas ao seu marido e ao seu povo e disse que jamais faria algo parecido de novo. Contou da sua aventura, dos monstros enfrentados e da gravidez. O povo vibrou e festejou pela benção concedida à rainha.

Nove meses depois, Jasmim deu à luz uma linda princesa que ganhou o nome de Luzia, pois ela era um milagre vindo da Luz. O reino voltou a ter paz e prosperidade, e a rainha Jasmim finalmente se sentia completa.



# CONTO XII

## **ADÍLIA VIU O VESTIDO A CHORAR<sup>1</sup>**

*Lilia Brito da Silva*

<sup>1</sup> Conto inspirado no poema "No more tears" de Adília Lopes



Em uma longínqua aldeia, viviam, solitariamente e distantes de toda a população, a miúda Adília, de longas madeixas loiras, e sua avô Terê, em uma antiga casa de pau a pique. Terê era uma senhora muito feliz e vivia a cantarolar, mas, curiosamente, a sua netinha era o exato oposto disso, um perfeito retrato da tristeza e da melancolia. A pequena se sentia constantemente solitária e isso a incomodava e tanto lhe entristecia. “Não precisamos de muito para sermos felizes”, como um conselho, era o que a sua avô lhe dizia.

Apesar de toda a tristeza, Adília, assim como qualquer outra criança, sempre foi muito curiosa. Passava tanto tempo naquela casa que já conhecia exatamente cada coisa, canta canto do lugar, precisamente o local de cada objeto. No entanto, havia um cômodo da casa que seus olhos ainda não tinham visto: o quarto da velha Terê. Em suas memórias mais distantes, recordava que sua avô sempre a proibiu de entrar no quarto. Dizia que gostava de sua intimidade, que o quarto onde deitamos o nosso cansaço é coisa íntima, que precisava desse seu espaço e pedia para que sua netinha entendesse e respeitasse isso.

A curiosidade da menina, no entanto, era tamanha que ela sequer conseguia se conter. “São formiguinhas caminhando pelo meu corpo todo!” Assim descrevia a sensação que tinha quando estava curiosa. E “tanto tempo sozinha na casa, entediada pela falta do que fazer”, fazia com que a quantidade de formiguinhas caminhando pelo seu corpo aumentassem — ela pensava. E, “talvez,

quando conseguisse entrar no quarto de Terê, as formiguinhas deixariam o seu corpo. O mistério seria descoberto.”

Houve um dia em que a miúda, inocentemente, deixou a sua curiosidade definir o rumo de seus passos e foi levada em direção à porta do quarto de Terê, mas quando pôs a mão na maçaneta, sua avó a viu e repreendeu sua atitude com rispidez. Não obstante, isso não fez com que ela deixasse de lado o desejo de ver o que tinha ali.

Certo dia, aconteceu o que Adília já esperava que aconteceria. Sua avó precisou ir ao mercado comprar mantimentos e, pela primeira vez, esqueceu a chave do quarto em casa. Ela estava pronta para aproveitar essa oportunidade.

A menina segurou fortemente a chave em suas mãos, tal qual alguém segura um tesouro ou coisa difícil de conquistar. Sentiu medo por esse momento, vergonha por desrespeitar quem a criou, ansiedade e um misto de sensações que nem ela mesma conseguia descrever. Parou em frente àquela porta de madeira escura e sentiu um frio na barriga. Reuniu a pouca coragem que tinha ali e decidiu entrar. Adentrou o ambiente como quem desvenda uma caverna encantada. Tudo era um tanto escuro devido à péssima iluminação. Naquele cômodo, não havia lâmpadas, apenas velas. Muitas velas espalhadas pelos cantos do quarto onde, provavelmente, Terê acendia ali mesmo.

Deu passadas desnorteadas, até que, de repente, esbarrou em algo no chão. Tateou a coisa para enxergá-la com as mãos, até que descobriu que aquilo era uma mala. Aproximou seus olhos do objeto, esforçando-se para vê-lo e, quando o fez, percebeu o quanto era lindo. Uma mala de madeira, toda talhada, com belos desenhos em espirais. Nunca na vida havia visto algo tão encantador! Agora precisava saber o que havia dentro.

Ela abriu a mala cuidadosamente e encontrou em seu interior uma faca tão bonita quanto a mala, se é que era possível. O objeto estava enrolado em um belo e fino tecido de seda e, na faca, havia uma escritura que Adília cometeu o erro de ler em voz alta, pois, no

instante em que aquelas palavras saíram de sua boca, um feitiço se instalou sobre a casa. Ela ouviu um barulho suave que vinha do céu, mas que nunca havia ouvido e teve medo.

Tamanho foi o susto com o acontecido que Adília correu direto para o guarda-vestidos de sua avó. Lá, onde Terê havia ensinado que os monstros estavam, parecia um lugar seguro agora.

Desejou profundamente não ter feito aquilo. Ela se sentia uma tola. Sua avó estava certa, deveria tê-la ouvido. Em seu refúgio, Adília se entregava ao choro e, quando pensou estar em sua solidão, ouviu baixinho um segundo choro que vinha de dentro do guarda-vestidos. Olhou em volta, mas não viu um ser vivo ali. Quando voltou seus olhos para as roupas que estavam sob a sua cabeça, percebeu um lindo vestido dourado a chorar.

— Por que você está chorando? — Perguntou o vestido aos soluços.

— Estou com medo. Acho que fiz algo de errado! — Respondeu Adília com a sua voz tristonha. E por que você chora? — Retrucou a menina.

— Porque me sinto tão só aqui! Há tantos anos não vejo ninguém!

— Eu entendo! — Disse a pequena — Eu também me sinto muito só, sabia?

Adília analisou curiosamente o vestido. Tão belo, tão bem-feito! Desejou tê-lo para si.

— Você é da minha avó? De quando ela era uma criança como eu? — Ela perguntou, ao passo que o vestido falante respondeu:

— Não... eu pertencia a uma criança, ela se chamava Genevive. Vestiu-me poucas vezes em seu corpo; conversamos, brincamos, mas um dia ela foi embora e sua avó me guardou aqui desde então.

— Que triste, vestidinho...!!

A menina pensou, pensou, até que teve uma ideia.

— Tenho uma solução! Se você aceitar, posso vestir você. Assim, eu te sirvo de companhia e você faz o mesmo por mim. Podemos tentar afastar a solidão que sentimos.

— Você me concederia essa felicidade!? — Perguntou o vestido sem acreditar.

— É claro!

E mais que imediatamente, Adília o vestiu e gradualmente o seu humor foi mudando. O medo cedia espaço para a felicidade de agora ter com quem conversar, brincar e rir. Agora precisava descobrir o que havia feito e resolver tal coisa.

Quando saiu do quarto, tudo continuava como antes, exceto por um grande círculo luminoso que havia se formado em volta da casa.

— Você evocou o feitiço? — Perguntou o vestido.

— Não sei. No quarto de minha avó Terê, encontrei uma faca e nela tinha algumas palavras escritas. Eu as li e isso aconteceu. Mas o que é isso?

— Pequena Adília... agora sua avó corre risco e você mais risco ainda!

Quando Terê retornou para casa, ainda no portão de fora, viu o que Adília fez e ficou furiosa. O feitiço evocado não permitia que Terê adentrasse a casa, tampouco quem estivesse dentro poderia sair e, assim, ela estava presa lá fora. Descontroladamente e aos berros, sua avó gritou:

— O que você fez sua criança tola? Por que não me ouviu? Por que você me desobedeceu? Eu não cuidei bem de você? Eu te dei casa e comida e você me agradece dessa forma, me desrespeitando! Todas vocês são iguais!

Adília, que ouvia tudo do lado oposto da casa ficou assustada, imaginou que tinha feito algo de muito feio, pois nunca viu a sua avó assim.

— Você tem que ter cuidado, miúda! Sua avó não é quem você pensa que é — disse o vestido falante, que agora já estava em seu corpo.

— O que você quer dizer?

— Não posso falar sobre isso, é perigoso! Mas ouça o que eu vou lhe dizer, é um conselho para o seu bem: não lave mais seus cabelos com o xampu que Terê lhe deu. Só posso dizer isso. Siga o meu conselho e veja o que acontecerá. Saiba que, apesar de nos conhecermos há pouco tempo, quero apenas vê-la feliz.

Adília ouviu, atenta, o conselho de seu novo amigo e, então, foi até o portão da frente finalmente enfrentar sua avó. Pediu-lhe mil desculpas, disse que estava se sentindo só, que ficou com medo do que aconteceu, que estava arrependida. Prometeu nunca fazer aquilo novamente.

Terê ouviu tudo em absoluto silêncio. Olhou a menina de cima abaixo e, finalmente, disse sorrindo, como que passada, em passe de mágica, a sua decepção e raiva:

— Você gostou do vestido, querida?

— Sim! — Respondeu a pequena.

— Então, já que se arrependeu de tudo isso, ele vai ser um presente para você.

Aos pulos de alegria, Adília agradeceu muitíssimo a sua avó, pois agora, finalmente, teria uma companhia.

Terê pediu para que Adília repetisse as palavras certas e, docilmente, ela o fez. Dessa forma, Terê pôde entrar em sua casa.

Os dias se passaram e foram esquecendo o acontecido. Tudo parecia normal. Apenas uma coisa mudou: Adília havia parado de lavar os cabelos, como o vestido falante recomendou. Magicamente, a sua tristeza diminuiu e, pouco a pouco, a pequena menina parecia mais feliz e disposta.

—Você está tão melhor agora, miúda! — Disse o vestido, enquanto brincavam na grama fresca.

- É porque você me deixa mais feliz com a sua amizade!
- Assim como faz comigo! Mas, me diga, você parou de lavar os cabelos como lhe pedi, não foi?
- Sim, pois você me pediu e eu confio em você!
- Adília, preciso lhe confessar um segredo, mas nunca conte a Terê ou ela pode me tirar de você! Não quero que ela faça isso!
- Pode me contar. Sou sua amiga agora. Confie em mim!
- O xampu que você usava a fazia mais triste. Terê colocou uma poção mágica lá para que isso acontecesse.
- E por que minha avó iria me querer triste? — Questionou a pequena, desacreditando daquelas palavras.
- Adília, algumas coisas é melhor que você descubra sozinha. Mas saiba que estou aqui para lhe ajudar se você precisar!
- Tudo bem... — foi o que a pequena respondeu, mas se entristeceu um pouco com o amigo falante. Por que ele diria algo tão feio sobre sua avó?

Adília parou de usar o vestido, passava dias sem vesti-lo. Certa vez, brincando em uma árvore, estava vestida com a linda peça de roupa, até que a pontinha do vestido prendeu em um galho. Adília forçou, forçou e acabou rasgando uma pequena parte: soltou-se do vestido a etiqueta. Ela nunca se atentou à etiqueta. Desceu depressa para pegar a parte que faltava. Sentia-se agora tão culpada como quem machuca uma amiga querida. E aquilo realmente entristecia o pequeno vestido, mas ele sabia que não era culpa de Adília.

— Desculpe! Por favor, me desculpe! Eu consigo colocar de volta. Juro que consigo!

Apressadamente, tentou unir uma parte na outra pelo atrito. Queria que, como mágica, o vestido se fizesse inteiro outra vez.

Tentou, tentou e tentou até cansar. Olhou para a etiqueta, cabisbaixa, atentou-se a ler cada pequena palavra, pois antes a adrena-

lina sequer permitiu que pensasse em ler o que tinha ali. Estava escrito: “Feito de algodão e amor. Produzido por Adília B.”

A menina levantou-se de sobressalto.

– Adília B.? Outra Adília? – Indagou curiosa e com espanto a pequena.

– Você conhece essa pessoa? – Indagou o vestido.

– Não...Você conhece? – Ela perguntou, gaguejando.

– Passe a sua mão pelo nome. Tente lembrar. Faça um esforço.

Quando a menina fez o que o vestido aconselhou, Adília foi imediatamente invadida de memórias com uma mulher de longos cabelos negros, alta e sorridente... Ela tinha uma sensação estranha de que, de alguma maneira, aquela mulher era sua mãe. Sentia assim em seu coração. Emocionada com as lembranças, deixou que lágrimas percorressem o seu rosto. Antes disso, já não recordava da sua mãe, pois a havia perdido muito cedo.

– Você conhece a minha mãe? – Ela perguntou, choramingando.

– Sua mãe me criou, Adília. Me fez para Genevive, mas acho que ela já sabia que, no fim, eu viria para você. Ela era uma mulher muito inteligente.

– Explique-me melhor, por favor... me ajude a entender! – Implorou a menina.

– Tudo bem, tenha calma! Eu irei lhe explicar... Genevive vivia muito triste, então Terê pediu a sua mãe que criasse um vestido, mas um que deixasse a menininha que a vestisse mais feliz. Assim, a sua mãe decidiu criar um vestido falante, pois crianças gostam de companhia e têm muita energia, dessa forma eu poderia brincar com elas, alertar se preciso, conversar... tanto! Eu fui feito para ser um bom e leal amigo. É por isso, também, que revelo essas coisas agora, porque devo ser leal a você e por isso digo que você ainda corre perigo, pequena.

— Que perigo é esse que estou correndo, vestidinho? Estamos bem aqui, não estamos? E meus dias têm sido melhores com você.

— Minha pequena, você não percebe? Nunca se perguntou por que vivem só vocês aqui, distante do resto do povo? Não é estranho para você a grande tristeza que sente?

Adília permaneceu em silêncio, e o vestido continuou a explicar.

— Adília, antes de você, vivia Genevive aqui. Quando lhe pedi para parar de usar o xampu, é porque sei que Terê colocava uma poção no xampu de Genevive que alimentava a grande tristeza dela, tornando-a ainda maior, pois a felicidade de Terê é alimentada pela tristeza de alguém, pequena, é por isso que ela vive tão alegre e você tão tristonha. Antes de viver aqui, você era uma criança sorridente como a sua mãe, pois sua mãe me contava histórias enquanto ainda me costurava para Genevive. A velha Terê pediu para sua mãe fazer um vestido como eu, pois Genevive estava tão triste, tão triste, que logo poderia padecer de tanta tristeza. Eu a alegreí um pouco nos seus últimos dias, mas só a minha companhia não foi o suficiente para reparar os danos causados por tanto tempo de melancolia. Genevive padeceu dessa forma e tantas saudades eu tenho dela! Depois disso, Terê precisou de outra criança para alimentar a sua felicidade e, para infelicidade da sua mãe, ela escolheu você, que estava começando a andar, na época em que ela tirou você da senhora Adília. Sua mãe, pobrezinha, padeceu de tristeza, assim como Genevive, pois não suportou ficar sem você. Você era o amor da vida dela! Era toda a vida dela. Mas, infelizmente, pequena, parece que todas as coisas que cruzam o caminho da velha Terê têm esse destino e eu não quero o mesmo para você.

Peço desculpas por contar tudo dessa maneira, mas quero bem a você porque sou leal e, antes de tudo, porque amo a sua mãe por ela ter me dado vida e me feito com tanto zelo e amor. Não contei tudo antes, pois senti que você ainda não estava preparada e não iria acreditar em mim!



— Não acredito que você conheceu minha mãe...! — Foi a única coisa que Adília conseguiu responder.

Nem a própria menina sabia que sentia tanta falta de sua mãe, mas essas revelações trouxeram até seu coração muitos sentimentos que estavam ocultos pelo tempo.

— Como podemos sair daqui, vestido? Eu não imagino um modo! Precisamos fugir!

— Existe apenas um modo, mas você precisa ter coragem: lembre-se das palavras que estavam escritas na faca, evoque o feitiço outra vez e prenda Terê aqui. Assim você pode fugir. Essa é a única forma de garantir que ela não fará mais isso com ninguém e você poderá seguir sua vida em paz, Adília!

—Você vem comigo, não vem? Sua amizade é valiosa para mim! Agora percebo que você é mais do que uma companhia, mais do que um amigo, sinto-o como um irmão, nascido de minha mãe! — Disse a menina.

— Claro que sim, se assim você desejar! Você é minha grande amiga e eu serei feliz só por estar com você! Não precisamos de muito para sermos feliz, em breve você perceberá.

Adília, sempre atenta, logo recordou as palavras. Foi até o grande portão de saída da casa e proferiu as palavras. Imediatamente, pôde ver o portal de cor perolada se formar, desde o teto da casa até as bordas. A velha Terê, despreocupada, estava a dançar feliz na sua cozinha e sequer percebeu o que acontecia. Ficou presa em sua solitária casa enquanto era feliz pela última vez.

Adília fugiu com o vestido e finalmente teve a sua felicidade só para si. Com a liberdade de ter a sua felicidade e poder compartilhá-la com quem quisesse, ela escolheu compartilhá-la com o vestido falante, seu fiel amigo.

E assim foram tão felizes quanto mereciam ser.



# CONTO XIII

## **A BAILARINA E O CISNE**

*Lília Ricardo de Sousa*

Era uma vez uma jovem bailarina que sonhava em dançar na Companhia do Balé Bolshoi. Todos os dias, ela ensaiava em frente ao espelho e imaginava-se em um espetáculo deslumbrante. Sempre muito perfeccionista, ela ensaiava todos os dias e não aceitava cometer nenhum erro, por isso, era uma das principais bailarinas da sua região. Em mais uma manhã de ensaios, alongamentos e rotina cansativa, ela decidiu nadar antes de ir para casa. Até que sentiu fortes dores em seus ombros.

— Ué, eu nunca senti uma dor como essa! Será que é algum problema? Ou é por que eu alonguei os braços?

Dito isso, a menina não continuou com as braçadas e decidiu ir para casa. Ao longo do caminho, ela avistou vários passarinhos na árvore, um cachorro passeando ao lado de uma bela moça e crianças brincando na pracinha. A dor continuava lá, começando a machucá-la. Ela apenas queria chegar a sua casa, comer alguma coisa e dormir.

A bailarina acordou de madrugada com fortes dores nas mãos e em boa parte das costas. Ela ligou para uma amiga que é médica e perguntou se podia marcar uma consulta para o dia seguinte. Márcia, a amiga, perguntou:

— Você está sentindo algum enjoo?

– Não, apenas uma dor muito forte nas minhas costas! Parece que alguém está enfiando agulhinhas em mim!

– Não se preocupe, amanhã bem cedo pode vir falar com a minha secretária e dizer que já tem hora marcada comigo!

– Obrigada, Márcia, nem sei como agradecer a você!

Eram sete horas da manhã e a bailarina estava se arrumando para a consulta quando, de repente, ela sentiu um formigamento em seus braços e uma dor extrema na barriga. Flora caiu no chão, não conseguia se mover, e o celular estava em outro cômodo da casa. Tentou gritar chamando algum vizinho, mas lembrou que morava em uma casa distante do centro da cidade; sempre preferiu morar em locais afastados.

Não conseguiu ir para a consulta, muito menos avisar para Márcia o que aconteceu. Depois de horas, mesmo com dor, conseguiu sentar-se e beber um pouco de água. Percebeu que seus braços estavam coçando e sentia o corpo quente, como se estivesse com febre. Decidiu ir à frente do espelho.

Assim que pôs os olhos no vidro, notou que a sua pele estava vermelha e descascando. Imediatamente, passou um creme para aliviar a vermelhidão, mas não adiantou. Percebeu que a dor estava aumentando cada vez mais e não podia fazer muita coisa; era esperar a dor diminuir e ir para a consulta o mais rápido possível.

Flora não dormiu; tomou remédio, mas a dor não parou. Pensou que poderia ter sido algum problema com o corpo ou cansaço. No entanto, quando estava na cama, notou que uma peninha cresceu em seu ombro esquerdo.

– Mas...mas, como isso é possível? Isso não é real, não pode ser! Como uma pena está nascendo no meu ombro?

A bailarina estava experimentando uma mistura de emoções, sentiu medo, raiva e, por fim, achou isso estranho. Tão estranho que chegou a gostar, sentiu que isso poderia ajudar em relação à nova peça em que estava trabalhando: O Lago dos Cisnes. Após

perceber que a dor diminuía, ela conseguiu pegar o celular e ligar para Márcia, dizendo que já estava melhor e não precisava da consulta.

Foi para o seu local de ensaio, um teatro onde toda semana o grupo do qual faz parte apresentava-se aos sábados. Lá, colocou a peça de Tchaikovski e começou a bailar, imaginando o teatro lotado, com amigos e familiares prestigiando-a. A dor não apareceu, para a alegria dela. Ela rodou, rodou e rodou e ficou sorrindo como se fosse um bebê após ser alimentado. Sentiu que nascera para ser bailarina!

Depois do treino, foi para casa. Tomou banho e, quando estava colocando uma roupa confortável, sentiu uma leve pontada. Era uma asa que estava nascendo, com penas leves e brancas, saindo uma por uma do corpo da bailarina. Dessa vez, um par de asas completo.

— Uma asa! Agora eu posso dançar e não me preocupar com o conforto do figurino!

As asas eram lindas! Brancas da cor de gelo, iam dos ombros até as mãos delicadas da bailarina. Tinham penas leves, com um perfume doce e alguns brilhos bem discretos. As asas deram uma beleza estonteante para a jovem bailarina. Então, ela lembrou que a peça iria estreiar em dois meses e como iria disfarçar as asas ao longo do espetáculo? Preferiu não pensar muito nisso e fez questão de ser uma das suas melhores apresentações.

A dor tornava-se insuportável apenas quando uma pena nova nascia, somente isso.

Os dias dos ensaios eram intensos, das oito da manhã às oito da noite. Em um desses dias lotados, ela percebeu que as penas estavam mudando de cor. Como não podia conversar com ninguém sobre isso, descobriu que podia esconder as asas por um tempo, mas isso só acontecia quando ela estava calma.

Agora, calma e com as asas escondidas, ela poderia ter uma vida normal. Porém, as dores estavam aumentando repentinamente, e ela não sabia mais o que fazer. A única opção foi fazer uma consulta com sua amiga, mesmo tendo medo da reação que ela teria.

Chegando ao consultório, não falou nada e mostrou as asas para Márcia. A médica ficou sem reação e conseguiu esboçar apenas uma pergunta:

– Quando isso começou?

– Não sei uma data certa, mas acho que tenho essas penas há quase dois meses... não sei!

– Calma, eu vou encaminhar você para fazer uns exames de sangue, ok? E depois vamos ver se tem alguma alteração. E...você vai precisar cortar isso!

– Não, não posso fazer isso! Irá fazer parte do espetáculo, já acertei tudo! – Falou a bailarina eufórica.

A bailarina não acreditou nas palavras da amiga. Fez os exames, esperou pelo resultado em algumas horas e foi embora. Não quis saber se estava bem ou não. Para a surpresa de Márcia, ela estava perfeitamente saudável para uma jovem de 24 anos.

Sem tempo para pensar na opinião de Márcia, a bailarina acertou os últimos passos, a música, o figurino. Conversou com o diretor do espetáculo e falou que não precisaria das plumas artificiais, já sabia o que fazer. Os outros dançarinos estavam ensaiando arduamente, todos bem preparados e ansiosos. No dia seguinte, era a estreia.

Chegou o grande dia. Teatro lotado, vozes ecoando ao fundo, pessoas bem-vestidas, bailarinos esperando a campainha para iniciar o espetáculo. Em um camarim, estava ela. Solitária, pensativa e ansiosa. A bailarina sabia exatamente o que fazer e como fazer, mas estava sentindo que o figurino a incomodava. Não pensou duas vezes e entrou no palco com as penas, que agora eram a sua nova roupa.

Assim que abriram as cortinas, a plateia ficou espantada. Alguns nunca haviam visto figurino tão real, outros acharam que fazia parte da peça. Ela queria brilhar nos palcos. Dançou lindamente até a exaustão, foram muitos aplausos, mas ela continuou com a dança. De repente, suas penas começaram a cair e ela foi ficando fraca. Ninguém entendeu aquilo, silêncio total. Apenas ecoou no palco os gritos de uma bailarina que buscava a perfeição através da dança. Suas pernas foram quebrando, os ossos não aguentaram a pressão. A bailarina morreu no palco, como numa peça de tragédia.

A bailarina não pôde alcançar a perfeição, morreu jovem demais para compreender que esse objetivo não serve como amadurecimento, pois a vida requer que tenhamos paciência e momentos de altos e baixos.

Após a morte de Flora, o teatro nunca mais recebeu espetáculos de balé.





# CONTO XIV

## **A MALDIÇÃO DO REI HEDRON E A FLORESTA DA FELICIDADE**

*Maria da Paz Silva de Sousa*

Era uma vez um reino muito distante onde tudo era triste e deprimente. Havia sobre esse reino uma maldição instalada há um bom tempo, que chegou até o reino através de uma atitude tomada pelo rei, que se chamava Hedron. Quando ele ainda era jovem, uma feiticeira compareceu a uma festa no palácio em comemoração ao seu aniversário e, ao contemplar a beleza do rapaz, que era de certo modo encantadora, de imediato se apaixonou e foi até ele declarar o seu amor.

— Meu jovem príncipe, é um prazer conhecê-lo, permita-me tomar um pouco do seu precioso, tempo!

O príncipe, ao vê-la, ficou assustado, pois sua aparência era um pouco intrigante, mas respondeu com educação e gentileza.

— Diga-me, senhora, o que quer.

A feiticeira foi logo ao ponto:

— Estou deveras encantada com a sua beleza e sei que não está comprometido; quero muito ter a honra de ser sua futura esposa e rainha desse alegre reino.

O jovem príncipe ficou surpreso com tamanha audácia daquela mulher e gritou aos guardas:

— Guardas, por favor, retirem essa senhora deste ambiente, pois ela me faltou com o devido respeito!

A feiticeira de imediato foi arrastada para fora, mas antes de sair, gritou:

– Você não sabe quem rejeitou, jovem príncipe! Sou ngela, a feiticeira mais cruel de toda região! Você vai se arrepender amargamente da atitude que tomou hoje! Esse reino, que hoje canta e dança, brevemente irá chorar! Todos desse reino sofrerão as consequências dessa rejeição!

Todos do salão ficaram atônitos, e o jovem príncipe imediatamente sentiu-se profundamente triste. Desde então, de forma gradativa, a tristeza se instalou naquele reino e ninguém ali conseguia ser feliz. Nem ricos e nem pobres, mesmo que tentassem, não conseguiam alcançar a felicidade morando ali e, por vezes, ouvia-se o povo lamentando:

– Maldita feiticeira! Nosso reino nunca mais foi o mesmo desde o dia em que ela apareceu aqui! Temos trabalhado tanto, lutado, porém as coisas não vão bem; realmente as palavras proferidas por elas eram de maldição.

Os anos passaram e o príncipe Hedron se tornou rei, assumindo o trono herdado de seu falecido pai; contudo, a culpa de o seu povo sofrer tanto nunca saiu de seus ombros. Ele tentava de toda forma esquecer aquele ocorrido, mas, constantemente, a feiticeira aparecia em seus sonhos, reforçando para ele que sobre aquele reino pairava a maldição da tristeza. O rei era tão infeliz que não havia se casado ainda; ele falava que não poderia se casar, pois não queria passar para mais ninguém o legado daquela maldição.

Exausto de viver naquele reino triste e sem saber o que fazer, Hedron decide visitar um velho conselheiro que antes ajudava seu pai a tomar decisões. Seu nome era Dante, conhecido por sua extrema sabedoria. Ao saber que o rei ia ter com ele, o velho logo pensou sobre o que se tratava e sussurrou:

– Antes tarde que nunca! Meu rei conseguiu suportar bem mais do que eu imaginava.

Hedron, ao adentrar na cabana do velho, notou a simplicidade e quis refugar um pouco, mas assustou-se com uma voz que bradou por detrás de uma antiga cortina:

— Nunca julgue um livro pela capa, meu magnífico rei! O que essa velha cabana tem de simples, eu tenho de experiência e sabedoria. Diga-me o que está perturbando o seu coração.

Hedron ficou impressionado, pois ele não havia falado nada, apenas em pensamentos, ele menosprezou a cabana do velho, então ele agora foi tomado pela certeza de que realmente Dante era misterioso. Não era à toa que seu falecido pai sempre procurava seguir seus conselhos.

Hedron respirou fundo e fixou os olhos em Dante, que já estava a encará-lo, e perguntou brandamente:

— Você já sabe de tudo que vem acontecendo no reino, não é?

Dante calmamente responde:

— Sim, eu sei e já estava mais do que na hora de você pôr um fim nisso, meu rei. Não suportamos mais a infelicidade nesse reino, e só você pode mudar o rumo da nossa história.

O rei colocou as mãos sobre sua cabeça e falou, com um tom quase de desespero:

— Por favor, Dante, em memória do meu velho e falecido pai, diga-me o que devo fazer para que a felicidade volte a fazer morada nesse reino!

— Bem, o seu reino está sob uma maldição, lançada pela feiticeira mais temida de todas. Entretanto, há uma saída, meu jovem! Você precisa casar-se logo, o mais rápido possível. O príncipe que estava com semblante meio abatido suspirou aliviado e falou:

— Se essa é a solução para tirar o meu reino da ruína, não é tão difícil como eu pensei. Todas as nobres moças do meu reino são cativadas pelo meu charme e sonham em ser a minha futura esposa. Só não me casei ainda porque temia continuar infeliz.

O velho o interrompe rapidamente:

— Acalme-se, não é tão fácil assim! A maldição que foi lançada sobre seu reino e sobre você pela feiticeira não é tão fácil de ser quebrada. ngela, a feiticeira, o amou à primeira vista e, como você não correspondeu, lançou a maldição da tristeza e da infelicidade sobre todos e só será quebrada, se um dia você conseguir ser amado de verdade, um amor puro, sem interesse nas riquezas do seu reino, nem na sua radiante beleza. A mulher que o ajudará a quebrar a maldição deve amá-lo pelo que você é. Nem ela vai conseguir explicar o amor que sentirá por você.

O semblante do príncipe descaiu na hora. Ele pensou que o reino viveria para sempre com essa maldição; nem ele acreditava no amor verdadeiro, como poderia viver um? Dante, ao perceber a tristeza do príncipe, fala:

— Não fique triste e procure, a partir de hoje, a mulher que o amará e livrará nosso reino da maldição. Não duvide, o amor verdadeiro existe sim! Para encontrá-lo, será mais trabalhoso; coisas preciosas não são expostas em qualquer lugar! Essa mulher está escondida como tesouro e só você pode encontrá-la. Faça sua parte que os deuses se encarregarão do resto!

Dito isso, o príncipe retornou para o palácio e passou a pensar nas palavras proferidas pelo velho sábio. Passando alguns dias, ele resolveu ir a um passeio na floresta que ficava um pouco distante do palácio, e exigiu que ninguém o acompanhasse, pois ele precisava ficar sozinho para refletir sobre as decisões que deveria tomar.

O rei Hedron pegou seu cavalo, adentrou numa floresta que ficava um pouco distante do seu reino e começou a observar a natureza. Naquele dia, o céu estava lindo, cheio de nuvens brancas e azuis; as árvores e as flores perfumavam o ambiente e os belos cantos dos pássaros acalmavam o coração do rei, que estava aflito. Hedron, ao contemplar aquela linda paisagem, sentiu como se o tempo parasse e um sentimento de alegria e gratidão tomou conta

dele. Ele se maravilhou, pois, desde a maldição lançada pela feiticeira, ele não sentia outra coisa além de tristeza e insatisfação.

Mas agora era como se ele estivesse em outra dimensão, as tristezas e angústias do rei haviam sumido e ele estava feliz. Havia sido curado pela energia que emanava daquela floresta. O rei Hedron estava tão encantado com tamanha paz e calma advinda daquele ambiente que fechou os olhos e dormiu por um tempo.

Algumas horas se passaram e o rei acordou. A paisagem que ele contemplou claramente agora estava coberta pela escuridão da noite. Hedron apressou-se, tentou pegar o caminho de volta para o palácio, mas a tentativa foi em vão; não conseguiu achar o caminho de volta e saiu vagando na floresta sem direção. Hedron entrou em desespero, pois nunca havia se perdido. Gritou pedindo socorro e ninguém aparecia para salvá-lo, só ouvia como resposta o seu incansável eco. Como se não bastasse o medo da escuridão da noite, começou a cair uma branda chuva que o deixou ainda mais apavorado e ele falava, sem hesitação:

— Eu só podia estar louco quando resolvi vir até aqui sozinho; agora eu vou morrer; se não for de frio, será com certeza pelas garras dos ferozes animais desta floresta.

Dito isso, ele ouviu sons de músicas, que vinham na direção oposta à que ele estava. Porém, como estava baixo, ele deduziu que ficava um pouco distante e seguiu o barulho. Quando o rei se aproximou, viu que, no meio daquela floresta grande e misteriosa, morava um povo que ele nunca havia visto pelo reino. Cantavam e dançavam alegremente, sentindo o cair das gotas da chuva sobre seus corpos. Ele então se aproximou e rapidamente todos se calaram e começaram a observá-lo. De repente, uma voz cheia de autoridade saiu do meio daquele povo, bradando fortemente:

— Quem é você? E como ousa entrar na nossa honrosa floresta da felicidade?

Hedron assustou-se, pois era costume ser respeitado e temido por todos ao seu redor. Então ele, cheio de ousadia, falou:

— Meu nome é Hedron, sou dono do reino mais próximo desta floresta. Estou surpreso, pois aparentemente minha fama de magnífico rei não chegou até vocês. Naquele mesmo instante, saiu, dentre aquelas pessoas, uma jovem muito bela e começou a andar na direção do rei. Ela vinha trazendo em suas mãos uma varinha fina. O rei logo imaginou: “Ainda bem que apareceu alguém aqui de juízo; com certeza vem prestar as honras e o respeito que mereço”. A jovem, ao chegar à presença do rei, bateu fortemente com a varinha em sua cabeça e falou:

— Como ousa se dirigir ao nosso mestre com tamanha falta de respeito? Apesar de ser um forasteiro aqui, o mínimo que você deve ter é pudor. Retratar-se ao grande Hamã, o senhor da floresta da felicidade!

O rei ficou tonto e seu rosto estremeceu de fúria. Tentou balbuciar algumas palavras, mas nada saía. A jovem o pegou pelo braço e com um puxão fez com que Hedron se dobrasse de joelho. Ele viu que a situação era séria e falou rapidamente:

— Perdoe-me, grande mestre, pelas minhas tolas palavras. Não foi um insulto a sua grandiosa pessoa, é que eu também sou rei e nunca tive que prestar respeito a um povo como o seu, mil perdões!

Após a palavra do rei, os ânimos se acalmaram. Hamã, o mestre da mágica floresta da felicidade, tomou a frente e dirigiu a palavra a Hedron:

— Bem-vindo à floresta da felicidade cavalheiro! Queremos ouvir o que tem a dizer ao nosso povo, pois não é qualquer um que os guardiões da floresta deixam passar; de fato, você tem algo bom para nos oferecer. O rei confuso com tudo que aconteceu e gaguejando falou:

— Desculpe a todos pelo mal-entendido; não sou alguém que traz boas novas e nem tenho muito a oferecer; pelo contrário, também tenho andado em apuros. Sou um rei e ontem, ao cair da tarde, me perdi ao passear pela floresta. Não consegui o caminho de volta e não sei por qual motivo meus servos tardam em me encontrar.



Só queria saber onde estou para mandar recado por mensageiros para virem me resgatar.

Hamã sorriu e respondeu com muita delicadeza:

— Majestade, vou lhe dizer o que está acontecendo: aqui é uma floresta mágica onde só entram pessoas de coração bom. Quem está desse lado não conhece o seu mundo e vice-versa. Por isso, você não encontrou o caminho de volta ao seu reino, você atravessou o portal mágico, estamos felizes em recebê-lo!

— Amanhã, faremos uma festa em agradecimento aos deuses da floresta da felicidade por ter nos enviado um cavaleiro bondoso. Agora, preparem uma choupana especial para o nosso convidado descansar, pois ele teve um dia intenso!

O rei não entendia muito o que Hamã falava, mas decidiu concordar com tudo, pois ficar ali junto daquele povo era bem melhor do que ficar perdido pela floresta.

Na manhã seguinte, a floresta amanheceu em festa com músicas, danças, muitas comidas e bastante alegria; todos ali estavam festejando, pois na floresta da felicidade ninguém vivia triste. Hedron acordou, foi servido das melhores refeições e recebeu muitas homenagens daquele povo; ficou lisonjeado com tudo aquilo. De repente, viu a jovem que o repreendeu assim que ele chegou ao reino. Aproximou-se dela a fim de resolver o mal-entendido, e falou:

— Desculpe-me por ontem, senhorita, eu estava exausto e me exaltei demais. Mas não precisava me humilhar daquela forma!

A moça respondeu:

— Aceito suas desculpas, rei, perdoe-me também, eu não permito que ninguém insulte meu povo, principalmente a meu pai!

Hedron levantou a cabeça, a jovem também. Os olhares dos dois se cruzaram e, naquele instante, veio um grande redemoinho do meio da floresta e os envolveu. O povo todo parou as danças e as músicas cessaram. Atentamente, os olhares voltaram-se para He-

dron e a jovem. O silêncio permaneceu ali por um tempo até que o mestre Hamã falou:

— É esse, meu povo, o cavaleiro prometido que viria a nós, a fim de nos fazer atravessar a floresta e povoar outros reinos, espalhando amor e felicidade a quem precisa. Todos bradaram de felicidade, exceto Hedron e a jovem que mantiveram suas expressões fixas um no outro até que a moça, desviando o olhar, fugiu envergonhada. E o redemoinho que os envolvia afastou-se para o meio da floresta.

Hedron ficou sem entender tudo aquilo, porém o povo o confortou, contando que, há muito tempo, esperavam os guardiões da floresta enviarem alguém que fosse capaz de quebrar os portais mágicos, tornando-os todos livres para viverem pelo mundo. E isso só seria possível se aparecesse um cavaleiro bondoso, corajoso, mas que tivesse o coração fechado para o amor.

Se o destino dele e de uma filha da floresta fosse unido pelos guardiões, eles seriam libertos para povoar outros reinos. E o redemoinho era justamente a confirmação de que eles seriam o casal a quebrar a magia do portal e a libertar para sempre o povo da floresta mágica.

O rei saiu confuso e foi tomar um ar para esvaziar sua mente de tantos problemas. Quando chegou à beira de um rio, ouviu um choro de uma mulher. Ao olhar cuidadosamente, percebeu que era aquela jovem que chorava sem parar. Hedron aproximou-se e disse:

— Por que você está chorando? Se for pelo que o seu povo falou sobre nós, não fique assim, isso não será possível, pois não nos amamos, como poderemos nos casar? A jovem levantou o olhar; limpou seu rosto e falou:

— Não choro de tristeza, e sim de felicidade, pois finalmente vou poder dar a liberdade que o meu povo sempre quis. Aqui nós sempre fomos felizes, mas não podíamos conhecer o mundo lá fora, sentir o que os outros sentem e isso será grandioso para nós. Os

guardiões da floresta nos avisaram há um tempo que nossa missão seria levar a felicidade a nações que precisassem de ajuda. E agora, finalmente, vai acontecer, isso se você permitir! — Falou a jovem soluçando.

Hedron estava olhando atentamente a jovem falar e perguntou-lhe:

— Como você se chama? — Ela respondeu:

— Sou Agatha, a filha única do mestre Hamã.

O rei Hedron continuou:

— Sou Hedron, o rei de um reino próximo à floresta. Eu também vivo em meio a um grande dilema. Meu reino vive debaixo de uma maldição: uma feiticeira se apaixonou por mim e como não correspondi, sofro até hoje as consequências. Vivo em um reino triste, lá as coisas são deprimentes, nunca mais tivemos um tempo bom! Agatha gritou rapidamente:

— Majestade, podemos nos ajudar, você precisa de alegria e nós temos que ser libertos dessa floresta e povoar os reinos para livrá-los das maldades do mundo. Eu preciso de você e você precisa de mim!

Hedron balançou a cabeça, suspirou e falou devagar:

— Só que não basta apenas o casamento, eu preciso ser amado de verdade para que a maldição seja quebrada.

Agatha, tremendo a voz, falou:

— Vamos tentar, quem sabe com ajuda dos deuses você passe a me amar, porque eu o amei desde o dia em que o vi dormindo na floresta. Aqueles cantos dos pássaros e os cheiros das flores eram os guardiões da nossa floresta, festejando o amor. Não sei explicar como isso aconteceu, mas é amor o que sinto por você.

Hedron ficou surpreso e sentiu, naquele momento, como se algo desprendesse do seu coração, que começou a bater saltitante em seu peito. Dos olhos dele foi como se saísse uma venda, que o pri-

vava de contemplar a beleza de Agatha. E agora ele via como ela era linda e se deu conta de que estava totalmente apaixonado. Os dois se abraçaram. Naquele momento, o reino de Hedron se libertou da maldição e, na floresta da felicidade, as barreiras mágicas caíram e o povo saiu saltitando e feliz, para conhecer o mundo que tinha lá fora.

Hedron e Agatha declararam para todo o povo da floresta da felicidade que iriam se casar. Todos ali já sabiam do grande amor entre os dois. E Hedron falou a todo o povo:

— Estou muito feliz em ter chegado até aqui, vocês foram minha salvação, principalmente minha amada Agatha! Fico feliz em poder ter ajudado vocês. Em comemoração a esta maravilhosa data, faremos dois casamentos. Um aqui e outro no meu reino, e vocês irão comigo para eu apresentá-los a todos do reino. O povo que nos tirou da aflição que estava sobre nós por tanto tempo!

E assim aconteceu, na floresta da felicidade, junto de todo o povo e com as bênçãos dos guardiões da floresta, Hedron e Agatha selaram o seu amor. Os pássaros e as flores decoraram a linda festa.

E logo depois, todos partiram para o reino de Hedron. Para a sua surpresa, o tempo havia parado desde o dia em que havia saído de lá. Ainda era a mesma tarde em que o rei havia deixado o reino; a diferença agora é que tudo havia voltado ao normal! O rei chorou de felicidade ao ver o reino alegre como era antes.

E, como prometido, Hedron casou-se novamente em seu reino e apresentou o povo da floresta da felicidade a todos do palácio.

Na festa, a feiticeira ngela retornou ao palácio arrependida, rogando o perdão do rei que, sem demora, a perdoou, pois ele estava feliz demais e no seu coração não havia espaço para nenhum outro sentimento, a não ser felicidade e o amor verdadeiro que sentia por sua esposa.

Para compensar o tempo que havia cessado as festas no reino, o rei decretou um mês inteiro de festas, com muitas músicas, comidas e bebidas e, a partir daquela data, todos ali viveram felizes para sempre.



# CONTO XV

## **O PASSEIO MARAVILHOSO**

*Maria de Fátima Ferreira Brito*

Era uma vez uma família de origem humilde. Típicos moradores de cidade urbana, estavam cansados do cotidiano e tiveram a ideia de acampar com um grupo de pessoas já conhecido na cidade por isso. De todas as pessoas no grupo, apenas os integrantes dessa pequena família eram inexperientes. Já haviam decidido que o local seria um campo aberto próximo a uma vasta floresta fechada e pouco visitada, apesar de os boatos dizerem que ela era muito bela em seu interior.

Em uma manhã de sábado, partiram. O trajeto foi feito de carro, mas a maior parte a pé até chegarem ao ponto indicado onde dormiriam. Chegaram ao local no fim da tarde, logo trataram de se acomodar, fazer fogueira, preparar tudo para a chegada da noite.

Quando todas as barracas estavam armadas e muitas pessoas distraídas, aquela família decidiu fazer uma caminhada e conhecer o local. Há tanto tempo não ficavam tão próximos da natureza, respirando o ar puro! Além do mais, estavam todos muito curiosos e assim foram, determinados a acabar com a curiosidade, afastando-se um pouco do grupo e indo em direção à entrada da floresta.

Adentraram a floresta Maria, a mãe; e seus três filhos, chamados Lincon, Daniele e Lília. À medida que caminhavam, iam ficando deslumbrados, tamanha era a beleza do que estavam vendo e sequer conseguiam descrever. Para cada canto que olhavam, existia uma natureza praticamente intocada. Vastos campos verdes,



plantas de espécies diversas e animais de todos os tipos. Tudo ia bem e parecia maravilhoso, mas, em determinado ponto, Lincon, o filho do meio, percebendo que haviam se distanciado muito do ponto de partida, disse:

– Será que não estamos perdidos? Olhem em volta, temos que tomar cuidado. Tudo é muito lindo, mas não conhecemos esse lugar!

Só após Lincon ter dito isso é que sua mãe, assim como suas irmãs, notou. Deixaram-se levar pela beleza do lugar e, por isso, não deram atenção para onde seus pés iam. Decidiram continuar caminhando, buscando o caminho de volta, mas, quanto mais andavam, mais tinham a sensação de estarem perdidos e o medo aumentava.

Ao cair da noite, barulhos estranhos ecoavam pela floresta, sons que eles nunca ouviram antes, de animais que certamente desconheciam. A única fonte de luz que tinham para iluminar o caminho para todos era uma lanterna. A mãe havia proibido que trouxessem celulares e apenas ela teve o cuidado de trazer uma lanterna. O tempo passava e a noite esfriava. Daniele logo sugeriu que fizessem, juntos, uma fogueira para aquecê-los do frio e, rapidamente, em conjunto, a fogueira estava feita. A pequena fumaça já se espalhava pelo ambiente devido à pequena chama inicial e isso era bom, pois afastava os insetos; além disso, eles tinham que se aquecer ou não aguentariam passar por aquela noite fria.

Enquanto todos dormiam, Maria ainda estava acordada para vigiar se algum animal perigoso se aproximaria. Ela estava preocupada com a segurança e o bem-estar dos filhos. Decidiu, então, conversar com a floresta, pedir humildemente que ela lhes mostrasse o caminho de volta e não permitisse que os animais os atacassem. A floresta é uma grande mãe e talvez ela ouvisse a súplica de uma outra mãe. Naquele instante, quando Maria abriu os olhos, viu que das faíscas da fogueira se formava a silhueta de uma mulher. Os filhos estavam tão cansados que não acordaram com o acontecido.

Aquela silhueta logo se transformou na aparência nítida de uma mulher, então a imagem ganhou voz e disse:

— Eu me chamo Nara, sou o fogo e calor da floresta. A floresta, nossa grande mãe, ouviu o coração aflito de uma outra mãe clamar, então ela me enviou aqui.

Maria, ainda encantada com o acontecido, não entendia exatamente o que era aquela aparição a sua frente, mas sentia que agora estavam salvos.

— Sim, eu e meus filhos nos distraímos e nos perdemos na floresta. Não conhecemos esse lugar. Nossos amigos estão perto daqui, acampando lá fora.

— Muitas pessoas se perdem aqui. — Respondeu Nara.

— Você vai nos ajudar? Por favor, nos ajude!

— A própria floresta me mandou aqui, então vocês são abençoados. Ela me mandou aqui para que o meu calor esquentasse vocês esta noite; não é fácil suportar o frio nesse lugar. O frio não é o único perigo aqui, é importante que tomem cuidado, apesar de toda a beleza. Pegue isso! Nara disse estendendo o braço e entregando alguns itens: um pequeno vidro com um líquido dourado dentro; uma espada; um colar; e um anel com uma bela pedra, que parecia ter a cor de fogo.

Nara logo explicou:

— Esse pequeno recipiente é para os momentos de mais forte cansaço, onde o fôlego seguinte parece não vir, apenas para momentos extremos. — Ela deixou claro. — Tome cuidado no seu caminho, Maria, esse lugar não é só de encantos! Assim como na sua terra, aqui também nem todos possuem um bom coração. Entregue para a pequena Lília! Tenho certeza de que suas pequeninas mãos guardarão com todo o cuidado necessário. A espada, entregue para o mais forte entre seus filhos, ele está preparado — disse enquanto voltava seus olhos para Lincon. — Este colar é para você, Maria! Sempre que precisar, converse comigo. Passe as suas mãos nele e

eu responderei, me chame e eu virei, porque estou aqui por vocês! E, por fim, o anel fica para Daniele, a justa. No momento adequado, saberão para que ele serve. Confie e o momento certo chegará.

Maria recebeu todos os objetos e ficou feliz, pois agora não se sentia desamparada e estava certa de que tudo se resolveria.

— Muito obrigada, gentil Nara! Não sei como agradecer! Mas o dia já amanhece agora e quero muito tirar os meus filhos daqui. Agradeça a grande Mãe por mim.

— Você terá a chance de agradecer a ela pessoalmente. — Nara sorriu e a chama gradualmente foi se apagando, até que não restasse nada além das últimas brasas, chamuscando com o calor suave.

Maria acordou seus filhos e todos partiram por um caminho que Nara, o calor da floresta, havia indicado como sendo o de volta. Enquanto ainda caminhavam devagar, porque estavam sonolentos, Maria explicava o que tinha acontecido e entregou a cada um o seu respectivo objeto, como foi instruída a fazer. Daniele, Lincon e Lília ficaram encantados e seguiram o caminho. Em determinado ponto, no galho de uma grande árvore ouviram uma voz oscilante que os cumprimentou. Era um corvo.

— Olá, caminhantes da floresta. Eu sou Magno, agora me digam... que tipo de bicho são vocês? Macacos sem pelo?

Magno era um bicho incomum, não conseguia ficar parado um instante. Ou os olhos moviam, ou a cabeça, ou as patas e era assim com todo o resto dele.

— Somos humanos, não macacos! — Respondeu Lília, mostrando a língua para o corvo Magno. — E corvos não falam!

— Todos os filhotes de humano são mal-educados como este que eu vejo?

— Tenha modos, Lília! — Daniele repreendeu a pequena. — Senhor Corvo, desculpe por isso! Estamos tentando sair da floresta, voltar para os nossos amigos.

— Não gostaram do lugar?

— Não, não é isso. Tudo aqui é lindo, mas não conhecemos nada aqui e temos medo.

— Você poderia nos ajudar? Poderia voar alto, sobre as nuvens, como os aviões, e nos dizer em qual direção devemos ir para encontrar nossos amigos. Eles estão acampando, você verá as barracas.

Magno respondeu:

— Claro que posso! — Respondeu Magno. — Estou indo lá e logo volto, filhote de macaco.

Todos riram da miúda.

O corvo, todos na floresta sabiam, havia sido criado desde filhote pelo velho Domo. Domo era um anão solitário e cheio de conhecimentos de magia, mas só tinha interesse em si mesmo. O corvo voou alto e, quando desceu, apontou o caminho do buraco onde Domo vivia.

— Eu vi os amigos de vocês a algumas horas de caminhada, naquela direção, e vocês chegam lá. Lembrem de aproveitar o caminho.

— Obrigada, corvo Magno. Não sabemos como lhe agradecer! — Lincon disse rapidamente. — Precisamos nos apressar, obrigada por tudo. Falou despedindo-se.

Magno sempre se sentiu inferior devido ao seu tamanho. Desde que uma bruxa que o detestava lançou um feitiço sobre ele, deixou-o pequenino e com aparência de ancião. Como um mago não pode fazer um feitiço em si mesmo, ele continuou assim. E o desejo de ter outra aparência só crescia dentro dele. O seu plano era conseguir um humano para que trocassem de forma. Não passavam muitos humanos pela floresta, porque já sabiam que pessoas adentravam ali e não voltavam, apenas os desavisados se arriscavam, e Domo não podia perder essa oportunidade. Quatro humanos de uma só vez, podia escolher o tamanho, a aparência e mais.

Após uma longa caminhada seguindo reto pela direção apontada pelo corvo, eles chegaram a uma espécie de oca e ficaram curiosos. Estavam tão cansados e famintos que decidiram bater na porta daquele lugar.

– TOC TOC TOC!

Em poucos minutos, apareceu Domo, o anão mago, com toda a sua forçada gentileza.

– Olá! – Disse sorrindo. – Há muito tempo não recebo visitas, o que querem?

– Desculpe incomodar – disse Lincon, – mas estamos caminhando há muito tempo e estamos com sede. Você poderia nos dar um pouco de água?

– Claro, entrem! Eu já passei muita sede nessa vida, não desejo a ninguém. O passado foi um tempo difícil.

Todos estavam já muito curiosos para ver como aquela casa era por dentro, agora estavam curiosos para ouvir Domo. Não houve grandes surpresas, quando viram a oca por dentro, era espaçosa, tinha poucos móveis e a iluminação não era muito boa. Sentaram-se todos à mesa, a convite de Domo, que logo apareceu com sopa de legumes, para matar a fome dos caminhantes, e água para saciar a sede.

– Você vive sozinho aqui? – Perguntou Lilia.

– Sim, há muito tempo. Nunca tive filhos e tampouco tinha jeito para casamento. Gosto da solidão desse lugar, mas, solidão demais adoce, então fico feliz de recebê-los, ainda que estejam perdidos.

– Saiba que somos muitos agradecidos! – Disse Maria sorrindo.

Nenhum integrante da família percebeu, mas, quando Domo serviu a comida, ele pôs sonífero para, assim, poder, calmamente, escolher qual daqueles corpos ele queria para ser o seu novo.

Sem saberem disso, deliciaram-se com o alimento que Domo trouxe. Estavam tão famintos que logo se empanturraram e dor-

miram ali mesmo. Lilia, a pequena, comeu apenas um pouco. Ela não gostava de legumes, mas estava com tanta fome que se forçou a comer um pouco que fosse. Passadas algumas horas, ela foi a primeira a despertar do sono. Quando acordou, olhou em volta e percebeu que estavam em uma espécie de caverna úmida. Ela não se mexeu muito para não despertar atenção, olhou devagar para o lado e viu que seus irmãos e sua mãe também estavam ali deitados. Tentou acordar Lincon que estava mais próximo, sussurrou seu nome, tocou seu corpo, mas ele não acordava. O seu primeiro pensamento foi que ele havia morrido, por isso, lembrou-se do que sua mãe tinha dito e, em meio ao nervosismo, depositou uma gota do líquido dourado nos lábios de seu irmão, na tentativa de que ele tivesse alguma reação, voltasse à vida.

Domo havia levado todos para uma caverna úmida onde ele podia escolher melhor qual dos corpos ele queria analisar. E, por fim, escolhera Lincon porque ele era homem, forte e jovem. Lilia não serviria porque era pequena demais; Fátima era velha demais e Daniele simplesmente era mulher. Para realizar o feitiço, Domo precisava primeiro matar Lincon, pois não queria que fosse um feitiço de troca de corpos, já que ele mesmo repudiava o próprio corpo, não gostaria que ninguém o habitasse. Então, ele matou Lincon.

Com o efeito do líquido dado por Lilia, Lincon levantou rápido e iniciou uma batalha com Domo, que não havia percebido o que acabara de acontecer.

O corvo estava lá e com um grito alto alertou Domo de que Lincon o atacaria. Iniciou a batalha. Fátima e Daniele finalmente acordaram devido ao grande barulho. Lincon capturou Domo com a ajuda de sua mãe e de suas irmãs, e deixaram Domo imóvel. O corvo logo voou, indo embora, fugindo com medo de ser pego. Fátima lembrou o que Nara havia dito.

Passando as mãos pelo colar, fechou os olhos e chamou Nara novamente, pois como o corvo os havia enganado por causa do caminho de volta, ela não sabia onde estavam agora, estavam perdidos.

Não sabiam para onde ir. Nara logo chegou, viu tudo o que havia acontecido e desculpou-se por Domo ser tão cruel e desagradável. Isso foi um erro deles, pois, há muito tempo, Domo já havia feito uma maldade imperdoável, mas como a floresta é uma grande mãe amorosa, ela decidiu perdoá-lo. Passaram-se muitos anos e ele não havia feito nada de ruim até aquele momento à floresta. A grande mãe decidiu então o novo futuro de Domo, uma punição adequada para terrível ato.

Uma voz suave ecoou como vento e chegou até os ouvidos de todos os presentes ali, dizendo:

“Como Domo odeia viver em seu pequeno corpo, ele será obrigado a viver com isso pelo resto da vida no mundo dos humanos. Obviamente, no mundo humano não há magia, assim se acostumará a não ter essas artimanhas.”

Nara então aparece para a família dizendo:

— Uma vez eu disse que no momento certo vocês descobririam para que serve o anel. É chegado o momento.

Nara, pois, pegou o colar das mãos de Maria e o pôs no chão, formando um círculo. No centro do colar, pôs o anel que havia dado a Daniele. Imediatamente, desses objetos começou a surgir um brilho ameno rumo ao céu.

Nara disse:

— Vocês querem voltar para casa? Esse é o caminho de volta.

Lília, com todo o seu atrevimento e sem papas na língua, imediatamente disse:

— Ora, se o anel nos levaria de volta para casa, por que você não nos deu antes?

— Porque a grande mãe tinha outros planos para vocês. Vocês precisavam passar por isso; ela sabia, desde o início, que Domo viria atrás de vocês, no entanto, juntos superaríamos isso e sairíamos mais fortes.

Não pensem que o castigo dado pela grande mãe ao Domo é um ato de crueldade. Ao contrário, Domo precisava ir ao mundo dos humanos para aprender a viver em seu próprio corpo, que é também a sua casa.

A grande mãe faz planos muitas vezes incompreendidos, mas com o intuito de sempre fazer seus filhos evoluírem.

Então, todos entram no portal e acordam na barraca como se tivessem acordados de um sonho. Houve um sereno leve lá fora, findando uma tempestade.

Quando decidem sair, seus colegas, nas outras barracas, estão começando a sair também e comentam como o temporal foi forte.

Maria e seus filhos ficam confusos.

— Temporal?

Então eles disseram:

— Temporal? E desde quando está chovendo?

— Há uns 30 minutos. — Respondeu uma voz na barraca ao lado.

— E onde estão todos os outros?

— Todos estão na barraca. Vocês sabem, nos refugiamos nas barracas quando iniciou a tempestade.

Maria e seus três filhos, ainda sem entenderem muito bem, se distanciam um pouco das pessoas, caminhando em silêncio em direção às grandes rochas, enquanto tentavam assimilar tudo.

— Será que tudo isso foi verdade? — Lília entreolha todos com o seu rostinho confuso e continua — Vocês sabem do que eu estou falando, não é?

— É claro que tudo foi verdade! — Diz Maria sorrindo. Veja, eu continuo com o colar. Lembrem-se do que Nara disse: sempre que eu precisar, posso chamá-la.





# CONTO XVI

## **O ANJO SEM ASAS**

*Maria Mariana Oliveira Santos*

Em um reino chamado Inis, no qual as nuvens eram brancas, as pedras apoiavam as pilastras enormes e os lindos suportes de ouro brilhavam ao sol resplandecente, moravam vários anjos. Esses anjos tinham lindas asas, que cresciam na maior idade; também conseguiam o poder de cura, que podia ser executado quando o sentimento no coração existia. Dentre todos os anjos, existia um especial, chamado Lian. Ele havia atingido a idade para que as asas crescessem, porém, misteriosamente, suas asas não apareciam, nem ele possuía poder de cura. Com esse ocorrido, todos os seres daquele reino começaram a perguntar por que Lian era o único anjo cujas asas não cresciam. Muitos perguntavam:

— Será que Lian é mesmo um anjo? O que Lian fez de tão ruim para não terem crescido suas asas?

Depois de vários anos com essas perguntas e dúvidas, os demais anjos começaram a tratar Lian com desdém, desprezo e, muitas vezes, riam dele, pois grande parte dos anjos tinha um alto ego e se achavam os seres divinos e capazes de quaisquer coisas, ficando só abaixo de Deus. Assim, eles tratavam Lian como inferior.

Um dia, ao andar entre os demais anjos, que já era humilhante demais para ele, o pequeno garoto havia topado em uma das pedras de ouro que sustentavam as nuvens e, sem querer, caiu; seus pés começaram a sangrar e todos ficaram risonhos com tal situação, já que ele não podia voar e, por isso, precisava andar sobre as espinhosas

pedras de ouro. Ele sentia muita inveja dos pássaros. Machucado e pensando que também não tinha poder de cura, viu seus pés sangrarem e sujarem todo o caminho.

Assim, muito frustrado, seguia pelo caminho das nuvens escuras. Incapaz de se sentir seguro, ele começou a entender que não deveria mais viver entre aqueles anjos e que se jogar do abismo seria a melhor escolha. Porém, uma linda alada aparece com suas asas esplêndidas, cores douradas nas pontas, mas ele percebeu que no meio daquela beleza, havia machucados pela pele. A alada aperta seu ombro, esboça um belo sorriso e a lágrima solitária do menino cai em suas mãos, e em seus olhos; suas pupilas brilhavam com a gota da lágrima salgada, que ardia conforme ela caía. A alada, vendo a situação triste do menino e notando quão grave seria se o pequeno garoto anjo se jogasse no abismo, perguntou com uma voz doce, a fim de tomar uma palavra do menino:

— Meu garoto, o que aconteceu com você? Onde estão suas asas?

Com essa pergunta, o jovem caiu mais ainda em lágrimas e logo respondeu embargado:

— Sinto que a cada pergunta feita sobre elas, uma pequena nuvem me derruba sobre o caos e ela nem sequer apareceu uma pontinha! Minhas asas não crescem e sou incapaz de voar mais alto!

A alada então responde:

— Talvez anjos sem asas não consigam voar tão longe. Comigo foi um pouco diferente, eu era uma linda alada que guerreava. Minhas asas nasceram logo após a maior idade e eu fui lutar com os dragões mais ferozes do campo. Naquele momento, fui ferida, entrelaçaram minhas asas e quase fui incapaz de voar. Meu corpo é machucado e eu tenho um fraco poder de cura — disse, fazendo magia nos pés do anjinho — e eu desejei as coisas, desejei que as coisas melhorassem e eu pudesse me recompor, as coisas que implorei foram de dentro do meu coração.

O anjo, ainda sem entender bem o que a alada quis dizer, já que ela era linda e possuía asas, mostra-se confuso; então ela diz:

— As nuvens fazem parte deste mundo e lá embaixo existe um mundo que os dragões habitam; os anjos mais fortes podem matá-los e, se forem capazes, podem fazê-los escapar sem sujar as mãos. Entenda as coisas com o coração e poderá ver um mundo puro. Se é seu sonho ter asas, deve fazer algo bom para conseguí-las, talvez.

O garoto passou as costas da mão em seus olhos negros, levantou-se e então fez mais uma pergunta à jovem alada:

— Os meus sonhos são tão poucos, eu não os entendo, mas, se... por acaso, começar a entender melhor as coisas, minhas asas poderão nascer?

A alada diz:

— Entenda as coisas com o coração da mesma forma que as deseja e, assim, quem sabe, poderá ter suas asas.

O garoto se levantou e foi de volta para a oca dos anjos. Ele deitou sua cabeça em uma nuvem alta e então pensou sobre como matar dragões, ter um sonho e acreditar nisso com o coração. Seus olhos ainda marejavam pelas lágrimas e outra gota caiu na nuvem, transformando-a em algodão dourado que o levantou, como um tapete voador.

Esse tapete guiou o pequeno até um lugar que ele desconhecia. Ele via certos anjos pequenos, sem asas, ainda em um estágio de preparo a voo feito pelo anjo alfa. O tapete não parou, mas planou e ficou ali, observando junto com o menino sem asas. Ele via todos felizes e se lembrou daquela época em que também estava ali; gostava de pular entre as nuvens, imaginando qual seria sua asa, qual a cor dela... também imaginava dragões com asas gigantes e cuspidores de fogo, gostava de pensar em como seria ser um herói que matava os dragões mais fortes e atualmente havia esquecido totalmente seu propósito de quando era menor.

Ele havia esquecido porque se preocupava em acompanhar os demais; esqueceu seus sonhos porque parecia que as coisas do agora

faziam algum sentido e perdeu a essência do que realmente era para ser alguém que queriam que ele fosse.

Ele pensava: “Os outros anjos já haviam passado dos estágios e todos eles já haviam cumprido uma tarefa difícil; alguns até tinham um poder da vida, não tendo voltado à magia da varinha de condão, mas eles criavam os elementos que saíam de suas asas, e de acordo com o objetivo, elas também ganhavam um poder. Quando ele observou tudo isso, logo desejou que pudesse ir a um lugar dito pela alada; lá poderia se tornar um grande herói, poderia treinar com espadas e se sentiria mais feliz por não ser julgado. Portanto, seria uma nova vida e teria que enfrentar novos obstáculos. Então, pediu ao tapete que o guiasse até o chefe angelical e lá poderia pedir permissão para a sua saída de Inis.

Ao chegar lá, pede sua permissão para entrar; logo é permitido e seus pés atravessam a porta mágica. Ele já começa questionando:

— Gostaria de poder ir ao outro lado das nuvens, você me permite? Então o angelical responde:

— Bem, você não foi o único anjo deste lugar que pediu para sair; alguns anjos saíram para batalha, alguns potentes e superiores, que passaram por treinamentos pesados; alguns nem sequer conseguiram passar por esse desafio. Lembro que você não passou pelo seu teste de batalha e, por motivos de proteção, não o deixarei sair, você não me parece capaz de ir até lá embaixo.

Muito insatisfeito com a situação, vai às nuvens baixas, fica cabisbaixo e olha para o tapete, lembrando das palavras que a alada disse a ele. Os seus olhos ficaram baixos, tristes e cristalizavam com a quase lágrima em seus olhos. Então conclui que, para conseguir o que deseja e encontrar suas respostas, precisaria desafiar as vontades alheias. Decidiu partir com o tapete que já havia sido ativado pelas suas lágrimas. Os anjos olhavam para os lados e para cima, já que suas asas elevavam os poderes que eles tinham, jamais olhando para baixo. Desse modo, os anjos guardiões jamais perceberiam sua fuga.

Inclinou seu tapete por baixo e pediu que o guiasse a um lugar bonito, para que fosse capaz de sobreviver à fuga.

Por outro lado, havia um lugar distante, chamado Limes, habitado por dragões, elfos e feiticeiras, onde não havia nuvens, nem pilstras de ouro que sustentavam o local, mas havia cavernas, cobalto, árvores com caules grossos e um caminho de fogo. Lá existia o chefe dos dragões, que possuía um aspecto diferente dos demais: grandes asas azuis; corpo também azulado; olhos verdes como pedras serafins e no fogo havia uma mistura entre as cores amarelo e vermelho. Era conhecido como rei dos dragões e todos os elfos e feiticeiras o obedeciam; nenhum dos guerreiros que já haviam descido lá conseguiram matar o dragão mais forte, eles acabaram sendo mortos por ele devido a sua grande chama.

O sem asas voou até longe e ficou maravilhado com a beleza das árvores. Ele havia chegado ao mundo certo, à floresta vasta e seus caules... Gostou das cores do chão, que possuía um mix como se fosse misturas de diamantes com água de cor escura. Os olhos dele brilhavam em ver algo distante daquilo que costumava ver, como a vasta imensidão da larva escorrendo como um rio. Mesmo sem saber o que aquilo significava, seu coração palpitou, porque ele sabia que todas as coisas daquele mundo pareciam uma magia real.

Naquele lugar, não havia anjos, mas ali avistava pequenas cabeças andando em fileiras; algumas tinham grandes orelhas pontudas que ele conseguia avistar um pouco do alto; via o cesto de coisas, como frutas azuis e o som de algo bonito que emergia como um piano. Mesmo assim, aquele pequeno anjo sem asas mal sabia que, naquele bom lugar, havia seus males e que o bem se restaurava entre os menores.

Ali ele andava em busca de alguma informação. Parou em frente a uma cabana, de cor marrom e sustentada por alguns feixes de madeira. Como bom garoto, bateu à porta disposto a ver quem estava em casa. Uma brecha se abre e ele vê um pequeno olho branco, mãos pequenas e pés brancos demais, como se não houvesse uma

gota de sangue. O outro, por trás da porta, vendo aquele ser humanizado em frente da sua casa, ficou assustado e ainda assim falou:

– Quem deseja?

O anjo então responde:

– Acabo de chegar em sua cidadela, gostaria de saber qual o nome deste lugar e onde poderia encontrar um pouco de água e comida.

O pequeno ser, mesmo com medo, abre um pouco mais a porta. Vendo o tamanho do anjo em sua frente ele se exalta, mas logo reconhece pelas características, que aquele ser só podia ter vindo das nuvens; ele já havia escutado sobre anjos, sobre como esses seres podem decidir sair de seu local. Era uma lenda antiga em que os anjos batalhavam contra os dragões.

– Deixo que entre, mas, por favor, caso alguém apareça, deve se esconder imediatamente.

– Tudo bem, agradeço a sua pequena acolhida, mas por que devo me esconder?

Então o jovem responde:

– Reza uma lenda que seres como você devem ser banidos de nosso lugar, vocês podem matar dragões e nosso rei jamais gostaria de vê-lo aqui, seria capaz de trazer o bem de novo a este lugar.

– O bem? – Perguntou o anjo. – Mas este lugar parece tão belo e calmo, vocês vivem bem por aqui, vi muitos orelhudos andando pela estrada.

– Eles são escravos do dragão, jamais podem desobedecer. Eu estou em casa agora porque precisei colher os meus frutos, porém há muito tempo Limes é governado pelo dragão Forte; ele nunca foi morto em nenhuma batalha e muitos anjos já vieram enfrentá-lo, até alados pentecostais, um unicórnio e seu guerreiro, que decidiu se meter nessa. Todos acabaram queimados pela sua chama. Vivemos aqui porque não temos como voar mais longe, alguns reinos são distantes. Fale-me, como veio parar aqui? Você é mesmo um anjo?



O anjo então explica:

– Pedi para meu tapete mágico parar aqui, gostaria de poder conhecer os dragões que mencionaram em minha terra. Como vê, sou um anjo, mas não tenho asas, não consigo mais fazer nada, meus pés sangraram e eu quase pulei do abismo. Então pedi ao meu senhor para sair de lá por um momento e tentar encontrar o meu destino e quem sabe poder reconhecer as coisas com o coração.

– Reconhecer as coisas com o coração?

– Sim, uma alada me questionou sobre minhas asas; eu estava pulando do abismo quando a encontrei; havia asas bonitas que cobriam o seu corpo e ela me disse que eu preciso encontrar o porquê de não ter asas, mas, para isso, eu preciso ver as coisas com o coração.

– Acho que entendo o que diz, meu jovem anjo, vou preparar um chá e logo terei que levar minha colheita.

O elfo prepara o chá com ervas secas e entrega ao anjo, que bebe, saciando sua sede. A partir dali ele gostaria de explorar os campos, mas, para isso, ninguém poderia reconhecer suas características.

– Gostaria de andar por aí, conhecer seu lugar – disse o anjo.

– Você pode ser pego pelos guardas do dragão.

– Não existe nenhuma forma de disfarçar um pouco meu aspecto? Pelo menos por esses momentos?

O elfo pensou um pouco com sua mãozinha minúscula no queixo e lembrou-se dos pós de prata que escondeu no baú e que esses tinham o poder mágico, mas havia tempo que ele não usava, já que não podia fazer magias em outros escravos do dragão.

– Tenho uma ideia: usarei meus artifícios de pequeno elfo e transformarei você em um, mas, preste atenção, jamais deverá ser notado e deve agir como um dos escravos! Nós andamos por toda a mata, assim poderá conhecer tudo! Essa magia só será quebrada quando terminar os seus dias aqui neste lugar.

Assim, o pequeno segue o seu amigo por todo o caminho como um escravo comum e ele precisaria saber bem o que fazer; havia algumas pedras por todo o percurso e ele não poderia cair topando em nenhuma delas. Os outros elfos estavam acostumados com os relevos que havia por todo o caminho a seguir. Nenhum deles tinham o direito de se distrair durante o percurso.

O dragão, no outro lado da floresta, estava farto, gordo e vivia do bem e bom. Todas as colheitas faziam parte de sua mesa e o seu fogo se fortalecia com a mistura de comidas e poções mágicas feitas pelos elfos mais fortes, os quais mantinha em seu poder dentro de seu local. O anjo ainda nem havia chegado na metade do caminho e estava muito cansado, já que nunca havia feito trabalhos braçais. Carregava cebolas verdes colhida no quintal do elfo.

Ele pensava a todo instante como aquele povo se deixava guiar pelas forças maiores do dragão; os elfos eram mágicos, podiam fazer muitas coisas, magias, colheitas e cuidavam bem dos animais; eles estavam tristes, desde que o dragão assumiu o poder e tinham se submetido a tais serviços. Os mares eram longe dali e nos rios mais próximos eles podiam fazer uma colheita de arroz próximo dele. O anjo se perguntava como chegava a ser tão absurdo o nível de escravidão! Suavam e ficavam cansados no meio do caminho ao ponto de perderem a magia.

Mais da metade do caminho e eles logo chegariam ao destino; estaria frente a frente com o dragão e suas mãos e seus pés também gelavam. Ele se concentrava para não cair e seu disfarce tinha que se manter até o fim de sua jornada, mas ele estava com medo.

Ali, próximo do dragão, Lian podia ver todo o seu poder. Ele possuía mesmo uma cor que parecia pantanosa, mas brilhava como diamante; ele cuspiu um fogo avassalador como se o cobalto da terra se misturasse; tinha uma voz grossa e rouca por conta do seu poderoso fogo, e todos os súditos se ajoelhavam para que pudessem mostrar respeito.

O dragão então disse:

— Vejo que esta colheita rendeu bons frutos; gostaria de saber o que cada um de meus escravos trouxe para privilegiar a beleza de nossa cidadela.

O primeiro elfo mostrou os rabanetes, o segundo mostrou as cebolas rochas, o terceiro apresentou a magia que transformava alguns legumes em comidas, e o elfo, amigo do anjo, trouxe algumas alfaces; na vez do anjo, ele mostrou as cebolas verdes enormes.

O dragão fez uma cara de dúvida, e logo falou:

— Sinto que temos uma nova companhia.

O elfo bateu seu ombro no anjinho, dando um sinal de que ele não saísse do lugar, o dragão só perceberia pelo cheiro, mas ele também havia disfarçado com magia, o anjinho disse:

— Senhor, eu estava colhendo algumas cebolas, não apareci de longa data porque também precisei cultivá-las.

O dragão esboçou uma careta, mas vendo a quantidade boa de cebolas verdes para sua pele, logo ficou feliz e pediu que o anjinho buscasse mais dessas cebolas.

O anjo responde:

— Logo terá mais cebolas.

Mas, ainda assim, Lian ficou irritado, odiava que as pessoas mandassem nele, já que no seu reino não havia isso, todos se ajudavam, exceto pela sua diferença de asas.

Foi nesse momento que ele percebeu que estava realmente ali por um propósito. Ao ver o povo sendo destruído pelo cansaço e ao saber que os elfos desobedientes morriam queimados na fogueira do dragão e, além disso, sempre precisavam servi-lo, até durante o inverno, compreendeu o seu papel. Dessa forma, ele entendeu que precisava conquistar algo grandioso demais, importante para todos e para ele.

Assim o fez. Como o mestre dragão havia pedido, ajudou seu amigo elfo, plantou algumas folhas e cebolas verdes e esperou que algumas germinassem. Lian não fazia magia, mas quando as pequenas mudas

ganhassem um pequeno tamanho, o seu amigo ajudaria no próximo passo para colher. Obedecer ao dragão era importante para que um dia pudesse sair dali a salvo.

No primeiro dia, ele pôde levar as coisas que o dragão pediu de antemão; no segundo, as cebolas nasciam com fiapos e, mesmo assim, levou-as; o dragão ficou um pouco relutante e aceitou; no terceiro dia, o menino anjo já havia perdido a colheita, porque a magia do elfo já estava ficando fraca; ele ainda levou algumas coisas que tinha pela casa e o dragão aceitou, ainda assim; mas agora já estava perto do inverno e a colheita também começara a ficar fraca.

Passaram-se dois dias e já estava a nevar. O dragão não podia se conformar com aquilo, mas seus escravos não podiam parar no inverno, a colheita tinha que durar todo o inverno. Os membros da magia também tinham seu poder enfraquecido, portanto, eles tinham que permanecer explorando até o que não existia neles. No entanto, o menino anjo já estava revoltado com a situação.

Lian decide que pode ajudar a derrotar o dragão. Achou um livro de escritura antiga, onde estava escrito que só um anjo seria capaz de matar o dragão. Para isso acontecer, deveria atacar com as penas de asas. Só o anjo mais celestial tinha asas, e ele, coitado, não tinha sequer uma.

Nesse momento, ele entendeu o que a Alada quis dizer: suas asas precisavam aparecer, mas ele precisava entender as coisas com o coração; teria que ir à caça de coisas que pudesse amar, sem precisar sentir mais nada.

Ele não sabia como fazer tal coisa, seu coração tão ferido pelos outros anjos jamais seria capaz de amar. Assim, ele foi em direção ao rio, a fim de caminhar. Seus olhos então pousaram no reflexo, ele via sua pele de elfo que parecia vermelha de sol, mas seus cabelos permaneciam grandes, ele havia crescido. Já havia passado um verão inteiro e o inverno agora estava começando; ele não podia estar ali, todos os escravos estavam trabalhando enquanto isso. No entanto, teria de conseguir algumas ervas para o dragão. Percebeu, pois, que

havia algo em si: dentre todos os anjos, ele era o único que possuía características únicas, de olhos escuros, cabelos também com um tom castanho escuro. Percebeu que em sua vida todas as suas coisas eram só dele e isso o fazia especial, embora sem asas, mesmo com todos os defeitos, ele era alguém especial, para ele e para seus amigos elfos.

Passaram-se dias e o anjo sem asas trabalhava arduamente, até que um dia, andando pela colina, encontra uma pena; ela era branca como as de pato, e ele achou interessante, guardou-a em seu bolso. Mais tarde, teria de encontrar o dragão e então poderia entregar o resto da colheita.

Ao chegar mais perto, ele se ajoelha e serve o dono de tudo. O dragão percebe algo de estranho e diz:

— Sinto cheiro de algo divino.

Um dos elfos responde:

— São os rabanetes, senhor? Gostaria de mais?

Outro elfo responde:

— São as sopas de orelhas, senhor?

Ele então fica bravo:

— Vocês zombam de mim! Isso é cheiro de algo ruim, algo ruim para nossa comunidade, nós não somos divinos, somos deuses melhores que isso!

Os elfos então concordam em coro, mas, no coração deles, nada daquilo é verdade. O anjo, sabendo que talvez o cheiro pudesse ser dele, ficou quieto e obedeceu aos comandos.

Dias passaram desde esse episódio. Um dia, um dos elfos havia sido empalado pelas unhas do dragão, porque não trouxera o que ele pedira. Foi naquele momento que Lian se revoltou. Andou pelos caminhos escuros da floresta, procurou algo forte o bastante para ser capaz, encontrou algumas pedras e sentiu seu coração doer, porque um de seus companheiros havia partido. Torcia para que nunca fos-

se descoberto, queria poder libertar todos e não sairia dali sem fazer algo de importante para aquele povo.

Andou e andou pela mata em busca de coisas para que pudesse montar uma espada, mas se lembrou do tapete e da Alada novamente, e pediu com toda sua força da mente.

– Por favor, Deus dos céus, me mande forças para lutar a favor de meus amigos, me ajude!

Naquele momento, surgiu uma visão. Essa visão tinha forma de espírito, com folhas que cobriam em formato de corpo. O ser disse:

– Eu concedo o que pede, faça o que puder para libertar seu povo, mas não esqueça que deverá se libertar também depois que terminar.

Dessa forma, uma espada de ouro surgiu em suas mãos como uma espécie de magia. Todo sem jeito, mal sabia manusear e seguiu rumo à casa do seu amigo elfo. Não contou o que havia acontecido, mas contou que tinha algo lindo para todos.

Na manhã seguinte, ele se levantou eufórico, tomou café, colheu as plantas e andou em fileira com os demais. Esperou a noite chegar para ver a espada novamente e, vendo que ela estava intacta, começou um treino rápido, com golpes entre as folhas e o ar. Passando uma semana e se sentindo pronto, ele segue a rotina como de costume, porém, quando a noite cai, ele vê que é nessa hora que a lua irá protegê-lo também.

Lian pega a espada e parte rumo ao lugar do dragão. Quando chega ao local, percebe que alguns elfos pegavam comidas por baixo da mesa; também vê algumas elfas fazendo magia, quase dormindo, embora fosse inverno. A grande lua se forma, mas a neve treme com a pele dos elfos. O anjo, chegando mais próximo, não vê uma taça no chão e topa, acordando o dragão e alguns de seus soldados, que dormiam escondidos.

Ele diz:

– Quem está aí?

O elfo responde:

– Senhor, alguém veio deixar algo para você.

– A essa hora? – Ele pergunta.

– Sim, há tantas horas para serem deixadas as coisas.

Então o anjo caminha, rumo ao dragão, que muito curioso ainda estica o rosto. Naquele momento, o anjo treme. Ele precisa agir com o coração, proteger seus amigos do mal...

Ao chegar próximo do dragão, ele diz:

– Meu senhor, trouxe algo para você, portanto, devo pedir algo em troca.

O dragão, curioso, pergunta:

– Quem você acha que é para fazer trocas?

– Não sou nada, meu senhor, mas estou aqui para revolucionar e salvar seu povo que você tanto ama.

Ele fala em tom de deboche. Nesse momento, os elfos, assustados, perguntam como o pequeno garoto tem audácia de falar daquela forma com o cuspidor de fogo.

– Eu já estou curioso com sua aposta pequeno, mas...UHHHH – o dragão solta seu jato de fogo em direção ao falso elfo.

Nesse momento, o anjo dá um salto e foge, tentando não pegar as chamadas para si.

– Você sabe com quem está falando, seu elfo? – Ele joga mais uma larva.

O anjo, desesperado de medo, foge e sobe a montanha. Lá ele consegue avistar o dragão. Os outros elfos, entendendo o quão grave é a situação, correm em disparada atrás do pequeno garoto, que podia se machucar por entre as montanhas. Todos eles se reuniram, tentando manter a magia para que o dragão não ficasse mais bravo. Nesse mo-

mento, a magia se quebra, todos os elfos não aguentaram a distância que ainda tinham de percorrer.

O dragão, furioso, cospe uma rajada de fogo que ainda queima uma parte verde da floresta, transformando-a em uma larva ardente. Os olhos dos elfos ficam vermelhos, e o pequeno anjo ainda tenta subir a montanha com medo.

Nesse momento, ele lembrou da pena que levava em seu bolso; ele podia entender o que aquela pena significava, ela poderia ser uma pequena mágica, ela que transformou a pequena faca em espada, assim, ele compreendeu, era a asa perdida de anjo alado.

O anjo também lembrou de que a arma mais preciosa vinha do coração. Seus olhos estavam carregados pelo reflexo das lavas em meio à floresta. Os elfos ainda corriam em disparada, uns com medo do fogo e outros com medo do som, pois, orelhas de elfos eram grandes e isso as tornavam sensíveis. A guerra havia começado apenas por uma desobediência; as leis impostas pelo dragão eram mesmo severas capazes de destruir o seu próprio povo, ele então grita:

— Desobedecer-me foi a pior coisa que vocês pensaram em fazer durante anos de meu reinado, eu avisei e agora a guerra está iniciada!

Todos os elfos correram em direção oposta, buscando um abrigo mais satisfatório; era necessário se proteger. Nesse momento, o elfo ajudante tentou ajudar o seu amigo disfarçado: puxou-o pelo braço para tentar fugir rumo às montanhas mais afastadas da cidade, mesmo incapaz ainda de segurar uma magia, pois ele estava fraco. O amigo havia visto seu pequeno bracinho machucado, algumas partes de larva haviam conseguido grudar em sua pele; seus nervos estavam aparecendo levemente, e ele começou a sentir uma leve fraqueza, isso o fazia perder um pouco a magia, que também era responsável pelo disfarce do anjo.

Esse enfraquecimento fez com que o anjo perdesse as orelhas de elfo, ficando levemente menos pontuda, e os olhos diminuíram, já que os elfos possuíam olhos grandes. A cor da pele ganharia o aspecto angelical de antes, não totalmente branca, e sim a cor do céu que



iluminava com o aspecto moreno e seus olhos voltariam a ter o preto mais puro; ele viraria um anjo novamente, sem asas, não seria mais um elfo, capaz de ajudar seus amigos. Isso também era um sinal de que a jornada estava acabando e de que ele precisaria fazer o máximo para que seus amigos fossem salvos.

Portanto, um espírito da floresta sussurrou em seu ouvido, baixinho como um vento de verão. Sabia que era um sinal para que ele pudesse proteger quem quer que fosse.

Ele se lembrou da sua pena e de seu propósito como anjo sem asas. Queria uma asa, queria poder viver normalmente, mas ele não sairia sem salvar quem tanto o ajudou.

— Eu preciso salvar meus amigos, preciso entender que isso é viver e entender as coisas com o coração! A proteção de algo que amamos é a maior chave para a liberdade!

Ele compreendeu! Ele também se protegia, estava com medo de morrer, algo que antes ele não seria capaz de sentir, já que quase se jogou do abismo. Lian queria ser salvo e salvar seus amigos! Pegou sua pena e imaginou que deveria ter asas daquela cor, mas como não podia, apenas sentiu as forças que provinham de si.

O dragão dizia:

— Como tem coragem? Você não era o elfo que ficava me trazendo as cebolas verdes? Por que estou achando diferente? Algo mudou em você!

O grande dragão analisou bem todos os aspectos do anjinho, até que percebeu que aquele não fazia parte de seus escravos, não havia orelhas pontudas, nem olhos grandes, as mãos eram minúsculas e torneadas, jamais poderia ser um elfo!

O dragão, furioso por ter sido enganado, lançou contra ele uma chama, que fez o anjo se machucar fortemente. Ele recuou um pouco e sua espada permaneceu viva, seus olhos lacrimejavam por conta do teor químico da larva, mas seu coração pedia freneticamente uma luz capaz de derrotar o dragão.

Nesse instante, algo brilha em seu bolso e a espada, que antes tinha na mão, cresceu um pouco mais, tomando cores luminosas em tom azul; o cabo ficou fino e pontudo como se fosse uma espada de diamante e ele lembrou também que os desejos precisavam ser realizados com o coração.

Ele foi para cima novamente, apontou a espada para o dragão e disse:

— Aqui morrerei pelo seu povo se não conseguir derrotá-lo, mas saiba, seu coração impuro não estará nos céus!

O dragão, furioso com a situação, exclamou:

— Morrerá na luta e eu viverei mais uma vez para governar minha legião!

O elfo pediu que a luz guiasse seu destino e que os elfos fossem capazes de ser livres; ele pediu e a luz em seu bolso o ajudou. O dragão, pois, viu a luz e muito bravo começou a rugir. O anjo muito perplexo subiu nele, podendo enfiar a espada, mas o enorme resistiu e o fez cair no chão de lavas mortas.

O anjo ainda mais bravo se levanta novamente, consegue subir nas costas do dragão. A espada com seu brilho incomum começa a brilhar sob o sol; esse brilho começou a queimar a pele áspera do dragão, que logo urgiu de raiva e desânimo. Os metais da espada começaram a enfraquecer seu corpo e, nessa hora, o anjo não conseguiu sequer enfiar a espada nele.

Então ele gritou:

— Eu não estou nesta terra por acaso, seus elfos são escravos e eu também os segui por quase um ano! Não tive dias bons e essa é sua recompensa por ter sido mau. Assim, a espada continua a queimar a pele dele que, ao invés de verde, começa a ficar avermelhada.

O dragão já um pouco cansado diz:

— Estou queimando, mandem magia! — Grita para os elfos.

Os pobres elfos apenas tentaram, com medo ainda do que podia acontecer, mas qualquer uma delas parecia falha perante o poder dos brilhos. A pena no bolso do anjo ganhara um tom alaranjando como o sol do meio-dia, tornando-o ainda mais brilhoso e potente.

Ele então grita:

— Sabes, não serei capaz de derramar uma gota de sangue teu no chão de tua terra, mas quero que saibas que onde andar vai carregar o peso de não ser amado de verdade pelos seus súditos!

O dragão agonizava de dor, o que o fez correr para longe porque suas caldas enormes ainda tinham sido despedaçadas pelas queimaduras.

Os elfos saíram gritando para o pequeno, que ainda brilhava com esplendor:

— Oh, meu salvador, oh meu salvador!

O seu amigo ainda sentia dor, mas o brilho, quando chegou perto dele, logo cuidou das queimaduras de lavas, salvando-o do pior.

Dias depois, a terra já tinha outro brilho. O anjo recebia milhões de presentes que aceitava com esmero, e seus olhos ainda tinham o brilho do amor e paixão para com os amigos. Os vales ganhavam novas cores, as águas pareciam sussurrar lindamente o som da queda na pedra, e os pássaros cantavam novamente, tudo parecia belo!

Depois de muitos dias no mesmo lugar, o anjo volta para o rio, olha novamente o reflexo e então percebe que algo de bonito havia nele: sua pele parecia iluminada, e seus olhos pareciam felizes. Ele se lembrou da alada e do que o levou até ali; entendeu sobre todas as coisas e como poderia amar a si mesmo, aos outros e poder libertar-se de suas amarras apenas sendo ele mesmo. Ainda andava com sua pena e com ela pediu paz para o povo, agradeceu pelo seu coração curado e pela natureza ao seu redor. Contudo, foi nesse momento que aconteceu a magia verdadeira: o brilho tomou conta de seu corpo, o fez entrar em outro mundo, mais longe, mais alto! Ele subiu e, depois que o brilho acabou, voltou para a terra, olhou novamente para a água e lá estava.

Ele sai gritando para os amigos:

– Vejam, vejam, eu consegui entender as coisas com o coração!

Os elfos saem de suas casas e avistam a coisa mais bela do mundo. Pares de asas com todas as cores, mas predominantemente branca.

O anjo voava em busca do alto e conseguia manobrar de forma linda! Suas asas haviam nascido e ele era o ser mais feliz do mundo! Sentia as asas e o amor por voar longe. Lembrou que queria voltar para casa, mas que voltaria para os elfos um dia. Ele seria capaz!

Foi assim que, em um belo dia, Lian decidiu que era hora de partir novamente e disse:

– Meu caro amigo, preciso ir hoje, mas voltarei! Você ficará com a pena mágica, pedirá tudo que desejar e um dia eu voltarei.

Agora ele se sentia feliz, sabia que o dever estava cumprido por ali e que seu coração pedia que fosse até seus antigos companheiros; ele havia fugido e não sabia como se encontrava o reino. Partiu. Ainda caiu um pouco, mas conseguiu subir até as nuvens, no céu límpido e azul. Até que chegou ao seu grande lar e as nuvens brancas ganhavam espaço, as pilastras ainda estavam lá junto das pedras de ouro também; agora sentia em seus pés, o vento, e disse:

– Eu voltei, estou aqui, vejam!

Todos saem das ocas eufóricos com as palavras altas e se assustam ao ver quem era. Eles sentiram falta!

Os anjos, no dia de seu sumiço, procuravam-no por toda parte, mas não conseguiam encontrar. O superior ficou muito preocupado. Passaram-se dias e eles decidiram parar de procurar, diziam que o filho iria retornar, um dia, quando estivesse pronto.

Todos admiraram suas asas, que eram lindas, únicas, de um grande guerreiro, então disseram:

– Suas asas são enormes, diferentes da nossa!

— Oh, mas esse dom eu apenas ganhei, estava junto dos elfos, con-segui mandar o dragão ir embora, mas não o matei!

Os anjos ficaram surpresos com a audácia do pequeno anjo. Assim o senhor, chefe dos anjos, o chamou para próximo e disse:

— Essas asas são de anjos alados, só anjos fortes podem tê-las! Você foi corajoso e perspicaz; você fugiu, mas não cometeu o mal, e eu não preciso perdoá-lo; você fez o que estava em seu coração!

O anjo, muito feliz, agora estava liberto, precisava apenas encontrar a sua maior guia. Ele seguiu no abismo, esperou e pediu que ela viesse, ela não veio.

No outro dia, ele foi, esperou e ela não veio.

Passaram-se mais dois dias e ele nem sequer tentou esperar, ficou passeando pelas ocas, até que a avistou, com suas asas serenas, com uma beleza incomparável, era ela!

— Oi! — gritou bem alto.

Ela o olha, desconhecendo, mesmo assim chega um pouco mais próximo.

— Oi. Diga-me, quem é?

— Não se lembra de mim? Sou eu, o anjo sem asas.

Ela então voa um pouco mais rápido para encontrá-lo e diz:

— Agora é com asas! Que beleza formidável! Asas de guerreiro e espadachim dos seus sonhos, que incrível!

— Esperei você por dias! Gostaria de poder agradecer o conselho! Agora eu sei entender e ver as coisas com o coração; passei alguns dias ruins, mas, antes mesmo de ter asas eu me ameí por ser quem sou, agora estou livre de tudo e estou sendo guiado por meu coração em todas as escolhas!

Ela diz:

— Isso mesmo, meu querido anjo! Seu coração lindo, puro e simples está sendo guiado! Espero que seja feliz e não se machuque mais, busque se compreender e não se importe com os males, enfrente-os!

O anjo sorri e voa, abraça a alada com seu par de asas que se fundem com as dela; um brilho intenso aparece no céu e eles choram de felicidade por estarem juntos. O coração puro é aquele que consegue guiar as coisas boas e vence o mal com bondade.



# CONTO XVII

## UM CONTO PERDIDO

*Maria Nayane da Silva Arruda*



Vivia em um pequeno vilarejo chamado “Lampião” uma jovem chamada Ana, sonhadora, de cabelos longos, cor de mel, olhos castanhos e bochechas rosadas. Seu pai a criou, até certo tempo sozinho, pois ele conheceu Joana, uma mulher calma, doce, com quem passou a viver e a dividir dias, alegrias, segredos e preocupações, com quem também podia contar em todos esses momentos. Ana nunca havia conhecido sua mãe biológica, já que ela a abandonou quando ainda era criança, deixando, assim, o pai com a responsabilidade de criá-la. Seu pai não falava muito sobre o assunto, e ela também não se importava muito já que se sentia feliz com a família que tinha. Sua madrasta era ótima, seu pai a amava incondicionalmente e era apenas isso que importava.

Seu Antônio, pai da menina, era trabalhador e, com o pouco que ganhava, dava seu jeito para não faltar nada em casa. Mas para fazê-las felizes e dar o melhor a elas, ele não media esforços. A madrasta, Joana, cuidava dos afazeres de casa e assim eles seguiam.

O tempo passou e Ana estava prestes a completar seus 16 anos. Seu pai começou a temer que, ao ficar mais velha, a filha passasse a se questionar sobre sua mãe biológica; não que ela não gostasse de Joana, mas o pai sabia que esse momento iria chegar algum dia. Foi na noite em que se comemorava seus anos que Ana se perguntou o porquê de sua mãe tê-la abandonado. O que teria ocorrido de tão ruim que sua mãe a teria deixado? Essas perguntas passaram, rapidamente, a rondar a mente de Ana. Porém, ela nunca tinha atentado sobre

esse assunto, por que essa falta logo agora? A jovem menina não se privou desses questionamentos e foi conversar com seu pai, para ver se conseguiria entender tudo aquilo que estava se passando em sua cabeça.

Seu pai, tentando protegê-la da verdade, passou a lhe dizer que aquilo não passava de crise dos 16 anos, que é quando os hormônios das jovens ficam mais à flor da pele; que aquela sensação iria passar, que não era necessária mais aquela conversa e que era para ela esquecer aquele assunto.

A jovem, insatisfeita com o retorno do pai, foi dormir, mas ainda sem entender muito do seu destino. Caiu no sono e, em um de seus sonhos, viu a imagem de um pássaro que trazia uma carta na qual estava escrito:

“Você está mais perto de me conhecer, a hora chegou!”

A menina acordou assustada, pois nada tinha entendido daquele sonho. Foi contar para o pai, mas ele disse que havia sido apenas um sonho e não tinha por que ter um significado. Já sua madrastra retrucou a opinião do pai e disse:

— Dê muita atenção aos sonhos, eles sempre têm algum significado!

Então, resolveu seguir e deixar aquele sonho estranho de lado; foi até a biblioteca para distrair a mente. Em meio àquelas inúmeras prateleiras, se perdia por horas e horas e percebeu que já estava na hora de voltar para casa. No caminho de volta, encontrou um pequeno pássaro e do bico dele começou a sair um som que muito lhe parecia alguém falando; ele dizia assim:

— Ana, vá até a Floresta das Rosas! Ana, vá até a floresta das rosas!

Mas Ana, assustada com aquele pássaro falando, correu em disparada para casa. Chegando lá, a menina se trancou em seu quarto e começou a pensar em tudo que estava acontecendo ao seu redor. Então, sua madrastra, que a viu entrar em casa com tamanho desespero, foi até seu quarto para conversar com ela. Chegando lá, encontrou Ana assustada. Sentou-se ao pé da cama e perguntou à menina por

que tamanho alvoroço. Ana falou que, se contasse o que havia acontecido com ela, a madrasta acharia que ela estava ficando louca. Joana era muito boa ouvinte também, e disse para a menina que confiasse nela e que, em momento algum, iria duvidar dela. Em certo momento, quando Ana finalmente se acalmou, começou a contar tudo que havia vivido a sua madrasta. Ao final do relato de Ana, a mulher deu um sorrisinho de canto e disse:

— Finalmente, ela quer ver você! — Disse a mulher.

— Mas, como assim? — Ana ficou sem entender nada.

— Isso mesmo! — Disse Joana. — Estava mais do que na hora de ela vir ver você, já faz 16 anos desde que ela partiu!

Ana, ainda sem entender, ficou se questionando o que estava acontecendo ali.

— Como assim? Explique-me o que está acontecendo, Joana!

Então, Joana, com toda paciência e voz doce, foi explicar a situação à menina.

— É o seguinte — disse ela, — sua mãe, de quem seu pai nunca fala, mora na Floresta das Rosas. Ela é uma ninfa que defende o local; é a rainha de lá e quando ela lhe teve, não podia ficar com você, pois é proibido que ninfas mantenham contato com humanos. Sua mãe conheceu seu pai por acaso, quando os dois eram bem jovens. Eles se apaixonaram e tiveram você, porém ela não pôde ficar com vocês, pois o pai dela, o rei, não permitiria que ela fizesse parte do mundo humano. Quando ela partiu, deixou-me encarregada de cuidar de você e de seu pai, e assim eu tenho feito até hoje. Agora é minha missão levar você até ela, para que vocês se conheçam, e esta é a hora de você assumir seu lugar no trono do reino das ninfas.

Aquilo deixou Ana sem palavras. Ela ainda não acreditava em tudo que aconteceu até então, porém confiava na madrasta.

Ao amanhecer do dia seguinte, Ana, seu pai e Joana saíram em direção à Floresta das Rosas. Caminharam por horas em meio à flores-

ta, quando, em um dado lugar, Joana lhes abriu uma espécie de passagem que dava até o reino das ninfas: um lugar todo florido, cheio de árvores, onde os pássaros fizeram um coro para recebê-los. A manhã estava radiante, assim como o rosto de felicidade de Ana.

Chegando lá, após dezesseis anos de espera, eles foram recebidos pela rainha, que logo os levou ao seu palácio, e lá, com muita alegria, pôde rever sua filha e seu amado. Agora os dois eram apenas amigos, mas a admiração de um pelo outro ainda existia. Eles se cumprimentaram. Ana conseguiu se sentir em casa, como se estivesse envolvida em um abraço quentinho. Ela se sentia bem, afinal o lugar era lindo e fazia com que Ana sentisse uma sensação que nunca havia sentido antes, ela não era capaz de explicar, apenas sentir.

Após longas horas de conversa entre eles, Ana resolveu permanecer ao lado de sua mãe, e seu pai voltou para sua vida normal. Ana, de vez em quando, ia visitar seu pai no pequeno vilarejo.

Ao saber de toda a história, o povo de Lampião ficou muito contente e desde então, toda vez que Ana estava de visita à cidade, era celebrada uma festa para ela. A menina passou a ser uma espécie de guardiã da vila, trazendo, assim, a tranquilidade e a paz entre os dois reinos.



# CONTO XVIII

## **LUCENA E AS ERVAS CIDREIRAS**

*Mônica do Nascimento Silva*

Em um pequeno povoado da cidade Sol Alegre, havia uma menina aventureira, que amava correr pelo cajueiral próximo ao cercado de sua casa. Seu nome era Lucena. Lucena morava com seu pai, Pedro, e sua mãe, Raimunda. Seu Pedro era um pescador que amava contar histórias sobre suas pescarias noturnas e as visagens que apareciam no rio. Dona Raimunda era confeitadeira, fazia bolos e biscoitos deliciosos e os vendia na cidade.

Lucena buscava sempre ajudar a mãe em suas tarefas domésticas, pois percebia que ela já estava exausta de tanto trabalho. Então, a pequena sempre acordava cedo para limpar a casa. Um dia, estava varrendo o terreiro quando sua mãe lhe falou:

— Lucena, teu pai amanheceu doente! Vai pegar umas folhas de erva cidreira para eu fazer um chá bem quente para ele!

— Certo, mamãe, já estou indo! — Respondeu a filha rapidamente.

— Tenha cuidado e não vá muito longe! — Alertou Dona Raimunda.

Lucena disse prontamente:

— Não se preocupe, mamãe, eu vou levar minha baladeira!

Dona Raimunda acenou com a cabeça e riu da inocência da filha, que passou a andar sempre com uma baladeira, após ouvir o pai falar de uma feiticeira que morava nas redondezas e, que, nas sextas-feiras, ia para a beira do rio realizar feitiços que assombravam os pescadores.

E assim foi Lucena, com uma sacola para colocar as ervas e com a baladeira pendurada no cós da saia.

Primeiro, a menina pulou o cercado e adentrou no cajueiral, onde era acostumada a entrar; logo lembrou onde tinha visto um pé de erva cidreira na manhã anterior. Então, andou, andou, e o encontrou, porém, as folhas estavam amareladas e muito miúdas. Lucena não queria que o pai tomasse o chá daquelas folhas tão feias, pois imaginava que não trariam sua saúde de volta. A pequena não hesitou e continuou caminhando.

Em certo ponto do percurso, Lucena sentiu medo, pois notou que estava longe de casa e nunca tinha ido tão distante; resolveu pegar algumas pedras e colocar no bolso da saia, para usar sua arma de defesa, caso fosse preciso.

Lucena caminhou, caminhou, caminhou, até que avistou um canteiro com lindas ervas, e entre elas, havia um lindo pé de cidreira. Alegrou-se, pois já estava sem esperança de encontrá-las. A menina abriu a sacola e começou a encher com as folhas verdes e cheirosas. De repente, Lucena leva um grande susto ao ouvir uma voz rouca dizendo:

— Afaste-se do meu canteiro agora!

Lucena virou-se imediatamente para a direção de onde vinha a voz e viu uma senhora alta, de cabelos bem pretos, pele assustadoramente branca, dedos compridos, com unhas enormes usando um vestido longo da cor de vinho e segurando uma espécie de cajado com um cristal cor de rosa na ponta. A mulher apresentava uma expressão de ira e seus olhos saltavam sobre a criança.

Ao ver a figura, Lucena logo lembrou da história que seu pai havia contado e um frio perpassou seu corpo. A terrível mulher gritou:

— Solte minhas ervas!

Nesse momento, Lucena não conseguiu pronunciar uma palavra e percebeu logo que, naquela situação, sua arma de defesa não serviria.



Então decidiu correr, porém, levando as ervas consigo, visto que o pai precisava delas para ficar bem.

Ao ver que a menina levava a sacola cheia de suas ervas, a mulher sentiu ódio e lançou um feitiço sobre a pequena:

— Roubou as minhas ervas achando que eu não iria notar, agora para casa nunca mais saberá voltar!

Dizendo essas palavras, a feiticeira apontou seu cajado em direção à Lucena, que não ia longe, e conseguiu ouvir a frase dita pela feiticeira.

Atordoada, Lucena esqueceu completamente o caminho de casa, e não sabia qual rumo seguir. Mesmo assim, continuou correndo, na tentativa de se esconder da terrível mulher. Quando não pôde mais correr, a menina parou e sentou-se embaixo de uma grande árvore cheia de tamarindos. Sem saber o que fazer, começou a chorar.

Chorou, chorou e chorou, até que foi interrompida por uma voz que dizia:

— Não chore mais! Eu sei como te ajudar!

Lucena levantou a cabeça imediatamente e viu um gato belíssimo, com pelos brilhantes e negros da cor da noite. Seus olhos eram amarelados e sua calda muito peluda. O gato tinha um jeito meigo e uma voz suave. Lucena lhe interrogou:

— Como vai me ajudar se não sabe onde eu moro?

O gato logo respondeu:

— Não sei onde você mora, mas vi que a Medonha te lançou um feitiço e sei como desfazê-lo.

— Medonha? Esse nome combina bem com ela! — Disse Lucena sorrindo.

— Por falar em nome — disse o gato — o meu é Amorim. E o seu?

— Lucena, disse a menina sem nenhuma animação.

— Então, Lucena, eu sei tudo sobre aquela megera e posso lhe ajudar. Em troca você me tira desse lugar, não aguento mais ter que caçar calangos para sobreviver.

A menina então respondeu:

— Tudo bem! Levarei você comigo! Mas como iremos quebrar esse encanto?

O gato logo perguntou sabiamente:

— Você viu aquele cristal na ponta do cajado da Medonha?

— Sim, vi. É cor de rosa! — Acrescentou Lucena.

— Pois bem, naquele cristal está todo o poder da feiticeira. Se quebrarmos o cristal, você lembrará o caminho de casa.

— Não tenho coragem de voltar lá! — Disse a pequena muito triste.

— E o que fará? Comerá calangos também? — Sorriu Amorim.

Lucena pensou e decidiu acompanhar o gato. No caminho, eles conversavam sobre o plano para quebrar o cristal. O gato disse:

— Ao meio-dia, ela se senta na grande mesa para almoçar e deixa seu cajado sobre uma estante na sala.

— Como sabe disso tudo? — Perguntou Lucena.

— Gatos são muito observadores, e como não tem muito o que fazer por aqui, já decorei a rotina dela. Sempre vou por lá na tentativa de obter alimento.

— Então o cajado estará na sala. Mas como entraremos sem ser vistos? — Questionou Lucena.

— É...eu não pensei nessa etapa ainda! — Falou o gato desconfiado.

— Estamos fritos, hein?! — Disse Lucena enquanto sacudia a cabeça negativamente.

— Mas vamos andando, lá a gente vê como está o local! — Disse o gato na tentativa de animar a menina.

Os dois continuaram a andar, até que chegaram à casa da Medonha. Era uma casa grande e velha com portas e janelas bem grandes. O gato foi o primeiro a se aproximar do casarão. Deu a volta, subiu na janela da cozinha e lá estava: a Medonha sentada à mesa comendo sem parar. Amorim desceu e foi chamar Lucena. O gato e a menina foram até a porta da frente e viram que estava fechada, porém uma das janelas estava aberta. Os dois olharam e logo avistaram o cajado, foi então que Lucena teve a brilhante ideia de usar sua baladeira para atirar contra o cristal.

A pequena pegou sua baladeira, retirou uma pedra do bolso e apontou na direção do cristal. Teve medo, pois sabia que se errasse o tiro, a feiticeira os ouviria e seria o fim da sua esperança de voltar para casa. Lucena respirou fundo, puxou o elástico e soltou. A pedra voou e acertou em cheio o cristal cor de rosa que se partiu em quatro pedaços. Nesse momento, ouviram um grande grito da feiticeira, que logo surgiu na sala com uma feição de pavor. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, a Medonha sumiu como fumaça diante dos olhos de Lucena e Amorim, paralisados de medo.

Depois disso, Lucena conseguiu lembrar o caminho de casa e seguiu seu destino junto de Amorim, seu mais novo amigo e amuleto da sorte. Levou consigo também a sacola de ervas cidreiras que deram a saúde de seu pai.

## ORGANIZADORA



### **Márcia Maria Fonteles Vasconcelos**

Professora da área de Língua Portuguesa do IFCE campus Acaraú. Formada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA (2013). Possui especialização em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Cândidos Mendes - UCAM (2017) e em Gestão Escolar pela Faculdade São Luís (2018). É mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2022). Possui experiência na área de ensino, desde o funda-

mental até o ensino superior, tendo atuado também como coordenadora e diretora escolar na rede estadual. Interessa-se pelas áreas de descrição e análise linguística, aquisição da linguagem, literaturas diversas e formação de professores.

E-mail: [marcia.fonteles@ifce.edu.br](mailto:marcia.fonteles@ifce.edu.br)



O presente livro é composto por dezoito contos construídos e adaptados ao longo de uma disciplina, em que foi possível fazer estudos, rever conceitos e evidenciar, na prática, como produzir algo e encantar por meio da literatura. Com diferentes perspectivas, os contos ilustram as cenas prototípicas das histórias já mundialmente conhecidas, mas as trazem investidas de novas performances, partilham de outras dores, de outras descobertas.

Trazem também o que não é convencional, o que a literatura moderna já permite entrever como classificatório do infantojuvenil, mas que não se limita a esse universo, nem pela conceituação, nem pelas características que lhes são, aparentemente, inerentes. Um mundo de riquezas e de possibilidades.

Espaço para partilha do sentimento que cada personagem traz. Convido-o, pois, a ser como Adília que, no conto (p. 100), assim se mostra:

*A curiosidade da menina, no entanto, era tamanha que ela sequer conseguia se conter. 'São formiguinhas caminhando pelo meu corpo todo'. Assim descrevia a sensação que tinha quando estava curiosa. E 'tanto tempo sozinha na casa, entediada pela falta do que fazer, fazia com que a quantidade de formiguinhas caminhando pelo seu corpo aumentassem' — ela pensava. 'E, talvez, quando conseguisse entrar no quarto de Terê, as formiguinhas deixariam o seu corpo. O mistério seria descoberto'.*